

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC- SP

SÍLVIA MOREIRA

O SABER E FAZER DA COMUNIDADE TRADICIONAL CAIÇARA DA PRAIA DO
BONETE NA ILHABELA

Mestrado em História da Ciência

SÃO PAULO
2009

SÍLVIA MOREIRA

O SABER E FAZER DA COMUNIDADE TRADICIONAL CAIÇARA DA PRAIA DO
BONETE NA ILHABELA

História da Ciência

Dissertação apresentada à Banca
Examinadora da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para a
obtenção do título de Mestre em
História da Ciência, sob a orientação
da Prof. Dr. Ubiratan D'Ambrosio.

SÃO PAULO

2009

Banca Examinadora

Dedico ao meu pai Lauro Abranches Moreira (em memória) que sempre me ensinou a mostrar honestidade, dignidade e respeito por todas as pessoas, independentes da cultura ou da classe social.

Dedico a minha mãe Hilda Mendes Moreira (em memória) que sempre, com a sua conduta, ensinou-me o valor da paciência, do afeto, da dedicação incansável.

Dedico a minha irmã Zilda Mendes Moreira Rangel (em memória) que sempre desenvolveu em mim o interesse e o gosto pelo conhecimento.

Dedico, também, esta dissertação aos membros da comunidade tradicional caiçara da Praia do Bonete, em Ilhabela – SP que me acolheram e permitiram que eu participasse de suas vidas, assim como eles passaram a fazer parte da minha.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, a **Deus**, pela vida e por todas as oportunidades que me oferece.

Meus sinceros e profundos agradecimentos ao **Prof. Dr. Ubiratan D'Ambrosio**, meu orientador, meu mestre e parceiro, pela amizade, atenção, incentivo, paciência e dedicação, por introduzir-me no mundo da etnomatemática e pelas palavras certas nas horas dos obstáculos quer na pesquisa, quer na vida pessoal, quer nas atividades profissionais. Profissional sério, digno e ético, que tornou esta dissertação de retorno intelectual e humano imensurável. Ao senhor Prof. Ubiratan, minha amizade e o meu respeito. O senhor sempre será lembrado, onde quer que eu vá, e seus ensinamentos estarão presentes na minha conduta como educadora e como ser humano.

Agradeço à **Secretaria de Educação do Estado de São Paulo** que concedeu a Bolsa de Estudo, sem a qual não teria sido possível a realização desta dissertação.

Agradeço a minha irmã **Zélia Moreira Caltabiano e sua família** pelo enorme apoio durante toda minha vida e, especialmente, neste período de mestrado, pelas inúmeras horas de paciência, ouvindo e aconselhando-me nas alegrias, nas tristezas, nas dúvidas e nas dificuldades. Zélia, em todos os meus momentos, será lembrada pela dedicação e carinho.

Agradeço a minha irmã **Maria Eliza Moreira Carvalho e sua família** pela atenção, pelo grande apoio e incentivo, desde o início deste meu projeto de ser mestra, apesar de estarem longe, estavam sempre em contato para saber como estava a minha estada em São Paulo e como estava no curso. Maria Eliza, muito obrigada, sempre será lembrada pela sua garra, luta e afeto comigo.

Agradeço a minha irmã **Maria Aparecida Moreira Heidtmann e sua família** pelo interesse pelos meus estudos, prontos para ajudar no que fosse preciso e sempre com grande alegria para saber como estava sendo realizada a pesquisa. Cidinha, muito obrigada, sempre será lembrada com muito carinho a sua participação.

Agradeço ao meu irmão **José Luís Mendes Moreira e sua família** pelas inúmeras vezes em que estiveram, sempre prontos e paciosos para me levar

e/ou pegar bem cedinho ou tarde da noite na rodoviária. José Luís, muito obrigada, sem sua ajuda não conseguiria terminar esta empreitada.

Agradeço ao meu amigo **Wilson Santana dos Santos** que me apresentou a Ilhabela, onde tive o prazer de fazer esta pesquisa. Wilson sempre lembrarei de você como exemplo de amizade.

Agradeço a grande amizade demonstrada pela minha amiga **Marta Mazzilli de Vassimon** que sempre deu apoio para eu ficar em São Paulo, e também, pondo sua casa de Ilhabela como ponto de apoio para as pesquisas na praia do Bonete e na Vila. Marta, muito obrigada, sempre lembrarei de você com amizade, carinho, dedicação, confiança e incentivo nas horas de desânimo e de alegria.

Agradeço, pelo grande afeto, alegria, amizade, acolhimento a minha amiga **Elizeth Fecuri** que sempre deixou a sua casa a minha disposição em São Paulo, onde sempre fui bem recebida por ela e por suas sobrinhas. Elizeth, muito obrigada, sempre lembrarei de sua dedicação, preocupação, incentivo e companheirismo durante estes anos de muito trabalho.

Agradeço ao companheirismo e a fiel amizade do meu amigo **César Augusto Sverberi Carvalho** em nossas viagens para a PUC-SP e na Escola Estadual Conselheiro Rodrigues Alves, onde trabalhamos juntos neste período de estudo, com dúvidas e inseguranças, sempre demonstrando afeto, paciência e dedicação.

Agradeço a minha amiga, desde adolescência, **Ana Cristina Stiebler Vilela Leite** que esteve, neste período, sempre colaborando com minha pesquisa e pronta para ouvir as alegrias e aborrecimentos da caminhada em relação à realização.

Agradeço ao professor e amigo **Sergio Cobianchi** que me deu grande apoio e ajuda preparatória para as provas de ingresso no mestrado e, durante o curso, sempre se mostrou pronto a ajudar. Sergio sempre será lembrado por sua generosidade.

Agradeço, também, a supervisora **Eliana Maciel** pelas orientações e controle da bolsa, tarefas que realizou com muita dedicação. Eliana sempre será lembrada com muito carinho por todo o incentivo. Que sempre estava pronta a oferecer.

Agradeço à diretora **Nísia Maria da Silva Neto**, vice-diretores **Pedro Ribeiro Carvalho Filho**, **Claudina Teixeira de Moraes** e **Beatriz A. Santos Machado**, as coordenadoras **Elizabeth Kalil Chad** e **Maria Regina Rodrigues da Silva**, todos os meus colegas **professores** e os **funcionários** pelo estímulo e paciência, sempre torcendo para eu chegar ao fim deste trabalho com sucesso.

Agradeço a banca da minha qualificação, **Profª. Dra. Lílian A. C. Pereira Martins e Prof. Dr. José Luís Goldfarb** pelas boas orientações e grandes contribuições que fizeram para minha pesquisa.

Agradeço a todos os **professores, colegas e amigos** do mestrado.

Agradeço, em especial, a **Renata Mourão, Edaival Mulatti, Reno Stagni e Veranice Canato** que sempre demonstraram amizade e acolheram-me com afeto.

Agradeço ao meu amigo escritor e professor **Ariosto Augusto de Oliveira** que trabalhou incansavelmente, na revisão das entrevistas e dos textos. Ariosto, sempre lembrarei de você com especial carinho pela sua amizade e ajuda que me concedeu neste período.

Agradeço ao meu amigo **Denivaldo Macedo Quintino**, por sua amizade, seu carinho de estar sempre pronto para ajudar. Será sempre lembrado por sua grande colaboração.

Agradeço a amizade demonstrada pelo meu amigo ilhabelense **Flávio Miguez** (Barba) que, com muito carinho e paciência; foi-me introduzindo junto aos boneteiros. Barba, sempre lembrarei de você com muita gratidão.

Agradeço a amizade e a companhia do meu amigo ilhabelense **Messias Silvestre**, nas horas de alegria e, também nas horas de incertezas desta pesquisa. Messias, sempre lembrarei de você com gratidão e carinho.

Agradeço a amizade demonstrada do amigo **Charles Siervi Lacerda** que, com muita paciência, nos meus momentos de ansiedade, estava sempre pronto a escutar e me acalmar através de seus conselhos.

Agradeço a minha amiga de infância e colega professora **Maria da Glória de Figueiredo Freitas Vilela Leite**, sempre disponível para revisar meus textos, mostrando grande interesse pela minha linha de pesquisa na História da Ciência.

Agradeço a minha amiga boneteira **Erica de Jesus e sua família** por terem colaborado com todos os cuidados e atenção. Sempre lembrarei de vocês com gratidão.

Agradeço a todos **os boneteiros** que deram entrevista e outros que não deram, mas me receberam de braços abertos e ajudaram com muito carinho a realização deste trabalho.

Agradeço **aos antigos e novos amigos** que participaram das atividades para realização desta pesquisa, compartilhando amizade, esperanças e novos sonhos.

RESUMO

A presente pesquisa foi desenvolvida na comunidade tradicional caiçara da Praia do Bonete, em Ilhabela, litoral sul do Estado de São Paulo. É uma comunidade de canoeiros e pescadores considerada isolada, já que o lugar só é acessível por uma trilha de 13 km, ou pelo mar.

A escolha de tal comunidade se deu pelo fato de a vida ali acontecer fora dos padrões sociais condicionantes daquilo que, não faz muito tempo, era conhecido como único modelo de civilização.

A pesquisa teve como objetivo descrever as manifestações de sobrevivência e transcendência da população local nos seus aspectos cotidianos e culturais. Para isso, buscamos fundamentação teórica na Etnomatemática, que estuda as várias maneiras de explicar e entender os distintos contextos naturais e socioeconômicos diferenciados no tempo e no espaço.

A pesquisa descritiva qualitativa possui algumas das características dos estudos antropológicos, cuja prática é a etnografia dos efeitos do contato da cultura com outras culturas no âmago do seu dinamismo. A proposta é observar a produção de conhecimento surgida da necessidade que a comunidade tem de se estabelecer de modo independente, e, nessa dinâmica de produção de conhecimento, estudar o processo de difusão dessa cultura, pesquisar como são construídas suas canoas, anotar seus hábitos e rituais religiosos, fazendo emergir as matemáticas produzidas, e ainda descrever o processo de vida do povo boneteiro.

Palavras Chave: História da Ciência – Programa Etnomatemática – Cultura – Sociedade – Pescador – Canoa

ABSTRACT

This research was developed inside a traditional fishing community located in region of Praia do Bonete, city of Ilha Bela, State of São Paulo, South Coast of Brazil. Such community is composed of fishermen and boatmen and it is considered an isolated area, since the only way to reach it is by sea or through a 13 KM route along the forest. This community was chosen because it has been living out of social conditioning patterns that are known as part of the whole civilizing model. This research main goal is to describe the surviving and transcendence aspects of this Praia do Bonete fishing community regarding its main daily activities and cultural approach. This research was based on the Etnomathematics Theory that studies the ways to explain and to understand natural and socio-economic contexts in different time and space perspectives. The qualitative descriptive research has some anthropological studies aspects which application is the ethnography of the contact between different cultures inside a dynamic cultural context. This research proposes: to observe this independent community knowledge production process, to study its cultural diffusion process, to research how they produce boats, its main religious and social habits and to identify its life and mathematical processes.

Key words: History of Science – Etnomathematics Program – Culture – Society – Fishermen - Boat

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Comunidade do Bonete	19
Figura 2: Mapa Intencional das pesquisas por escritor	25
Figura 3: Ciclo do Conhecimento d'ambrosiano	29
Figura 4: Foto área da Praia do Bonete	35
Figura 5: Parque Estadual Florestal de Ilhabela	39
Figura 6: Visão da chegada de canoa no Bonete	40
Figura 7: Mapa de Ilhabela	42
Figura 8: Acessos ao Município de Ilhabela	44
Figura 9: População caiçara	49
Figura 10: Igreja Matriz de Nossa Senhora D'Ajuda e Bom Sucesso	55
Figura 11: Afresco de Nossa Senhora D'Ajuda e Bom Sucesso	55
Figura 12: Festa de São Benedito	57
Figura 13: Parque estadual de Ilha Bela	61
Figura 14: Yatch Clube de Ilhabela	62
Figura 15: Mapa do Bonete	69
Figura 16: Vista da praia do Bonete chegada pela trilha	70
Figura 17: Trilha para Praia do Bonete	72
Figura 18: Canoas Boneteiras	73
Figura 19: Rio Nema	74
Figura 20: Placa na árvore	75
Figura 21: Placa de nome de rua	76
Figura 22: Fotos placas de rua	76
Figura 23: Casal Paixão e Rosália	77
Figura 24: Restaurante Mc Bonet's	80
Figura 25: Casa de Pau-a-Pique	81
Figura 26: Rua interior da praia do Bonete	81
Figura 27: Crianças Boneteiras	82
Figura 28: Toca do Negro Estevão	85
Figura 29: Telefone Público	94
Figura 30: Donora de Meias	95
Figura 31: Santa Verônica	98
Figura 32: Igreja de Santa Verônica	99

Figura 33: Canoa	107
Figura 34: Pescadores Boneteiros	111
Figura 35: A bocada da canoa	120
Figura 36: Comprimento canoa boneteira	122
Figura 37: Madeira lascada cortada na lua errada	129
Figura 38: Instrumentos utilizados na construção da canoa	131
Figura 39: Puxada da canoa	132
Figura 40: Canoa Ebenézer	134
Figura 41: Enxó	135
Figura 42: Interior da canoa	136
Figura 43: Remo	138

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
 CAPÍTULO I – SURGIMENTO DA MATEMÁTICA SOCIAL	 20
1.1 História da Etnomatemática	20
CAPÍTULO II – METODOLOGIA DA PESQUISA	33
2.1. Pesquisa Qualitativa Etnográfica.....	33
2.2. Procedimentos de Pesquisa	37
CAPÍTULO III – O MUNICÍPIO DE ILHABELA	42
3.1 Localização do município de Ilhabela	42
3.2 Acessos ao município de Ilhabela	44
3.3 História de Ilhabela	45
3.3.1 Etnia dos Ilhabelenses	
3.3.2 Vila - centro histórico de Ilhabela	
3.3.3 Festa popular de Ilhabela – São Benedito	
3.3.4 Artesanato na Ilhabela	
3.3.5 Tradições culinárias caiçaras	
3.3.6 Parque estadual de Ilhabela	
3.3.7 Ilhabela capital da vela	
3.3.8 Naufrágios na Ilhabela	
3.3.9 Piratas em Ilhabela	
CAPÍTULO IV – PRAIA DO BONETE	69
4.1 Localização	71
4.2 Acessos	71
4.2.1 Trilha para Praia do Bonete	
4.2.2 Lancha ou Canoa Boneteira	
4.3 Origem dos Boneteiros	82
4.3.1 Raízes Européias	
4.3.2 Raízes Africanas	
4.3.3 Raízes Indígenas	
4.4 Origem do nome Bonete	88
4.5 Associação dos moradores do Bonete	91
4.6 Eletricidade	92

4.7 Alimentação	93
4.8 Comunicação	94
4.9 Borrachudo	95
4.9.1 Remédios natural usados pelos boneteiros	
4.9.2 Como é cuidado de mordida de bicho na Praia do Bonete	
4.10 Padroeira do Bonete: Santa Verônica	97

CAPÍTULO V – O SABER E O FAZER NO COTIDIANO BONETEIRO: HISTÓRIA, AS ARTES E AS TÉCNICAS 102

5.1 História da navegação	102
5.1.1 História da embarcação	
5.2 Sociedade matematicamente organizada	109
5.3 Símbolos que pertencem a comunidade étnica boneteira	115
5.4 A etnomatemática e a construção das canoas boneteiras	119
5.4.1 Construção das canoas boneteiras	

CONSIDERAÇÕES FINAIS 139

BIBLIOGRAFIA 141

ANEXOS

ANEXO A - Mapa do Bonete

ANEXO B - Documento da Prefeitura

ANEXO C - Entrevistas

 Requerimentos e Termos de Compromisso dos Entrevistados

INTRODUÇÃO

TRAJETÓRIA

Como paulistas do Vale do Paraíba, fomos criados em família de sete irmãos, cinco mulheres e dois homens, pai professor, chefe de escoteiros, fazendeiro, pecuarista, político e mãe do lar. Tivemos uma educação em casa tradicional, num ambiente de muita leitura.

Nosso pai, naquela época, década de 1960 e 1970, fazia assinatura de um jornal diário; todos os dias, à tarde, um de nós tinha que ir à praça principal para comprar o jornal vespertino. Em nossa casa havia um quarto destinado aos livros, cujos volumes abordavam assuntos variados.

Era casa sempre com muitas visitas, mesa posta para café, almoço para todos que chegavam e, durante o dia, aprendemos a receber as pessoas sem fazer distinção de raça ou classe social.

Nossa formação escolar foi realizada, desde o jardim de infância até a terceira série do antigo primário, na Escola Estadual Flamínio Lessa; as séries posteriores foram cursadas na Escola Estadual Conselheiro Rodrigues Alves, até o término do segundo grau, hoje o ensino médio; as duas escolas estão localizadas na cidade natal, Guaratinguetá.

Houve neste período de ginásio e colegial um aspecto interessante: a nossa classe, a partir da quinta série até o último ano do colegial, foi preenchida com mesmos colegas, pois a classe era selecionada pelas notas, mas não tínhamos consciência disso naquela época.

Esta classe sofreu no colegial, hoje ensino médio, influência muito grande de duas irmãs, excelentes professoras de matemática, que lecionaram a disciplina citada nos três anos do curso e, como consequência, grande parte da turma foi procurar o curso de bacharelado e licenciatura em matemática.

No ano de 1974, ingressamos na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, iniciando o nosso bacharelado em matemática pura na Rua do Carmo, no centro de São Paulo e, no ano seguinte, o curso foi transferido para a Rua Marquês de Paranaguá, onde continua localizado até hoje.

Ao término dos quatro anos do bacharelado, cursamos mais um ano de licenciatura, isto é, estudamos as disciplinas didático-pedagógicas.

Neste período, fomos morar em São Paulo com a nossa irmã, dezoito anos mais velha, casada, professora de história e com seu marido, também professor de educação física, mais tarde diretor e, posteriormente, indo trabalhar como administrador de empresas em uma grande companhia do setor de telecomunicações.

Enquanto moramos com eles, continuamos nossa formação familiar, focando estudo e trabalho, aprendendo a valorizar o ser humano como ele é, e não pelo que ele possui.

Quando cursávamos a faculdade, fizemos estágios em empresas, nos departamentos de informática, trabalhamos como operadora, programadora de computadores e analista de sistemas. Em um determinado período, fomos para o departamento de treinamento, passamos a dar aulas de introdução à informática e, no período noturno, lecionávamos matemática em um curso técnico de uma escola particular na cidade de São Paulo.

Em 1982 iniciamos o mestrado na USP. A empresa cedia o período de trabalho para irmos às aulas, mas, infelizmente, após quatro meses de curso, ficamos doentes por três meses, sem podermos caminhar. Interrompemos o curso e não tivemos oportunidade de retornarmos.

Em 1984, tomamos a decisão de estudarmos e trabalharmos nos Estados Unidos, onde já viviam alguns amigos e ficamos neste país por quatro anos. Trabalhávamos no setor de informática em um escritório e estudávamos inglês. Nesta época, alimentamos o ideal de participar de algum movimento que tivesse ações para fazer um mundo melhor, mas, nos decepcionamos com as instituições.

Em 1988 retornamos ao Brasil e continuamos trabalhando no setor privado. No final de 1989, fomos morar em Portugal, onde trabalhamos em empresas no setor de informática, permanecendo a maior parte do tempo em uma companhia sueca.

Retornamos ao Brasil em 1996, trabalhamos em São Paulo por alguns anos; mais tarde, voltamos ao interior, para fazermos companhia e cuidarmos da nossa mãe, a qual já estava com idade avançada.

No ano de 2003 prestamos o concurso para professora do Estado de São Paulo, no qual fomos bem classificados, podendo escolher o cargo na nossa cidade e na mesma escola em que estudamos.

Trabalhando dois anos em sala de aula com alunos do ensino fundamental e médio, fomos constatando que não era mais possível, nem viável, ficarmos ensinando matemática, a mesma que aprendemos, quase da mesma forma, com poucas mudanças para alunos de outra época. Esta constatação angustiava-nos, todavia não tínhamos noção de como resolver este impasse.

Quando ficamos sabendo da bolsa mestrado, oferecida pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, fomos verificar as possibilidades e escolhermos um programa para cursar e encontramos na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde já havíamos realizado nossa graduação, o programa da História da Ciência, pelo qual ficamos interessados pela grande afinidade com história da matemática.

Fomos conversar com o amigo, Prof. Dr. Sergio Cobiانchi, com quem tínhamos assistido algumas aulas de história da matemática, e ele foi grande incentivador para a preparação em vista da seleção.

Transposta a seleção, iniciamos, no segundo semestre de 2006, o bastante sonhado mestrado, tendo recebido como orientador da minha dissertação, o Prof. Dr. Ubiratan D'Ambrosio, o que muito nos alegrou.

Neste momento, pensávamos em preparar uma dissertação dentro da história das funções, mas não tínhamos nada muito definido, estávamos longe do ambiente acadêmico. Fomos assistindo às aulas do nosso programa e, também, às aulas do professor Ubiratan, de história e filosofia da matemática, como ouvintes.

Começamos a participar do grupo de orientandos do professor e, com estas aulas e este grupo, fomos ampliando os nossos horizontes, como pessoa, como professora e, conseqüentemente, mudando os nossos objetos de interesse para estudo.

DECISÃO DE PESQUISA

Transcorrendo o primeiro semestre do mestrado, fomos apresentados aos conceitos de matemática multicultural e de etnomatemática pelo Prof^o. Dr. Ubiratan

D'Ambrosio e pelos nossos colegas de orientação, fato este que despertou a nossa curiosidade, quando então iniciamos as leituras nesta linha de pesquisa.

Antes do final do primeiro semestre, nós já tínhamos certeza de que queríamos fazer nossa dissertação dentro da etnomatemática e não mais dentro da história das funções. Quanto mais conhecíamos o programa etnomatemática, mais encontrávamos caminhos para os nossos questionamentos; questões estas que nos fizeram procurar o mestrado, isto é, motivações para continuarmos trabalhando com educação e os problemas de desinteresse dos alunos para conteúdo tradicional da matemática escolar.

Com esta nova visão da matemática social, fomos recuperando nossa esperança na nossa profissão de educadora, encontrando um caminho a estudar e seguir, o qual fica muito bem fundamentado pelo esclarecimento da Prof^a. Dr^a. Maria do Carmo S. Domite, quando escreve:

Porém, inúmeros estudiosos de diferentes campos do conhecimento admitem que ao chamar atenção – e este tem sido um alerta essencialmente d'ambrosiano – para o fato de que uma das maiores distorções históricas foi a de identificar a matemática somente com o pensamento grego-europeu, D'Ambrosio vem contribuindo enormemente com a construção do pensamento (matemático) contemporâneo. E uma das funções da etnomatemática tem sido a de procurar as contribuições diversas das culturas variadas para tal construção.¹

Portanto, se já tínhamos tomado a decisão de trabalhar com etnomatemática, como fundamentação teórica, área de pesquisa que contribui para restaurar a dignidade cultural e oferece ferramentas intelectuais para conseguir o exercício da cidadania, enaltece os valores do ser humano como ética, solidariedade e dignidade, precisávamos escolher um objeto para esta pesquisa, no qual os nossos estudos pudessem ser úteis ao respeito e à conservação destes valores.

Levantamos todos os dados da realidade que tínhamos neste momento, a saber, morarmos longe de São Paulo, recursos econômicos curtos, nosso Programa da História da Ciência, portanto, precisávamos encontrar um objeto pelo qual nos apaixonássemos, pois iríamos trabalhar nele, no mínimo, durante dois anos.

Entretanto, iniciamos o diálogo com amigos e familiares sobre esta decisão, quando uma amiga sugeriu o Bonete, de localização relativamente próxima, em Ilhabela, onde, desde 1980, frequentamos com assiduidade, e tendo como

¹ Domite, "Ubiratan D'Ambrosio e a Etnomatemática," 143.

frequentador do Bonete, um amigo para nos introduzir na comunidade boneteira e despertar a curiosidade para as atividades matemáticas cotidianas de sobrevivência desta comunidade.

Após refletirmos sobre as possibilidades, definimos nossa escolha, apesar de pensarmos que, para chegarmos lá, nós dependíamos da condição do mar ou uma trilha de treze quilômetros de muitas subidas, mas, quando pensávamos sobre a comunidade propriamente dita, tomamos a decisão definitiva; não poderíamos deixar perder a cultura, as manifestações matemáticas desta comunidade tradicionalmente caiçara.

Assim, nasceu esta pesquisa tendo como objetivo descrever as manifestações de sobrevivência e transcendência da população caiçara da praia do Bonete, em Ilhabela, nos aspectos de suas atividades cotidianas e de sua cultura, entendendo cultura na definição do Prof. Ubiratan D'Ambrosio, o qual esclarece:

Ao reconhecer que os indivíduos de uma nação, de uma comunidade, de um grupo compartilham seus conhecimentos, tais como a linguagem, os sistemas de explicações, os mitos e cultos, a culinária e os costumes, e têm seus comportamentos compatibilizados e subordinados a sistemas de valores acordados pelo grupo, dizemos que esses indivíduos pertencem a uma cultura.²

Visando à perspectiva de totalidade, procuramos entendê-la como a não-decomposição da realidade, embora, em dados momentos, esta se particularizasse, tivemos sempre em mente examiná-la à luz do foco mais amplo, em termos de comunidade como um todo.

Na escolha para estudo da cultura matemática boneteira, tínhamos como objetivo mostrar, dentro das atividades boneteiras, o que era originado da matemática ocidental, isto é, de aprendizagem na escola e o que era matemática natural, da comunidade. Com o decorrer da pesquisa, fomos compreendendo melhor o que era etnomatemática e fomos ampliando nosso olhar para as atividades cotidianas culturais da comunidade escolhida e para atividades de sobrevivência desta população.

No caso dos habitantes da praia do Bonete, trata-se de uma população de tradição oral, portanto, seus saberes matemáticos, isto é, as ideias de comparar, classificar, quantificar, medir, explicar, generalizar, inferir, avaliar não vieram da

² D'Ambrosio, *Etnomatemática: Elo entre as Tradições*, 18-19.

escola, mas do ambiente familiar, do trabalho e das relações de amizade. Assim a produção de conhecimentos surge de sua forma de organização, de suas crenças e da lógica interna do grupo, dialoga com o meio em uma relação dialética.



Figura 1: Membros da Comunidade do Bonete em janeiro de 2008

Acreditamos que a presente pesquisa faz-se oportuna em um contexto da História da Ciência, incluída na linha de pesquisa denominada História, Ciência e Cultura, que compreende estudos sobre formas de se considerar a natureza, o homem e as técnicas desenvolvidas dentro de diferentes contextos culturais, sua inter-relação com outras formas de conhecimento e outras culturas, a transmissão desses conhecimentos e suas transformações na história.

CAPÍTULO I – SURGIMENTO DA MATEMÁTICA SOCIAL

1.1 - HISTÓRIA DA ETNOMATEMÁTICA

Vamos esclarecer que a história da matemática que temos hoje é a história de uma das etnomatemáticas, a história da matemática ocidental. A história da Etnomatemática não seria possível nesta dissertação, pois teria que descrever as manifestações matemáticas para sobrevivência e transcendência de todos os povos, desde a pré-história até atualmente e essa tarefa seria um trabalho de muitos anos, para vários pesquisadores. Então, fizemos a opção por uma explanação da origem da Etnomatemática, passando a esclarecimento sobre o que é a Etnomatemática e para terminar escrevendo sobre seu desenvolvimento.

As descobertas científicas desenvolvidas nos últimos tempos mostram-nos que a presença do homem na Terra começa a cerca de seis milhões de anos na África, com os primeiros hominídeos a adotar a postura bípede, característica que nos distingue de todos os demais primatas. Alimentavam-se de plantas e de restos de carne que raspavam das carcaças dos animais mortos, usando instrumentos rudimentares de pedra, os quais foram construídos pelo chamado *Homo habilis*, o qual apareceu na África por volta de dois milhões de anos atrás, explica Ubiratan D'Ambrosio que:

É claro que a pedra, lascada com esse objetivo, deveria ter dimensões adequadas para cumprir sua finalidade. A avaliação das dimensões apropriadas para a pedra lascada talvez seja a primeira manifestação matemática da espécie.³

O *Homo erectus*, africano e surgido há cerca de um milhão e seiscentos mil anos, aprendeu a utilizar o fogo e chegou a várias regiões da Ásia e da Europa. O homem moderno, *Homo sapiens*, talvez, tenha surgido entre trezentos mil e duzentos mil anos atrás, ainda na África, e, dali, emigrou para ocupar os demais continentes. Este homem já falava, pensava e interferia na natureza. Há cerca de cem mil anos começaram a emigrar da África para o Médio Oriente, os seus

³ D'Ambrosio, *Etnomatemática: Elo entre as Tradições*, 19.

descendentes espalharam-se por quase todo o globo terrestre. O último continente a ser povoado pelo homem foi a América, tanto a do Norte como a do Sul, há cerca de quinze mil anos.

Entre doze mil e dez mil anos, as manadas de grandes animais começaram a escassear e, em muitos locais, o homem viu-se obrigado a procurar novos recursos alimentares, caçando animais de menor porte e colhendo plantas comestíveis: foi o começo da agricultura nas civilizações em torno do Mediterrâneo.

Com a agricultura surge necessidade do planejamento, da colheita e do armazenamento da plantação escolhida. Com isto aflora o problema de saber onde e quando plantar, colher e armazenar. Logo, demanda uma nova organização do trabalho, surgindo técnicas de estocagem e a criação de métodos para a divisão da terra e de sua produção. A necessidade de armazenar e conservar os alimentos fizeram nascerem novas tecnologias. Neste período surgiram os calendários, mostrando quando plantar, colher e armazenar.

Através da história da humanidade, podemos encontrar teorias e práticas desenvolvidas pelo ser humano para lidar com a realidade com objetivo de sobrevivência; cada ser humano, em cada região, desenvolve estas habilidades de maneira distinta, estas são as etnomatemáticas.

Desde o início da história da humanidade, cada cultura desenvolve suas próprias ideias e atividades matemáticas e estas ideias e atividades são transmitidas de uma cultura para outra. Algumas tiveram raízes no Egito e Mesopotâmia Antiga e desenvolveram-se na Grécia Antiga. Muitas ideias e práticas matemáticas foram escritas na Grécia Antiga e, depois, traduzidas para o árabe. Mais tarde, partes delas foram traduzidas para o latim e iniciou-se a matemática adotada pela Europa Ocidental. Entretanto, havia outras regiões conhecidas e não conhecidas naquele tempo, que desenvolveram ideias e práticas matemáticas bem significativas.

De acordo com os autores Daniel Clark Orey e Milton Rosa, as ideias matemáticas vindas da China, do sul da Índia, Japão, Mesoamérica, regiões da África e América do Sul foram importantes para grupos e indivíduos destas regiões. Por consequência da globalização colonial, o conhecimento matemático usado por grupos diferentes não influenciou a matemática acadêmica, que é conhecida como a matemática ocidental.⁴

⁴ Orey e Rosa, "Historical Roots of the Ethnomathematics Program," disponível em http://www.csus.edu/indiv/o/oreyd/papers/13_HistRoots.doc, (acessado em 20 de setembro de 2008).

ORIGEM DO PROGRAMA ETNOMATEMÁTICA

Só se iniciou a considerar-se a ciência e a matemática no contexto sociocultural a partir da segunda metade do século XX. De acordo, com D'Ambrosio, “a história da matemática foi sempre escrita do ponto de vista vitorioso, e precisa da dimensão social que pode esclarecer a natureza do conhecimento matemático. Tal fato se originou num conceito global, errôneo, do processo cognitivo entre os matemáticos”.⁵

A matemática que estudamos nos bancos das escolas, a qual chamamos de matemática acadêmica, construída com pensamento grego-europeu, portanto com raciocínio quantitativo, pouco valorizou a antropologia cultural até o final dos anos setenta do século XX, quando alguns matemáticos iniciaram pesquisas, valorizando a etnociências, mostrando a existência de outras matemáticas, salientando uma matemática mais social, isto é, que não existe uma única matemática e, sim, várias.

Encontramos publicado por Mariana Ferreira:

A partir dos anos 80, a antropologia e a sociologia passaram a ser disciplinas cada vez mais presentes em congressos internacionais de educação matemática, em função das preocupações de natureza socioculturais que vêm permeando as discussões sobre o tema. Assim, inaugurou-se formalmente uma nova área das etnociências: a etnomatemática.⁶

Um momento importante na evolução das ideias sobre matemática social foi em Agosto de 1984, no V Congresso Internacional de Educação Matemática, realizado em Adelaide, na Austrália, no qual ficou marcado, formalmente, o termo Etnomatemática por D'Ambrosio que na sua conferência explicou:

Questões sobre “Matemática e Sociedade”, “Matemática para todos” e mesmo a crescente ênfase na “História da Matemática e de sua pedagogia”, as discussões de metas de educação matemática subordinadas às metas gerais da educação e sobretudo o aparecimento da nova área de etnomatemática, com forte presença de antropólogos e sociólogos, são evidências da mudança qualitativa que se nota nas tendências da educação matemática.⁷

⁵ D'Ambrosio, “Etnomatemática: Um Enfoque Antropológico,” 27.

⁶ Ferreira, org., *Ideias Matemáticas*, 9.

⁷ D'Ambrosio, *Etnomatemática: Arte ou Técnica de Explicar*, 12.

Esse encontro foi considerado o marco do reconhecimento de muitos anos de pesquisas no campo da Etnomatemática. A partir daí ganhou maior evidência no cenário internacional e teve como uma de suas consequências a criação em 1985 do *ISGEm – International Study Group on Ethnomathematics* (Grupo de Estudo Internacional de Etnomatemática).

O Grupo de Estudo Internacional de Etnomatemática foi fundado em 1985 pelos educadores matemático Gloria Gilmer, Ubiratan D'Ambrosio e Rick Scott. Desde aquela época, este grupo tem patrocinado programas e encontros de trabalho nas conferências anuais do National Council of Teachers of Mathematics (Conselho Nacional dos Professores de Matemática) nos Estados Unidos e também no International Congress of Mathematics Education (Congresso Internacional de Educação Matemática). Em 1990, o ISGEm tornou-se afiliado do U. S. National Council of Teachers of Mathematics. O ISGEm empenha-se para aumentar o nosso entendimento da diversidade cultural das práticas matemáticas e para aplicar este conhecimento para a educação e o desenvolvimento.⁸

A partir deste congresso, iniciaram-se vários trabalhos de pesquisadores na linha da matemática social. Parafraseando Bill Barton⁹, nesta época os mais conhecidos eram, Paulus Gerdes, na África, Márcia Ascher, nos Estados Unidos, e o mais produtivo sobre esta nova área, Ubiratan D'Ambrosio, no Brasil; a influência deste é detectada em quase todos outros textos desta área e constrói o corpo teórico.

Paulus Gerdes, matemático e antropólogo, tem muitas publicações, desde 1982, sobre este assunto e o enfoque de suas pesquisas é na cultura africana, levantando as atividades matemáticas desta população, as quais coloca como congelada¹⁰. Este pesquisador tem como objetivo, citado por ele mesmo:

O conhecimento das capacidades matemáticas criativas do povo moçambicano e outros povos, outrora colonizados e escravizados, é um pressuposto necessário para a confiança nas possibilidades e potencialidades matemáticas destes povos. Simultaneamente reforça a autoconfiança social.¹¹

Gerdes tem na raiz de seus estudos a mudança da educação africana e apresenta aspectos matemáticos em atividades culturais do cotidiano desses povos

⁸ ISGEm. *International Study Group on Ethnomathematics* (Grupo de Estudo Internacional de Etnomatemática). Disponível em http://www.rpi.edu/~eglash/isgem.dir/esgem_pg.htm, (acessado em 12 de maio de 2008).

⁹ Barton, "Dando Sentido à Etnomatemática," 42-43.

¹⁰ Gerdes, *Etnomatemática: Cultura, Educação*, 29.

¹¹ Ibid., 22.

como sistemas de contagem, jogos de cálculos, algoritmos algébricos na adivinhação, explorações geométricas e um estudo histórico da geometria africana. Também desenvolve suas pesquisas nas artes, como na construção de cestos, nas realizações de desenhos nas casas, nos cabelos, na tecelagem de sacolas decoradas tonga, no sul de Moçambique, em tapeçarias decoradas dos Yombe, do Congo; em murais decorativos sotho, no Lesotho e na África do Sul, nos desenhos de areia chokwe, no leste de Angola.¹²

Bill Barton em seu artigo escreve que para Paulus Gerdes:

A etnomatemática é do presente, mais do que uma coleção práticas do passado, e é motivada por objetivos sócio-políticos determinados, por exemplo, para contribuir para a consciência matemática do povo colonizado, ou para atrair atenção para a matemática como um produto cultural.¹³

Márcia Ascher, matemática americana, iniciou seus trabalhos explicando que Etnomatemática era o estudo de ideias matemáticas de povos não-letrados; atualmente, tem seus trabalhos localizados na área da matemática cultural e inicia um dos seus livros com a seguinte afirmação:

Vamos dar um passo em direção a uma visão global, multicultural da matemática. Para fazer isso, nós introduziremos as idéias matemáticas de pessoas que têm sido geralmente excluídas de discussões sobre matemática.¹⁴

Na figura 1, temos um gráfico resumindo a área de interesse de cada autor em escrever sobre Etnomatemática na década de oitenta do século XX. Observamos que os trabalhos de Ubiratan D'Ambrosio podem ser localizados em quase todas as áreas. A maior parte fica localizada na dimensão sócioantropológica entre sociedade e matemática. Gerdes localiza-se mais próximo da educação matemática do que da matemática; seus trabalhos destacam a importância da política social da educação matemática. Márcia Ascher no mapa intencional está localizada na área da matemática cultural.¹⁵

¹² Gerdes, "Sobre a Produção de Conhecimentos," 221.

¹³ Barton, 47.

¹⁴ Ascher, *Ethnomathematic: A Multicultural View*, 1.

¹⁵ Barton, 44-45.

dizer que Etnomatemática é a arte ou técnica de explicar, de conhecer, de entender no ambiente natural, social, cultural e imaginário¹⁷. O pesquisador afirma:

Etnomatemática é hoje considerada uma sub-área da História da Matemática e da Educação Matemática, com uma relação muito natural com a Antropologia e as Ciências da Cognição. É evidente a dimensão política da Etnomatemática.¹⁸

O objetivo do Programa Etnomatemática é motivar reflexões sobre a natureza do pensamento matemático do ponto de vista cognitivo, histórico, social e pedagógico, conforme D'Ambrosio “entender o ciclo do conhecimento em distintos ambientes, procurando explicações sobre como tais sistemas foram se estruturando ao longo da história de um indivíduo, de uma comunidade, de uma sociedade, de um povo”.¹⁹ Todavia, nas nossas leituras sobre o tema Etnomatemática nos deparamos com:

O grande motivador do programa de pesquisa que denomino Etnomatemática é procurar entender o saber/fazer matemático ao longo da história da humanidade, contextualizado em diferentes grupos de interesse, comunidades, povos e nações.²⁰

Nas reuniões do grupo de orientandos do Prof. Dr. Ubiratan D'Ambrosio, por vários momentos, ouvimos sua preocupação em salientar a importância do caráter dinâmico do Programa Etnomatemática, isto é, reconhecendo que não é possível chegar a uma teoria final das maneiras de saber/fazer matemático de uma cultura e é bom lembrarmos que cultura está sempre em transformação.

As distintas maneiras de fazer [práticas] e de saber [teorias], que caracterizam uma cultura, são parte do conhecimento compartilhado e do comportamento compatibilizado. Assim como comportamento e conhecimento, as maneiras de saber e de fazer estão em permanente interação.²¹

Encontramos publicada em D'Ambrosio a explicação da denominação Programa Etnomatemática.

¹⁷ D' Ambrosio, *Etnomatemática: Elo Entre as Tradições*, 2.

¹⁸ Ibid., 9.

¹⁹ D' Ambrosio, “O Programa Etnomatemática,” disponível em <http://www.fe.unb.br/etnomatemática>, (acessado em 10 de Outubro de 2006).

²⁰ D' Ambrosio, *Etnomatemática: Elo entre as Tradições*, 17.

²¹ Ibid., 19.

A principal razão resulta de uma preocupação que tenho com as tentativas de se propor uma epistemologia, e, como, tal, uma explicação final da Etnomatemática. Ao insistir na denominação Programa Etnomatemática, procuro evidenciar que não se trata de propor uma outra epistemologia, mas sim de entender a aventura da espécie humana na busca de conhecimento e na adoção de comportamentos.²²

Vale aqui destacar algumas influências na origem da Etnomatemática: a pesquisadora Gelsa Knijnik declara em um de seus artigos que D'Ambrosio assiduamente faz referências a alguns pensadores que tiveram influência na sua trajetória intelectual como G. Bachelard, Philip Kitcher e Imre Lakatos e Oswald Spengler, e é apontado como uma das influências mais importantes.²³

Dando continuidade ao entendimento do Programa Etnomatemática, caminharemos pela suas várias dimensões. São elas: dimensão conceitual, histórica, cognitiva, epistemológica, política e educacional.

Iniciaremos pela dimensão conceitual. D'Ambrosio define Etnomatemática como sendo: “um programa de pesquisa em história e filosofia da matemática, com óbvias implicações pedagógicas”.²⁴ Ainda, faz uma descrição do processo de geração do conhecimento:

A realidade percebida por cada indivíduo da espécie humana é a realidade natural, acrescida da totalidade de artefatos e de mentefatos [experiências e pensares], acumulados por ele e pela espécie [cultura]. Essa realidade, através de mecanismos genéticos, sensoriais e de memória [conhecimento], informa cada indivíduo. Cada indivíduo processa essa informação, que define sua ação, resultando no seu comportamento e na geração de mais conhecimento.²⁵

A espécie humana cria teorias e práticas, as quais são as bases da elaboração de conhecimento e decisões do comportamento. As representações da realidade respondem à percepção de espaço e tempo.

No entanto, caminhando para a dimensão histórica, constatamos que a humanidade está vivendo a ciência moderna, originada na região da bacia do Mediterrâneo e que se estabeleceu em todo o mundo. Com o passar do tempo, a própria ciência moderna vai produzindo instrumentos intelectuais para sua própria crítica e estes instrumentos serão submetidos a uma interpretação histórica dos

²² Ibid., 17

²³ Knijnik, “Itinerários da Etnomatemática,” 21.

²⁴ D'Ambrosio, *Etnomatemática: Elo entre as Tradições*, 27.

²⁵ Ibid., 28.

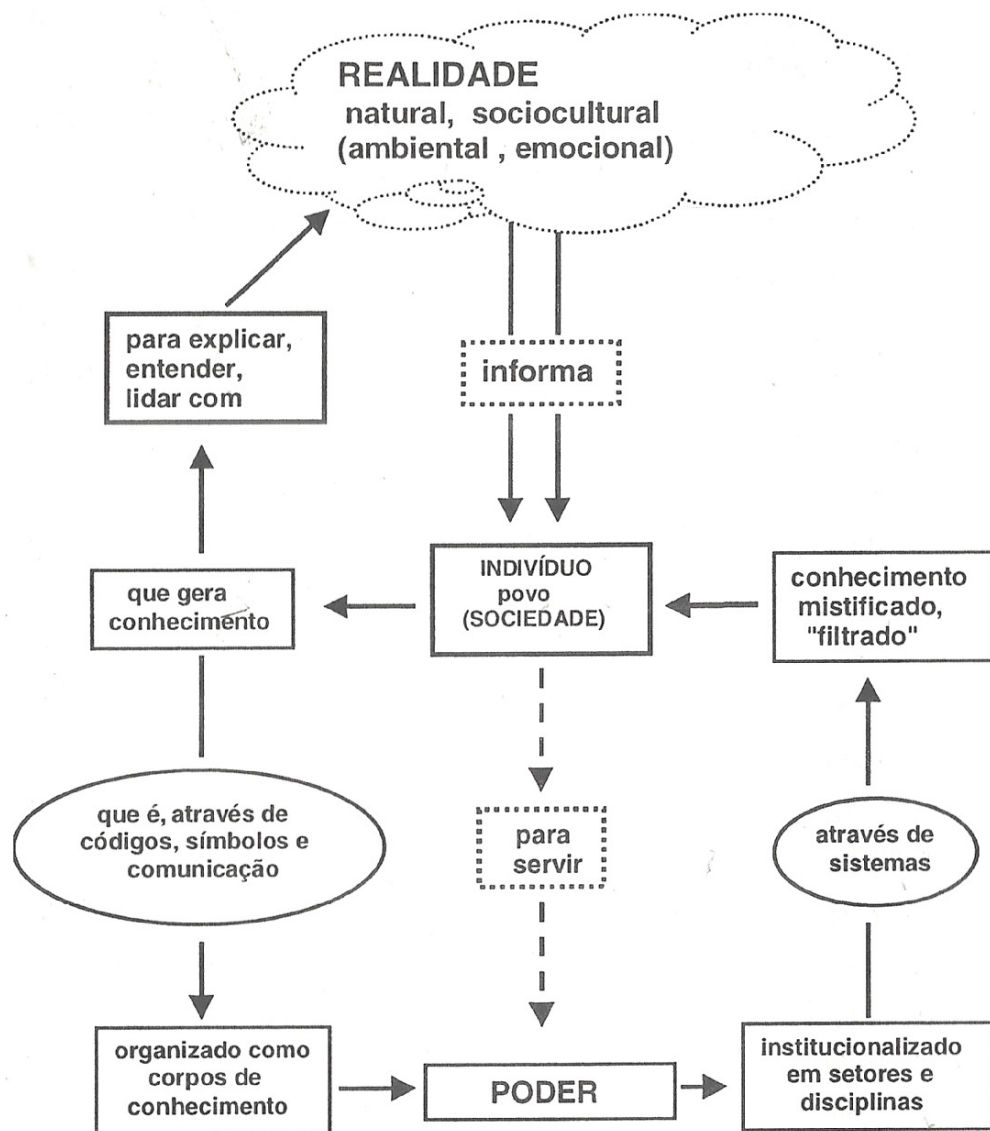
conhecimentos de egípcios, babilônios, gregos e romanos que estão nas raízes do conhecimento atual.

No decorrer do tempo, observamos transições entre o raciocínio qualitativo (gregos) e quantitativo (babilônios) para analisar fenômenos. A modernidade incorporou o raciocínio quantitativo através da aritmética feita com algarismos indo-árabicos e, recentemente, verificamos uma busca, particularmente através da inteligência artificial, pelo raciocínio qualitativo; este é o ponto de intersecção do interesse nas etnomatemáticas no qual o caráter qualitativo é predominante.

Continuando nossa caminhada pelas dimensões da Etnomatemática, chegamos na dimensão cognitiva que centraliza as características matemáticas do pensamento; manifestações estas de comparar, classificar, quantificar, medir, explicar, generalizar, inferir e avaliar.

Os australopitecos surgiram há cerca de cinco milhões de anos, e, na sua evolução, espalharam-se em grupos por muitas regiões do planeta. Nessa expansão, foram-se transformando, sob influência de clima, alimentação e foram desenvolvendo técnicas e habilidades de acordo com a região e as necessidades da população. Dessa forma, elaborando um sistema de comunicação, maneiras e modos de lidar com as situações, foram sendo compartilhadas, transmitidas e difundidas.

Caminhando nas dimensões, chegamos à dimensão epistemológica da etnomatemática, que está no gráfico. É a proposta D'Ambrosiana de uma epistemologia adequada para se entender o ciclo do conhecimento.



A fragmentação desse ciclo é absolutamente inadequada para se entender o ciclo do conhecimento. A historiografia associada à fragmentação do ciclo não pode levar a uma percepção integral de como a humanidade evolui. A fragmentação é particularmente inadequada para se analisar o conhecimento matemático das culturas periféricas.

Figura 3: Ciclo do Conhecimento d'ambrosiano

Fonte: D'Ambrosio, Etnomatemática: Elo entre as tradições, 38

Em resumo, D'Ambrosio escreve: "Sintetizo minha concepção de conhecimento dizendo que é o "conjunto dinâmico" de saberes e fazeres acumulado ao longo da história de cada indivíduo e socializado no seu grupo. Essa dinâmica se traduz no esquema a seguir, que chamo o ciclo do conhecimento".

A realidade [entorno natural e cultural]
 Informa [estimula, impressiona]
 indivíduos e povos

que em conseqüência geram conhecimento
 para explicar, entender, conviver com a realidade,
 e que é organizado intelectualmente,
 comunicado e socializado, compartilhado
 e organizado socialmente,

e que é então expropriado pela estrutura de poder,
 institucionalizado como sistemas [normas, códigos],
 e mediante esquemas de transmissão e de difusão,
 é devolvido ao povo mediante filtros [sistemas]
 para sua sobrevivência e servidão ao poder.²⁶

Entretanto, na dimensão política, cita-se ainda, que a Etnomatemática tem a ética dirigida para recuperação da dignidade cultural do ser humano, pois por muitas vezes, na história da humanidade, a estratégia do processo de conquista, adquirido por um indivíduo, grupo ou uma cultura, foi o de manter o indivíduo, um grupo ou cultura inferiorizado, enfraquecendo suas raízes, removendo a historicidade do dominado. Ao ver destruído ou modificado o sistema de produção que garante o seu sustento, o dominado passa a gostar do que o dominador gosta.

Finalmente, chegamos à dimensão educacional, à proposta pedagógica da Etnomatemática, que é fazer da matemática algo ativo, lidando com situações da realidade no tempo e no espaço e desenvolver a crítica do aqui e agora.

Um enfoque etnomatemático sempre está ligado a uma questão maior, de natureza ambiental ou de produção, e a etnomatemática raramente se apresenta desvinculada de outras manifestações culturais, tais como arte e religião. A etnomatemática se enquadra perfeitamente numa concepção multicultural e holística de educação.²⁷

A Etnomatemática apresenta um plano de estudar uma matemática voltada para cultura, não negando os saberes da matemática tradicional, mas dando importância para cultura local e reconhecendo na educação a importância das várias culturas e tradições na formação de uma nova civilização, transcultural e transdisciplinar.

²⁶ D'Ambrosio, "Tendências Historiográficas," 181. (Negrito do autor)

²⁷ D' Ambrosio, *Etnomatemática: Elo entre as Tradições*, 44.

[...] a Etnomatemática foi se constituindo um elo e um suporte das correntes atuais do pensamento crítico-holístico, o que tem significado muito para a educação matemática tanto em termos de apreensão histórica do conhecimento como de instrumental teórico-prático-político para outros movimentos nesta perspectiva. De algum modo, essa linha de pesquisa passou a ser uma condição para poder explicitar pontos críticos no âmbito da educação matemática e da educação em geral.²⁸

A ETNOMATEMÁTICA E SEU DESENVOLVIMENTO

De acordo com Andréia L. Conrado:

A etnomatemática vem se firmando como linha de pesquisa, por seus questionamentos a respeito do universalismo ao qual a matemática tem sido tradicionalmente associada, bem como por evidenciar um novo conceito de educação matemática, no sentido da valorização das diferenças culturais, apontando soluções para alguns problemas do ensino-aprendizagem da matemática.²⁹

A Etnomatemática, desde da década de 80, vem sendo trabalhada por vários pesquisadores brasileiros, americanos, ingleses, africanos, espanhóis e encontramos ainda pesquisas em Etnomatemática na Nova Zelândia, por Bill Barton, e Dinamarca, por Ole Skovsmose.

Evidentemente, em nosso país, encontramos pesquisadores de várias universidades dedicando seus estudos ao Programa Etnomatemática. Vamos especificar alguns grupos: na Universidade de São Paulo encontramos um destes grupos de estudiosos orientados pela professora doutora Maria do Carmo Domite, trabalhando com objetivos educacionais nas seguintes vertentes: fundamentação teórica, educação escolar, minorias, marginalizados/excluídos e formação do professor.³⁰

Encontramos, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, um grupo de pesquisadores tendo como líder o professor doutor Iran Mendes, mostrando seus trabalhos na Etnomatemática, tendo sido publicada uma coletânea de seus trabalhos em várias vertentes³¹.

Na Universidade do Vale do Rio dos Sinos há um grupo de pesquisadores em etnomatemática liderados pela professora doutora Gelsa Knijnik que organizou uma publicação de Etnomatemática na vertente de currículo e formação de

²⁸ Domite, "Ubiratan D'Ambrosio e a Etnomatemática," 147.

²⁹ Conrado, "Etnomatemática: Sobre a Pluralidade," 75.

³⁰ Domite e outros, orgs. *Etnomatemática: Papel, Valor*, 5

³¹ Mendes, org. *Educação (Etno) Matemática*.

professores em cinco temáticas: Etnomatemática e Educação Indígena, Etnomatemática e Educação Urbana, Etnomatemática e Educação Rural, Etnomatemática, Epistemologia e História da Matemática.³²

Temos muitos pesquisadores em várias universidades do Brasil e em outros países que realizam inúmeras dissertações e teses nesta linha de pesquisa.

A Etnomatemática vem se desenvolvendo internacionalmente e conquistando espaço: o *International Study Group on Ethnomathematics, ISGEm* (Grupo de Estudo Internacional de Etnomatemática) publica um jornal em inglês e em espanhol. Publicado a cada dois anos, contém notícias de seminários, congressos e eventos de interesse para pesquisadores e estudantes da Etnomatemática.

A maioria das pesquisas em Etnomatemática tem a preocupação em demonstrar que existem várias e diferenciadas formas de se fazer matemática e que estas são baseadas em contextos culturais próprios, sendo, dessa maneira, diferentes da matemática dominante, padronizada, acadêmica e institucionalizada.

³² Knijnik, Wanderer, e Oliveira, orgs. *Etnomatemática: Currículo e Formação*, 11

CAPÍTULO II - METODOLOGIA DA PESQUISA

2.1 PESQUISA QUALITATIVA ETNOGRÁFICA

Neste capítulo, serão esclarecidos a metodologia de pesquisa, os instrumentos usados para a coleta de dados, os procedimentos utilizados e a caracterização da localidade e das pessoas que fizeram parte deste processo de investigação.

Nosso interesse em pesquisar grupos culturalmente distintos, com objetivo de compreender e explicar as atitudes do homem e de sua relação com o ambiente e com o todo social, em suas interferências que geram comportamentos e modificam condutas, levaram-nos a escolher como metodologia a pesquisa qualitativa etnográfica.

Ubiratan D'Ambrosio escreve:

A pesquisa qualitativa, também chamada pesquisa naturalística, tem como foco entender e interpretar dados e discursos, mesmo quando envolve grupos de participantes. Também chamada de método clínico, essa modalidade de pesquisa foi fundamental na emergência da psicanálise e da antropologia. Ela depende da relação observador-observado e como não é de se estranhar, surge na transição do século XIX para o século XX. A sua metodologia por excelência repousa sobre a interpretação e várias técnicas de análise de discurso.”³³

Nossa dissertação apresenta-se dentro de uma abordagem histórica. Utilizamos para o levantamento de dados pesquisa bibliográfica e de campo, através de observação participante, análise documental, entrevista aberta com registro iconográfico, gravação de áudio, fotos e pequenos filmes.

Para que tornássemos concreta esta pesquisa do saber e fazer dos boneteiros³⁴ fez-se necessário percorrer vários percursos e o aprofundamento em vários teóricos que suportam a pesquisa descritiva qualitativa do tipo etnográfica.

De acordo com D'Ambrosio:

³³ D'Ambrosio, prefácio para *Pesquisa Qualitativa em Educação*, 10.

³⁴ Pessoas que nascem em Ilhabela-SP, na Praia do Bonete, são denominadas boneteiros.

A pesquisa qualitativa é muitas vezes chamada etnográfica, ou participante, ou inquisitiva, ou naturalística. Em todas essas nomenclaturas, o essencial é o mesmo: a pesquisa é focalizada no indivíduo, com toda a sua complexidade, e na sua inserção e interação com o ambiente sociocultural e natural.³⁵

Fazendo nossas leituras de pesquisa qualitativa nos deparamos com a explicação de Mirian Goldenberg:

Na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória etc.³⁶

Assim, podemos dizer que a etnografia é um campo da antropologia social e cultural e encontramos em Clifford Geertz: “como estruturas constituem a própria matéria de que é feita a antropologia cultural, cuja ocupação principal é determinar a razão pela qual este ou aquele povo faz aquilo que faz, todas estas mudanças lhe são bastante simpáticas.”³⁷

O estudo etnográfico apresenta muito material produzido pelos informantes, ou seja, histórias, canções, versos, frases tiradas de entrevistas ou documentos e outros produtos que possam vir a ilustrar a perspectiva dos participantes, isto é, a sua maneira de ver o mundo e as suas próprias ações.

Esses métodos são geralmente conjugados com outros, como levantamentos, histórias de vida e análise de documentos e fotografias.

Executamos o planejamento da estrutura da pesquisa baseado nas etapas para organização da pesquisa qualitativa explicadas por D'Ambrosio:

1. Formulação das questões a serem investigadas com base no referencial teórico do pesquisador;
2. Seleção de locais, sujeitos e objetos que constituirão o foco da investigação;
3. Identificação das relações entre esses elementos;
4. Definição de estratégias de coleção e análise de dados;
5. Coleção de dados sobre os elementos selecionados no item 2 e sobre as relações identificadas no item 3;

³⁵ D'Ambrosio, *Educação Matemática*, 102-104.

³⁶ Goldenberg, *A Arte de Pesquisar*, 14.

³⁷ Geertz, *O Saber Local*, 10-11.

6. Análise desses dados e refinamento das questões formuladas no item 1 e da seleção proposta no item 2;
7. Redefinição de estratégias definidas no item 4;
8. Coleta e análise de dados.³⁸

A pesquisa qualitativa ou naturalística, segundo Robert Bogdan e Sari Biklen, envolve a obtenção de dados descritivos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes. Estes autores ainda apresentam a discussão sobre o conceito de pesquisa qualitativa, esclarecendo cinco características básicas que configurariam esse tipo de pesquisa. Vamos citá-las e explicar dentro da nossa pesquisa.³⁹

A primeira característica explica que o ambiente natural na pesquisa qualitativa é sua fonte direta de dados e o pesquisador seu principal instrumento. É suposto neste tipo de pesquisa o contato direto do pesquisador com o ambiente e com a situação que está sendo investigada, através do trabalho intensivo de campo.

Nesta característica nossa pesquisa está completamente incluída, a Praia do Bonete, em Ilhabela é um ambiente natural e desta localidade retiramos os dados, através do contato direto e de entrevistas realizadas pela pesquisadora, confirmando o contato direto destes com o ambiente investigado.

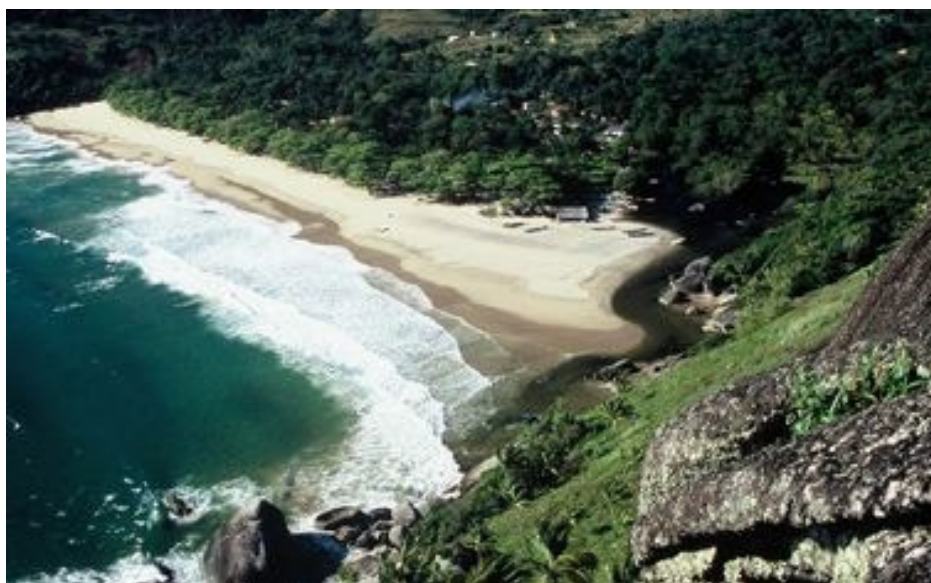


Figura 4: Foto área da Praia do Bonete

³⁸ D'Ambrosio, *Educação Matemática*, 103-104.

³⁹ Bogdan, e Biklen, *Investigação Qualitativa em Educação*, 47-51.

A segunda característica é que os dados coletados são predominantemente descritivos; o material obtido nessas pesquisas é rico em descrições de pessoas, situações e acontecimentos, incluem também transcrições de entrevistas e fotografias.

Realizamos as descrições do ambiente, das pessoas, de fatos e acontecimentos seguindo o que encontramos na leitura de um artigo do pesquisador Vicente Garnica: “a descrição só tem sentido – enquanto descrição – se provém de alguém que fala sobre algo que é desconhecido do ouvinte”.⁴⁰

Foram realizadas treze entrevistas escolhendo-se pessoas idosas com objetivo de fazermos a história do povo boneteiro e do lugar. Entrevistamos também os boneteiros que têm as atividades de construir canoa, remo, rede, pescar ou transportar pessoas ou mercadorias com canoas boneteiras, todos naturais da Praia do Bonete, ou morando há muito tempo nesta comunidade. Gravamos todas as entrevistas, filmamos algumas e tiramos fotos. Nossas entrevistas seguiram o que encontramos afirmado por Vicente Garnica, em uma de suas notas de rodapé:

Nossa prática de pesquisa tem se baseado, mais frequentemente nos “depoimentos dialogados” uma categoria muito próxima, concordamos, do que se tem chamado “entrevista não diretiva” – que embora não categorizado, consiste numa pergunta geradora com intervenções do pesquisador”.⁴¹

Trabalhamos a transcrição das entrevistas, isto é, a passagem literal, minuciosa, do depoimento oral para o suporte escrito, com todos os vícios da fala oral do entrevistado.

A terceira característica é a preocupação com o processo que é muito maior do que com o produto, isto é, o interesse do pesquisador em um problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas.

A quarta característica - o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida - é foco de atenção especial pelo pesquisador.

Na pesquisa qualitativa há sempre uma tentativa de capturar a perspectiva dos participantes, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas. Ao considerar os diferentes pontos de vista dos

⁴⁰ Garnica, “Pesquisa Qualitativa e Educação,” 35-48.

⁴¹ Ibid., 11.

participantes, os estudos qualitativos permitem iluminar o dinamismo interno das situações gerais, inacessíveis ao observador externo.

A característica quinta é que a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo, isto é, iniciamos a focar amplamente e depois fomos mais diretamente ao específico.

A nossa dissertação não é resultado de um trabalho antropológico, mas usa características etnográficas de uma pesquisa qualitativa que a caracterizam como próxima dessa área do conhecimento⁴².

O pesquisador etnomatemático está interessado nas várias matemáticas das práticas sociais, culturais e econômicas do grupo pesquisado. O etnomatemático faz uso dos suportes teóricos da Antropologia e tem como instrumento as técnicas de caráter etnográfico.

2.2 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Realizamos a saída a campo com a intenção de conhecer e entender a realidade desconhecida, ou seja, o conhecimento e a prática matemática dos indivíduos nascidos na comunidade tradicional caiçara da Praia do Bonete.

Visitas	2007 julho	2008 Janeiro	2008 maio	2008 Julho	Local
1 ^a	13-20				Ilhabela
2 ^a		1-3			Ilhabela
3 ^a		4			Praia do Bonete
4 ^a		9-28			Praia do Bonete
5 ^a			18-21		Ilhabela
6 ^a				15-22	Praia do Bonete
7 ^a				23-26	Ilhabela

Quadro 1: Visitas de campo para esta pesquisa no período de 2007 – 2008.

Um dos motivos, por que escolhemos o Bonete como local de pesquisa foi por termos concluído que a cultura, isto é, o saber e fazer desta comunidade, precisava ser pesquisada e documentada para a própria população ter sua

⁴²D'Ambrosio, *Etnomatemática: Elo Entre as Tradições*, 29.

autoestima elevada com o processo de conscientização da geração do conhecimento produzido por eles.

Iniciamos a pesquisa com levantamento bibliográfico e visita à prefeitura de Ilhabela, onde conversei com o senhor responsável pelas comunidades caiçaras tradicionais da Ilhabela, que são as comunidades da Ilha de Búzios, Ilha de Vitória, Praia dos Castelhanos e da Praia do Bonete. Este informou que eu deveria tomar cuidado com quem eu chegaria à Praia do Bonete pela primeira vez para realizar a pesquisa. Explicou que os boneteiros são muito acolhedores, mas se você é apresentado a eles com alguma pessoa que não é bem vista pela comunidade você não consegue reverter este primeiro contato.

Falamos que o nosso contato era um amigo ilhabelense, que frequenta o Bonete desde criança, o Flávio Miguez (Barba), sobre qual o senhor Dito Dória disse que nós estávamos muito bem acompanhados porque o Flávio ajudava muito a comunidade.

Em julho do ano de 2007, fomos para Ilhabela para ficar dois dias na frente da ilha e depois o final dos dias deste mês no Bonete, pelas difíceis condições do mar, que não permitiram a saída e chegada de embarcações na praia do Bonete. Aproveitamos para pesquisar na Biblioteca Municipal da Ilhabela, na prefeitura e na secretaria da educação da mesma e fazer um primeiro contato com um pescador e canoeiro Israel Tavares, que estava em São Sebastião.

Depois deste primeiro contato, fomos para o Bonete no dia quatro de janeiro de dois mil e oito, com o canoeiro Levi Tavares, boneteiro e hoje morando em São Sebastião, mas que continua indo ao Bonete diariamente pescar ou transportar pessoas. Partiu da frente do Tebar Clube de São Sebastião, clube da Petrobás, onde as canoas boneteiras ficam estacionadas quando chegam do Bonete, indo nos pegar na Praia Grande da Ilhabela. Como passageiros, três moças, um rapaz e nós.

Estava um dia lindo de sol, mar azul e muito calmo, como uma piscina. Saímos da Praia Grande por volta das dez horas da manhã, do horário de verão, em direção ao sul da Ilhabela, para Praia do Bonete.

Pela nossa esquerda, seguimos sempre beirando a costa, fomos admirando a Mata Atlântica, isto é, o Parque Estadual Florestal de Ilhabela, passando a Praia do Curral, Praia do Veloso e, do lado direito, ainda temos o continente, as praias de São Sebastião, passando depois para alto-mar.



Figura 5: Parque Estadual Florestal de Ilha Bela em Janeiro de 2008

No nosso caderno de campo encontramos a seguinte descrição: “O mar estava muito tranquilo, sua cor vai mudando de acordo com a localização, passa do azul claro, esverdeado, até chegar no azul marinho”.

O barulho do motor da canoa boneteira é muito forte; não sabemos como suportam diariamente o ruído.

Quando estávamos passando pela região definida como Areado, o canoeiro parou o motor e, junto com alguns passageiros, pediu licença e mergulharam no mar por alguns minutos; esta atividade só é possível em dias ensolarados e de mar calmo.

Quando contornamos o último morro, para chegar ao destino e deparamos com a vista da Praia do Bonete foi deslumbrante! É uma praia de 650 metros; avistamos a fileira de árvores chapéu-de-sol de ponta a ponta da praia. De acordo com que fomos chegando à praia, fomos avistando alguns sinais de casas entre as folhas e galhos das árvores.



Figura 6: Visão da chegada de canoa no Bonete em Julho de 2008

A praia tem um largo espaço de areia, formado em função das marés. No alto vemos um quiosque para receber as pessoas que chegam.

Seguimos a rua de areia, ao lado do quiosque, a qual contorna internamente, pelo meio das casas, de nome Antônio Eugenia para procurarmos a casa que tínhamos alugado para ficar durante a pesquisa.

Levi, o canoeiro, ajudou com a bagagem, saiu perguntando para as pessoas que encontrava se sabiam qual era a casa que estava alugada para nós que íamos estudar a comunidade do Bonete, casa esta alugada pelo Flavinho, da Praia Grande; rapidamente já indicaram e chegamos ao local.

A casa era muito limpa, com cinco cômodos, dois quartos, um banheiro, uma sala com televisão, dvd e um sofá, uma copa/cozinha com geladeira, fogão, mesa, cadeiras e armários.

A casa causou-nos surpresa porque sabíamos que não havia luz elétrica, só de motor hidráulico, e nos deparamos com os aparelhos elétricos-eletrônicos.

Os boneteiros na maior parte são fisicamente claros de olhos claros, tem poucas famílias negras e menos ainda descendentes dos indígenas.

Conforme íamos conhecendo e conversando com as pessoas, eles mesmos iam falando de outros boneteiros que poderiam colaborar com nosso trabalho.

Tivemos sempre ajuda da Érica de Jesus, boneteira, que, gentilmente, sempre acompanhava nas entrevistas, levando e apresentando-nos para os colaboradores.

A dificuldade, nesta fase da pesquisa, ficou concentrada na inexistência de luz elétrica na localidade, nem sempre conseguimos ter a luz, por motivo da potência do motor ou mesmo alguns dias de seca. Tivemos, assim, obstáculos para carregar as baterias dos equipamentos como gravador digital, máquina fotográfica e de filmar.

Se carregávamos na madrugada e usávamos na parte da manhã, muitas vezes não conseguíamos carregar mais naquele dia. Houve situações de ficarmos sem eletricidade por três ou quatro dias. Portanto, ficávamos sem poder usar os equipamentos.

O passo seguinte foi realizar a transcrição das entrevistas, isto é, passar do gravador digital para a escrita. Para esta atividade, para cada dez minutos de gravação, levamos três horas para passar para o papel. Como produzimos 7h 37' de gravação, trabalhamos 137 horas para transcrever, seriam cinco dias e mais 17 horas e seis minutos sem interrupção.

Realizamos esta atividade com muita atenção para transcrever exatamente como eles falam; foi mantida a forma de falar dos entrevistados e não corrigimos os erros de português. (Anexo B)

Procuramos, nas nossas entrevistas, seguir o que encontramos escrito por Menga Lücke e Marli E. D. André:

Ao lado do respeito pela cultura e pelos valores do entrevistado, o entrevistador tem que desenvolver uma grande capacidade de ouvir atentamente e de estimular o fluxo natural de informações por parte do entrevistado.⁴³

Fizemos um caderno diário dos dias passados em campo para realização da pesquisa e produzimos dois CD's com fotos e alguns filmes rápidos.

Para examinar, refletir, estudar nossos dados, lemos inúmeras vezes as entrevistas e fomos marcando o assunto para depois fazermos as reflexões e aplicarmos nossa fundamentação teórica, o programa etnomatemático.

⁴³ André e Lücke "Métodos de Coleta de Dados," 35.

CAPÍTULO III – O MUNICÍPIO DE ILHABELA

Neste capítulo, vamos percorrer sobre a localização, acessos, história e etnia do município arquipélago de Ilhabela.

3.1 LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ILHABELA

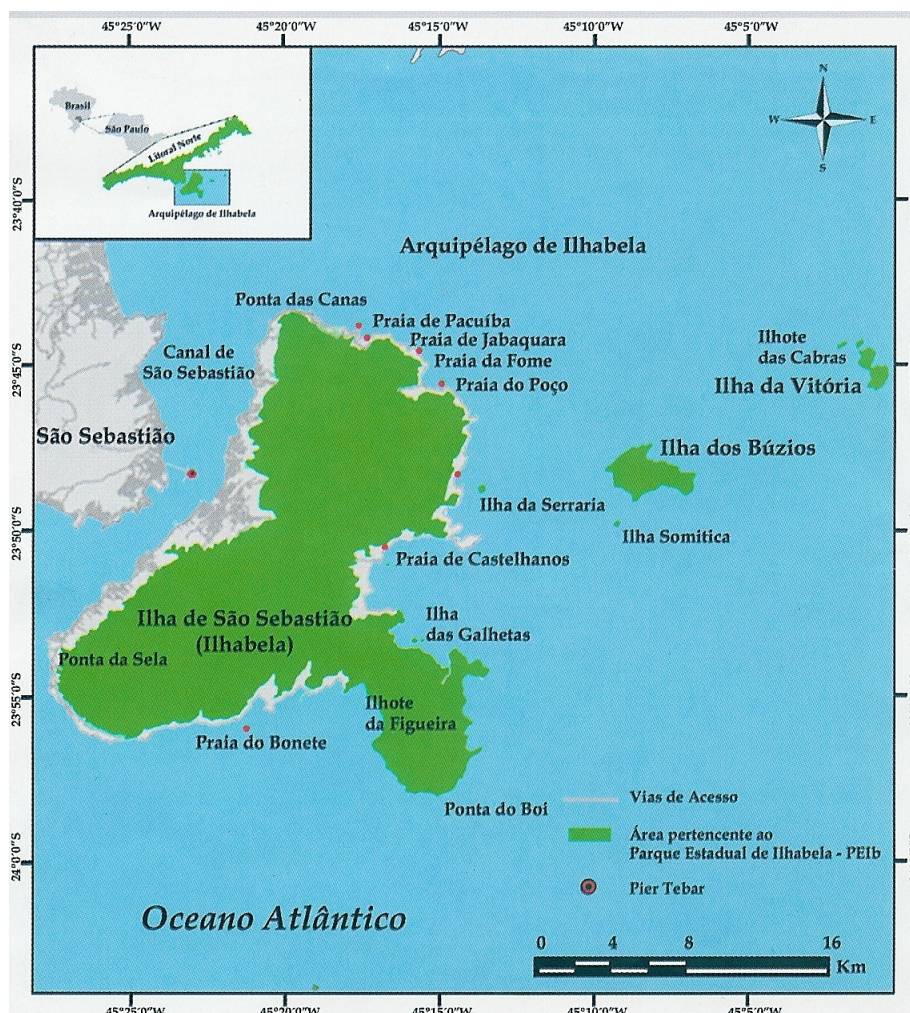


Figura 7: Mapa de Ilhabela

Fonte: Folder da Prefeitura Municipal de Ilhabela - 2008

Deparamo-nos com uma descrição geográfica da Ilha de São Sebastião, onde localiza-se o município de Ilhabela, no artigo escrito pelo historiador Nivaldo Simões:

A Ilha de São Sebastião está localizada ao largo dos municípios de São Sebastião e Caraguatatuba, estando separada do continente pelo Canal de São Sebastião (cujo nome original é Canal do Toque-Toque), que possui perto de 18 quilômetros de extensão e largura variando em torno de dois a cinco quilômetros. É na Ilha de São Sebastião que se localiza a área urbana do município, sendo possível atingi-la através do serviço de travessia do Canal por balsas. Com seus 337,5 km² de área, a Ilha de São Sebastião é a terceira maior ilha marítima do Brasil. [...]. A Ilha de São Sebastião possui uma orla com pouco mais de 120 quilômetros de extensão, [...], com 45 praias principais [...] com o aspecto geral de um conjunto montanhoso – formado pelo Maciço de São Sebastião e pelo Maciço da Serraria, além da acidentada Península do Boi – a Ilha de São Sebastião se destaca como um dos acidentes geográficos mais elevados e salientes do litoral paulista, tendo como pontos culminantes o Pico de São Sebastião, com 1379 metros de altitude; o Morro do Papagaio, com 1307 metros; e o Morro da Serraria, com 1285 metros.⁴⁴

O município de Ilhabela, localizado no litoral norte do Estado de São Paulo, é o único município arquipélago marítimo brasileiro. Este município é formado pelas ilhas de São Sebastião, a maior delas, Ilha de Búzios e Ilha da Vitória.

Os principais ilhotes do arquipélago são os dos Pescadores, da Sumítica, próximo à Ilha de Búzios; da Serraria, em frente à praia da Serraria; das Cabras, próximo à Ilha da Vitória; dos Castelhanos, da Lagoa, das Galhetas, na Baía dos Castelhanos; do Codó e da Figueira, na Enseada das Enchovas; e da Prainha, em frente à Prainha do Julião. Há, também, as lajes da Garoupa e do Carvão, ambas na enseada das Enchovas.

Portanto, Ilhabela é o nome do município. A Ilha, acidente geográfico, é Ilha de São Sebastião. O município tem uma população de 25.317 habitantes.

Existem vários núcleos de comunidades caiçaras tradicionais espalhadas pelo arquipélago, entre estas, ao sul da ilha, a comunidade tradicional caiçara da Praia do Bonete, objeto de nosso estudo.

Praias com aspecto primitivo rodeadas de vegetação nativa, em forma de enseadas com águas tranquilas e transparentes ou extensas e com ondas fortes, estão localizadas na face da ilha apontada para o mar aberto.

Quanto ao clima do município estudado temos que:

O arquipélago de Ilhabela está localizado a poucos quilômetros do trópico de Capricórnio,[...] O clima tropical úmido do arquipélago está sujeito a temperaturas normalmente altas, porém não excessivas; pluviosidade

⁴⁴Simões, “Características Geográficas,” disponível em http://www.jornalcanalaberto.com.br/index.php?pagina=materias&cod_editoria=25&cod_materia=361, (acessado em 10 de novembro de 2008).

anual entre 1.300 e 1.500 mm; umidade do ar elevada, sobretudo na face voltada para o mar aberto e nas montanhas; temperatura média oscilando entre 22° e 23°C.⁴⁵

Ilhabela é um dos municípios paulistas considerados estâncias balneárias pelo Estado de São Paulo, por cumprirem determinados pré-requisitos definidos por Lei Estadual. Tal status garante a estes municípios o direito de agregar junto a seu nome o título de Estância Balneária, termo pelo qual passa a ser designado, tanto pelo expediente municipal oficial quanto pelas referências estaduais.

Ilhabela está localizada a 205 km da cidade de São Paulo e a 440 km da cidade do Rio de Janeiro.

A ilha de São Sebastião, onde localiza-se o município de Ilhabela, é cortada pela estrada SP-131, paralela ao canal, fazendo a união da Praia do Jabaquara, ao norte, com a Ponta da Sepituba, ao sul.

3.2 ACESSOS AO MUNICÍPIO DE ILHABELA

Por terra: Os acessos principais são:

- BR 101: Trecho Rio-Santos até São Sebastião.
- BR 106: Trecho Rodovia Dutra.
- SP 070: Rodovia Ayrton Senna e Rodovia Carvalho Pinto.
- SP 099: Rodovia dos Tamoios até São Sebastião.



Figura 8: Acessos ao Município de Ilhabela

Fonte: Folder da Prefeitura Municipal de Ilhabela - 2008

⁴⁵ Simões, "Características Geográficas," disponível em http://www.jornalcanalaberto.com.br/index.php?pagina=materias&cod_editoria=25&cod_materia=361, (acessado em 17 de janeiro de 2009).

A travessia de São Sebastião a Ilhabela é através dos serviços de balsa.

3.3 HISTÓRIA DE ILHABELA

Criado em dezembro de 1999, o Projeto Arqueológico de Ilhabela foi elaborado com o objetivo de identificar, proteger e promover o patrimônio arqueológico local, através de procedimentos científicos e o desenvolvimento de uma política municipal de gestão desse patrimônio. Foi inaugurado no dia dezesseis de maio do ano de dois mil e seis o Instituto Histórico Arqueológico de Ilhabela.

O acervo do Instituto é composto, em sua maioria, por artefatos coletados durante pesquisas em sítios arqueológicos no município de Ilhabela. As peças pré-coloniais são instrumentos confeccionados em pedra lascada ou polida, potes de cerâmica indígena e contas de colar. Os artefatos, testemunhos da colonização europeia, são louças importadas, cerâmicas, garrafas de vidro, cachimbos, moedas e outros.

Para o historiador que estuda o município de Ilhabela, Nivaldo Simões, é difícil escrever a história de Ilhabela, pois muita coisa foi perdida. Agora, com o Instituto Arqueológico e Geográfico, que iniciou-se um pouco, do registro da história da cidade⁴⁶.

Pesquisas arqueológicas realizadas desde o final da década de 1990 mostram que, pelo menos, quatro das ilhas do arquipélago de Ilhabela foram habitadas muito antes da chegada dos europeus ao Brasil. Isso foi possível graças à descoberta de sítios arqueológicos pré-coloniais denominados "concheiros"⁴⁷, "abrigos sob rocha"⁴⁸ e "aldeias indígenas"⁴⁹. Os "concheiros" permitiram aos arqueólogos concluir que os primeiros habitantes do arquipélago foram os chamados "homens pescador-coletores do litoral", indígenas que não dominavam a agricultura e nem a produção de cerâmica, sobrevivendo apenas do que encontravam na natureza, especialmente animais marinhos [...] Não há, até o momento, nenhuma evidência arqueológica de que tenha existido no arquipélago alguma aldeia do tronco lingüístico tupi.⁵⁰

⁴⁶ "Galeria de Prefeitos," disponível em http://www.ilhabela.sp.gov.br/portugues/ver_conteudo_foto2.php?cod_conteudo=0000571m, acessado em 27 de dezembro de 2008).

⁴⁷ Locais onde se encontram vestígios de ocupação humana em épocas passadas.

⁴⁸ Eram locais utilizados para acampamentos ou para fins funerários.

⁴⁹ Lugares onde encontram vários fragmentos de potes de cerâmica indígena.

⁵⁰ Simões "Sítios arqueológicos," disponível em http://www.jornalcanalaberto.com.br/index.php?pagina=materias&cod_editoria=25&cod_materia=306l, (acessado em 22 de janeiro de 2009).

Durante estas pesquisas foram encontrados quatorze sítios arqueológicos pré-coloniais, isto significa que são locais ocupados por seres humanos antes de mil e quinhentos.

Continuando com nossa pesquisam encontramos em um artigo:

Antes da chegada dos colonizadores portugueses ao Brasil, em 1500, Ilhabela era habitada por índios tupinambás, exímios canoeiros e nadadores. Seu nome então era “Ciribaí”, que significa “lugar tranquilo”.⁵¹

Antes da chegada dos portugueses, a atualmente Ilhabela, era chamada pelos indígenas de Maembipe ou Mayembipe, que na língua tupi significa “local de troca de mercadorias e resgate de prisioneiros”, isto é, uma espécie de zona neutra utilizada pelas tribos para negociações.

Não sabemos se chamou primeiro Ciribaí e depois Maembipe; não conseguimos encontrar documentos para confirmar esta ordem dos nomes ou se chamava Maembipe e os índios tupinambás chamavam o local, no qual descansavam, de Ciribaí.

Em 20 de janeiro de 1502, dia de São Sebastião, os integrantes da primeira expedição exploradora enviada por Portugal à Terra de Santa Cruz chegaram a Maembipe. Esta expedição, batizou a ilha de Maembipe com o nome do santo do dia, São Sebastião. Era composta por três caravelas, e dela fazia parte Américo Vespúcio.

Em 1532, foi iniciada uma povoação pelos membros da expedição de Martim Afonso de Souza, na então Ilha de São Sebastião.

Somente em 1608 é que os primeiros colonos portugueses viriam a se estabelecer em ambas as margens do Canal de São Sebastião. Com a concessão de uma sesmaria a Diogo de Unhate, inicia-se então o povoamento.

Surgem culturas de fumo, banana, cana e os engenhos de açúcar e aguardente, além da mandioca, ainda cultivada pelas comunidades caiçaras. No fim do século XVII e começo do século XVIII, a ilha era próspera, com engenhos e comércio.

⁵¹ “História da Ilhabela,” disponível em <http://www.itapemar.com.br/historia.htm>, (acessado em 22 de novembro de 2008).

Em 16 de março de 1636, seria criada a Vila de São Sebastião, que se desmembrou político-administrativamente da Vila do Porto de Santos. A nova Vila abrangeu também o território da Ilha de São Sebastião.

No começo do século XIX, a Ilha de São Sebastião contava com cerca de três mil habitantes e seu principal povoado chamava-se Capela de Nossa Senhora D'Ajuda e Bom Sucesso; mais tarde passou à Freguesia de Nossa Senhora D'Ajuda e Bom Sucesso.

Em 1805, a Freguesia de Nossa Senhora D'Ajuda e Bom Sucesso tornou-se Vila. Ela que, até então, pertencia ao município de São Sebastião, foi elevada à condição de município pelo capitão-general Antônio José da Franca e Horta, quando recebeu o nome de Vila Bela da Princesa, em homenagem à filha mais velha do rei de Portugal, D. João VI.

Vila Bela da Sereníssima Princesa Nossa Senhora, como também era chamada, foi instalada oficialmente a 23 de janeiro de 1806, tendo Julião de Moura Negrão como seu primeiro capitão mor.

Em 21 de maio de 1934, a Vila Bela da Princesa, foi incorporada novamente ao município de São Sebastião, reconduzida à categoria de distrito.

Em 5 de Setembro de 1934, adquiriu novamente autonomia municipal recebendo a denominação de Vila Bela.

Em 1940, por determinação do governo federal, Vila Bela mudou de nome e passou a chamar-se Formosa. Em primeiro de janeiro de 1945, o município incorporou oficialmente as ilhas de Búzios e da Vitória, passando então a chamar-se Ilhabela.

Durante o período colonial estabeleceu-se uma produção açucareira na ilha e deste período ainda restam alguns engenhos e moendas.

Até a década de quarenta do século XX, o município de Ilhabela tinha sua atividade econômica baseada na agricultura de subsistência e plantio de cana-de-açúcar, com a fabricação de pinga. Os nomes de algumas marcas destas pingas eram: Feiticeira, Engenho D'agua, Ponta das Canas, Favorita, Consolo, Marafa, Leite Irmãos, Bexiga, Morrão Caiçara, Cocaia, Tangará, Engenho Novo, Amansa sogra.

Ainda com relação a agricultura, desenvolveu-se o plantio do café, banana, laranja, abacate, cajú, jaca, feijão, milho e mandioca.

Na área pesqueira, o município teve uma atividade bem desenvolvida, principalmente na pesca da sardinha que era feita em grande escala. Boa quantidade dessa produção era levada para o porto de Santos, para ser comercializada, através das grandes canoas de voga, a remo, as quais mantinham uma linha periódica para aquela cidade.

A população do município de Ilhabela sempre se concentrou na faixa próxima ao mar, principalmente na parte do canal, embora o caiçara tenha vivido até hoje, em toda volta da Ilha.

Até a década de cinquenta do século XX, a população do município era genuinamente caiçara. A partir daí começam a chegar os primeiros imigrantes e turistas.

E assim é que algumas famílias de turistas que adquiriram propriedades na Ilha, naquela época e até antes de cinquenta, as conservam até hoje, como a Vila Caiçara, o Engenho D'água, a Garapocaia, a Ponta das Canas e a do Catatau.

O turismo desenvolveu-se com mais intensidade a partir dos anos 60, com o início da operação da balsa em 1958. Atualmente, a economia do município baseia-se no turismo e no comércio. Ocupando posições secundárias em termos econômicos a pesca e o artesanato.

Ilhabela é considerada a cidade com um dos melhores portos de turismo do Brasil, recebendo muitos turistas provenientes dos cruzeiros nacionais e internacionais.

Na praia denominada Pedras Miúdas localiza-se o Santuário Ecológico Submarino, protegido por lei, que proíbe a caça e a pesca submarina. Neste local, pode-se encontrar várias espécies de peixes e outros habitantes marinhos.

3.3.1 ETNIA DOS ILHABELENCES

Os nativos de Ilhabela, são denominados caiçaras, encontramos o seguinte esclarecimento:

Século XIX a economia era agrária, baseada no trabalho escravo. Nesse século, a ilha chegou a ter mais de 10.000 habitantes e da diversidade cultural e étnica surgiu uma população característica, denominada caiçara.⁵²

⁵² Diegues, *Ilhas e Sociedades*, 95.

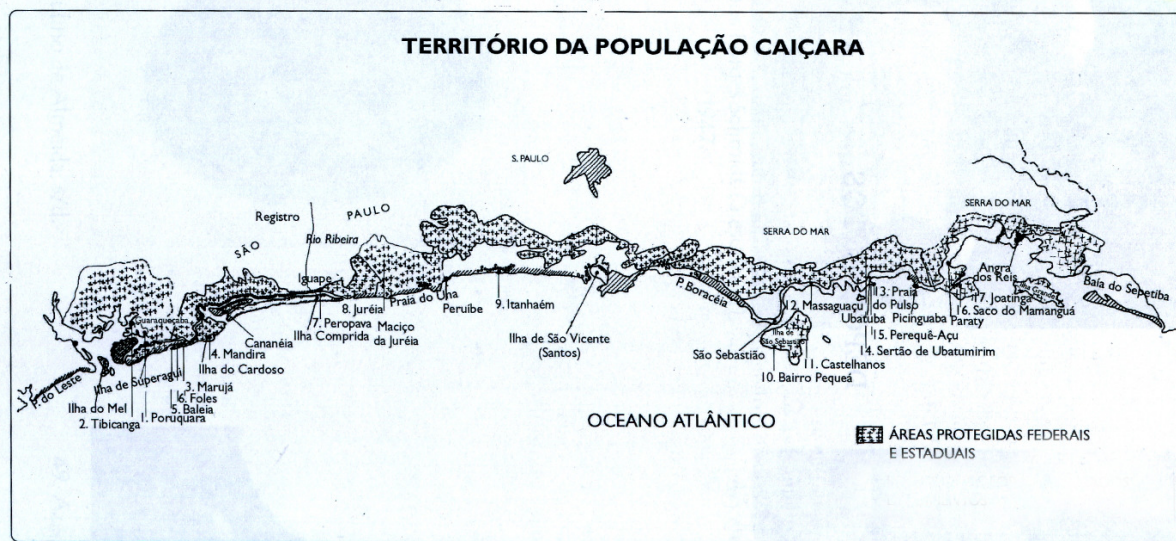


Figura 9: População caiçara.

Fonte: Diegues, *História e Memória Caiçara*, 322

Os caiçaras vivem hoje espalhados por todo o arquipélago, em vários núcleos, alguns deles isolados, como os das ilhas de Búzios e Vitória e das praias do sul da ilha, em frente ao mar aberto, entre elas a Praia do Bonete. Eles conservam suas tradições, nas festas folclóricas, no artesanato e na fabricação de canoas. Sobrevivem basicamente de recursos naturais como a pesca e a agricultura.

A população de Ilhabela, denominada caiçara, é assim descrita pela pesquisadora Márcia Merlo; “filhos do mar, donos da terra. De uma mistura de índios guaranis com portugueses e outros invasores descende um povo de fortes raízes, os caiçaras (...)”.⁵³

As ascendências da população ilhabelense são indígena, europeia (portugueses, ingleses, holandeses e franceses), africana.

Nas nossas leituras deparamos com:

Os caiçaras são fruto da integração entre indígenas, colonizadores europeus e, em alguns casos, escravos africanos. Estabelecem constantes contatos e trocas com as cidades criadas ao longo da costa, sendo que alguns centros urbanos ainda matém forte esta “alma caiçara”.⁵⁴

RAÍZES INDÍGENAS

Pelas pesquisas arqueológicas realizadas pudemos certificar que antes de mil e quinhentos já havia indígenas pelo menos em quatro ilhas do arquipélago de

⁵³ Merlo, *Memória de Ilhabela*, 118.

⁵⁴ Vieitas, Prestes e Dale. *Floresta*, 52.

Ilhabela, pois já identificaram, no território do município, sítios arqueológicos pré-coloniais.

Historiadores também escrevem sobre os índios tupinambás habitarem Ilhabela antes dos colonizadores aportarem, mas, disto, pelas pesquisas arqueológicas, não foi obtido nenhum vestígio.

Sítios arqueológicos pré-coloniais que foram descobertos no arquipélago indicam que a Ilha de São Sebastião tenha sido habitada por indígenas do tronco lingüístico macro-jê. A suposição é feita com base na existência de farto material cerâmico da tradição itararé[...] É também o único lugar do litoral sudeste brasileiro em que foi encontrada cerâmica elaborada por grupos indígenas não tupis-guaranis⁵⁵.

A presença de inúmeros concheiros nos sítios arqueológicos de Ilhabela é, para os pesquisadores, indicação de que no local pode ter havido um povoamento diferente do restante da costa brasileira.

No artigo escrito pelo historiador Nivaldo Simões sobre os hábitos dos pescadores coletores do litoral, como:

Além de dominar a navegação costeira, os “homens pescadores coletores do litoral” realizavam sepultamentos ritualísticos de seres-humanos, fabricavam artefatos líticos (objetos confeccionados com pedras lascadas ou polidas), confeccionavam adornos a partir de dentes, conchas e ossos de animais marinhos e terrestres. Eles preparavam seus alimentos armando moquéns (grelhas feitas de varas de madeira) sobre fogueiras, para assar ou secar a carne de peixes, moluscos, crustáceos e pequenos animais. Tanto na caça quanto na pesca utilizavam o arco e flecha.⁵⁶

Em nossas leituras encontramos no pesquisador Plácido Cali, afirmações da presença dos indígenas na Ilhabela.

As aldeias indígenas também existiram em Ilhabela, como comprovam os sítios Aldeia Viana e Ilhote. No sítio Aldeia Viana, foram encontrados vários fragmentos de potes de cerâmica indígena.⁵⁷

⁵⁵ Simões, “Sítios Arqueológicos,” disponível em http://www.jornalcanalaberto.com.br/index.php?pagina=materia&cod_editoria=25&cod_materia=306 (acessado em 20 de novembro de 2008).

⁵⁶ Simões, “Sítios Arqueológicos,” disponível em http://www.jornalcanalaberto.com.br/index.php?pagina=materia&cod_editoria=25&cod_materia=306, (acessado em 11 de novembro de 2008).

⁵⁷ Cali, *Sítio Arqueológico Pacuíba I*, 10.

Quando conversamos com os caiçaras sobre a influência indígena, eles destacam a casa de farinha, fazer peneiras, tipitis, as canoas e as técnicas de plantio.

RAÍZES EUROPEIAS

A influência europeia, veio dos colonizadores portugueses, dos piratas ingleses, holandeses e franceses.

Vejamos o que encontramos sobre a influência europeia em Ilhabela:

A colonização européia no litoral norte deve ter começado na primeira década do século XVII, os portugueses estabelecendo-se primeiro na Ilha, por esta representar um ponto estratégico na luta contra os indígenas.⁵⁸

Ary França em seu livro decorrente da sua tese de doutorado em 1951 escreveu:

Parece evidente ter sido o português, pelo menos na Ilha de São Sebastião, o elemento que maior contribuição ofereceu, racial e culturalmente. Em casos de grupos antigos, segregados por longo tempo, de que serve de exemplo o da Praia do Bonete (costa sul da Ilha), o tipo humano não difere, aparentemente, do branco meridional europeu.⁵⁹

Plácido Cali também documenta a influência europeia na ilha, destacadas por pesquisas arqueológicas.

A faiança somente passou a ser produzida em larga escala no Brasil no início do Século XX. Até o século XIX a maioria das peças era importada. A faiança encontrada no Sítio Engenho Pacuíba era de origem inglesa, do século XIX. Também foram encontrados exemplares, em pequena quantidade, vindo de Portugal, França e Holanda.⁶⁰

Notamos nestas citações algumas das evidências da ascendência européia na população ilhabelense.

⁵⁸ Diegues, *Ilhas e Sociedades*, 95.

⁵⁹ França, *A Ilha de São Sebastião*, 92.

⁶⁰ Cali, *Sítio Arqueológico Pacuíba I*, 39.

RAÍZES AFRICANAS

Na metade do século XIX, devido a proibição do comércio negreiro, Ilhabela viu-se transformada em local de desembarque de escravos contrabandeados. Os navios paravam na Baía dos Castelhanos e os escravos atravessavam a pé a difícil topografia da ilha, sendo assim introduzidos no continente.

A presença da força escrava em Ilhabela teve como consequência:

Abundância da mão de obra escrava terminou por fazer com que Ilhabela atingisse seu ápice econômico. Mais de trinta engenhos de açúcar proliferaram ao redor da ilha onde muita mata nativa deu lugar à cana de açúcar.⁶¹

Os negros em Ilhabela representaram a força do trabalho, foram a mão de obra das fazendas que produziram grande quantidade de café, açúcar e pinga. Foram a base da época do apogeu econômico.

Passando este apogeu, chegando a queda econômica, não se ouve falar mais dos negros. Márcia Merlo escreve:

O movimento da memória apresenta duas facetas da identidade negra do povo da Ilha: ora submerge pelo encobrimento das lembranças de outros, no intuito de não revelar as relações raciais conflitantes, ora aparece evidenciando-se na resistência da população negra e seus descendentes.⁶²

Além das referências à Baía de Castelhanos como desembarcadouro clandestino de escravos, ouve-se ainda na região histórias ligadas à mata, principalmente quantos aos rastros deixados pelos negros, que eram comercializados e levados para outros pontos do litoral

Da mão de obra, em que assentou até fins do século passado e começo deste, todo o trabalho da lavoura e fábricas, isto é, dos antigos escravos africanos e dos seus descendentes, não restam senão pouco mais do que 200 negros ou mulatos na Ilha, raros a serviço dos engenhos.⁶³

⁶¹ “História da Ilhabela,” disponível em <http://www.itapemar.com.br/historia.htm>, (acesso em 22 de novembro de 2008).

⁶² Merlo, *Entre o Mar e A Mata*, 132.

⁶³ França, *A Ilha de São Sebastião*, 119.

Não é fácil encontrar muitos vestígios dos negros na Ilhabela, ouvimos muito falar do mito do negro Estevão e certamente a marca maior deixada até hoje é a congada de São Benedito. Nesta dança encontra um elemento que se afirma para contribuição afro-brasileira ao universo caiçara, em uma tradição herdada dos antepassados em homenagem ao santo negro, reconhecido pela caridade que prestou aos escravos.

Buark em seu livro comenta:

Da escravidão da ilha, quase não restaram marcas, a não ser as ruínas das fazendas, com seus paredões enormes feitos de terra e pedra prensada.⁶⁴

Ouvimos de um narrador negro que a escolha do 13 de maio como uma data comemorativa para a congada em Ilhabela, foi em consequência da população negra querer marcar uma posição perante a sociedade Ilhabelense.

INFLUÊNCIA JAPONESA

Diegues, narrando sobre o Século XX, comenta:

Por volta da segunda década deste século ocorre a instalação de imigrantes japoneses na Ilha, trazendo inovações no sistema de pesca: redes de cerco e barcos a motor. A pesca costeira com finalidade comercial atrai também os homens nativos, e vários povoados de pescadores caiçaras surgem nas pequenas planícies litorâneas.⁶⁵

O cerco é uma rede de espera, os pescadores precisam fazer quatro visitas diárias para verificar se está com o peixe, este tipo de pesca foi trazida por um japonês que ficou residente da Praia do Sombrio, na Baía dos Castelhanos, transformou esta baía de um lugar quase deserto passou a atrair a população das redondezas e das ilhas de Vitória e Búzios.

Encontramos o seguinte comentário:

Explica-se, por esta circunstância, que se haja desenvolvido em consequência de sua introdução bem sucedida, por volta de 1920, um dos maiores centros de pesca do litoral norte de São Paulo no local denominado Sombrio, no interior da Baía dos Castelhanos, uma reentrância pedregosa de acesso bastante difícil, mas de mar piscoso e

⁶⁴ Buark, *O Triângulo de Ilhabela*, 45.

⁶⁵ Diegues, *Ilhas e Sociedades*, 97.

calmo, e que a Ilha de São Sebastião, como sua predominância de costeiras, se haja transformado no domínio dos cercos flutuantes.⁶⁶

Este tipo de pesca, denominada cerco é a grande marca japonesa na Ilhabela, até hoje. Portanto os imigrantes japoneses vieram para Ilha de São Sebastião, no século passado, na década de vinte do século XX e trouxeram uma modalidade de pesca utilizada até hoje pelos ilhabelenses.

3.3.2 VILA - CENTRO HISTÓRICO DE ILHABELA

Localizada a 6 km, ao norte da balsa, a Vila é o Centro Histórico de Ilhabela. Sua orla é marcada por construções do tempo colonial, por lojas muito bem decoradas, grandes jardins, alguns restaurantes, hotéis e, bem no centro da Praça Coronel Julião de Moura Negrão, praça em frente a Matriz, encontramos uma canoa usada no passado para transportar pessoas e levar produtos para vender no porto de Santos.

A Vila possui, ainda, casarões das antigas fazendas de cana-de-açúcar e café; se encontram manifestações do folclore e da rotina dos pescadores. Comentaremos algumas construções antigas localizadas no Centro Histórico de Ilhabela.

A ligação dos boneteiros com o centro histórico de Ilhabela, por declaração deles, muitos só vão para votar ou quando precisa arrumar algum documento na prefeitura.

IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA D'AJUDA E BOM SUCESSO

A Igreja Matriz de Nossa Senhora D'Ajuda e Bom Sucesso encontra-se situada na Praça Professor Alfredo Oleani, no Morro do Baepí. Esta santa é a padroeira do município arquipélago de Ilhabela.

É um monumento em estilo colonial construído pelos escravos que utilizaram como principal material a pedra, conchas e o óleo de baleia. Foi inaugurada no ano de 1806 e reformada a meados do século XX por Alfredo Olían, misturando o barroco com o seu estilo original.

⁶⁶ Mussolini, *Ensaio de Antropologia Caiçara*, 248.



Figura 10: Igreja Matriz de Nossa Senhora D'Ajuda e Bom Sucesso

Fonte: Nivaldo Simões

Hoje, encontra-se completamente restaurada. Possui piso de mármore espanhol e no forro há um painel que reproduz Nossa Senhora D'Ajuda. Seu acesso é feito por uma escadaria de 35 degraus onde estão as imagens de São Sebastião, São Pedro e São Paulo.



Figura 11: Afresco de Nossa Senhora D'Ajuda e Bom Sucesso

Fonte: Nivaldo Simões

Foram os padres jesuítas portugueses que trouxeram a devoção a Nossa Senhora D'Ajuda e Bom Sucesso. O seguinte artigo descreve como iniciou a devoção a esta santa em Lisboa, Portugal.

No topo de uma das colinas de Lisboa encontra-se o bairro da Ajuda. Segundo a lenda, a Ajuda começou a ser povoada quando se espalhou a notícia de uma aparição da Virgem a um pastor que lhe tinha pedido socorro. Os devotos chamaram-lhe Nossa Senhora da Ajuda e a rainha Catarina, mulher de D. João III, mandou erigir uma ermida no local da aparição. Depois, lá viria a se instalar a sede da Coroa portuguesa, no Palácio de Nossa Senhora D'Ajuda. Antes de embarcar, soldados e marinheiros portugueses tinham o costume de invocar Nossa Senhora da Ajuda e Bom Sucesso na ermida da praia do Restelo, em Lisboa, onde sua imagem havia sido encontrada milagrosamente. Várias naus lusas foram colocadas sob sua proteção.⁶⁷

Quando iniciou-se o povoamento da Ilha de São Sebastião, no final do século XVIII, foi construída uma capelinha em homenagem a santa padroeira pelo padre Manoel Góes Pereira Mazagão, na Vila de São Sebastião.

O pequeno povoado passou a chamar-se Capela de Nossa Senhora D'Ajuda e Bom Sucesso. A capela, em 2 de fevereiro de 1803, foi substituída por uma pequena igreja.

Mais tarde, restaurada e ampliada esta pequena igreja por Julião de Moura Negrão, para servir de Matriz, com o objetivo de emancipar politicamente e administrativamente o povoado Capela de Nossa Senhora D'Ajuda e Bom Sucesso. Esta emancipação aconteceu em 3 de setembro de 1805, e o povoado passou a chamar Vila Bela da Princesa.

Em um artigo de um jornal de Ilhabela, encontramos a seguinte explicação sobre a data de comemoração em louvor a santa.

De acordo com o Evangelho de São Lucas, depois do nascimento de Nosso Senhor, e decorrido o prazo de 40 dias que a Lei Mosaica estabelecia para a purificação das mulheres que davam à luz, Nossa Senhora e São José levaram o Menino Jesus ao Templo para O apresentarem a Deus, conforme também prescrito na Lei. Na ocasião, Maria Santíssima ofereceu ao Senhor o sacrifício ritual de dois pombinhos, estabelecido para a purificação de mulheres pobres. Jesus e Maria não estavam sujeitos à Lei, mas quiseram observá-la por amor à humildade e para nos dar o exemplo. É por esse motivo que a comemoração em louvor a Nossa Senhora D'Ajuda e Bom Sucesso ocorre em 2 de fevereiro.⁶⁸

A festa da Padroeira de Ilhabela é comemorada com quermesse, apresentação de artistas famosos da música popular brasileira. Inicia-se com a

⁶⁷Simões, "Ai, minhas nossas senhoras...", disponível em http://www.jornalcanalaberto.com.br/index.php?pagina=materias&cod_editoria=25, (acessado em 13 de janeiro de 2009).

⁶⁸Simões, "Ai, minhas nossas senhoras...", disponível em http://www.jornalcanalaberto.com.br/index.php?pagina=materias&cod_editoria=25, (acessado em 26 de fevereiro de 2009).

novena, sendo o último dia da novena, o dia oficial da festa, o dia 2 de fevereiro. Neste dia, há missa na Igreja Matriz às 10 horas. Na parte da tarde, a partir das 18 horas, realiza-se pelas ruas da Vila, a tradicional procissão levando o andor de Nossa Senhora D'Ajuda e Bom Sucesso em louvor à Padroeira pelas ruas do Centro Histórico. Chegando a procissão na matriz, inicia-se a missa festiva.

ENGENHOS DE CANA-DE-AÇÚCAR

A Fazenda Engenho D'Água localiza-se a menos de 3km do centro da cidade, no bairro de Itaguanduba, na Praia do Engenho D'Água. Construiu-se no final do século XVIII e foi um dos maiores produtores de açúcar, aguardente, café e arroz de todo o município. Foi declarada Patrimônio Histórico no ano de 1945.

Outra construção que é Patrimônio Histórico da cidade é o antigo engenho na Fazenda São Matias na Praia da Feiticeira.

3.3.3 FESTA POPULAR DE ILHABELA – SÃO BENEDITO



Figura 12: Festa de São Benedito

Fonte: Fotográfica cedida por Cirino Giovanni em maio de 2008

O autor Jeannis Michael Platon escreve: “Como disse um líder de congada: “Nossa Senhora da Ajuda que me perdoe mas o padroeiro de Ilhabela é São Benedito””.⁶⁹

No terceiro final de semana do mês de maio, acontece a mais importante manifestação folclórica da região, em homenagem a São Benedito.

A Festa de São Benedito tem como seu ponto alto a apresentação da Congada de Ilhabela, a maior manifestação folclórica cultural caiçara, que atravessou o tempo chegando aos dias de hoje com muitas características originais, que podem ser observadas em toda a sua organização. Acredita-se que este ritual é repetido há mais de um século e meio, mantendo-se as falas, a música, as fantasias e a representação.

A abertura da Festa de São Benedito ocorre quando se realiza a cerimônia do Levantamento do Mastro de São Benedito, defronte à Igreja Matriz de Nossa Senhora D'Ajuda e Bom Sucesso, na sexta-feira. A apresentação das danças e cantos acontece no sábado e domingo.

De aculturação africana bantu, a Congada de Ilhabela situa-se entre as que representam dois grupos que se desentendem, por quererem ambos festejar São Benedito. A dramatização faz-se com partes faladas, cantos e danças, ao som da marimba de madeira e de atabaques.

Os principais personagens dessa manifestação são: o Rei, a Rainha; Fidalgos do Rei ou Congo de Cima e os Congos do Embaixador ou Congos de Baixo.

3.3.4 ARTESANATO NA ILHABELA

Encontramos peças constituídas pela simbiose entre a habilidade criativa do homem e os recursos do meio ambiente. Podemos ver cestas, travessas, enfeites, redes, bolsas, miniaturas de canoas e barcos de pesca.

Os ilhabelenses ainda produzem artesanato com várias opções de cerâmicas, peças de madeira pintada e tecelagem. Vários materiais rústicos, tais como conchas e madeiras de demolição, são aproveitados para criar peças decorativas.

⁶⁹ Platon, *Ilhabela seus Enigmas*, 43

O pesquisador Platon escreve sobre o artesanato de Ilhabela:

Assim vejo o artesanato de Ilhabela. Com raízes na cultura indígena, valendo-se da vegetação nativa e outros, aliada a motivos estéticos africanos e europeus, os hábeis caiçaras procuram manter a tradição dos antepassados ao encontrar no meio ambiente seus recursos, especialmente a taboa e o guapuruvu, para criarem utensílios domésticos e meios de transporte.[...] Com o guapuruvu – uma árvore da região – os índios faziam canoas escavando seu tronco, técnica repetida posteriormente pelos caiçaras.⁷⁰

3.3.5 TRADIÇÕES CULINÁRIAS CAIÇARAS

O prato tradicional caiçara que mais encontramos em nossa pesquisa e é muito valorizado entre os caiçaras é o azul marinho. Detalhando melhor temos:

Na linguagem culinária do caiçara, “consertar” é quando a iguaria está “no ponto” para ser preparada. Assim é com o prato típico “azul marinho”, constituído de peixe com banana verde. Ganhou esse nome pela cor azulada que adquire depois de cozido. Por essa razão, não há como fazer um “azul marinho” baseado numa receita comum, dessas impressas em folhetins, já que para saber o ponto exato da banana – nem verde, nem madura – e a hora de se colocar a fruta na água, só mesmo a experiência nativa permite.⁷¹

Encontramos, também, pratos caiçaras como: tainha seca, camarões, caldeiradas e as moquecas.

3.3.6 PARQUE ESTADUAL DE ILHABELA

Um Parque Estadual é uma área geográfica delimitada, dotada de atributos naturais excepcionais, objeto de preservação permanente. Os Parques Estaduais destinam-se a fins científicos, culturais, educativos e recreativos, constituindo-se bens do Estado e destinados ao uso do povo. O objetivo principal de um Parque Estadual é a preservação dos ecossistemas e da diversidade geográfica. O Parque Estadual de Ilhabela:

Foi criado em 20 de janeiro de 1977 por meio do Decreto Estadual nº 9.414⁷² e regulamentado através do Decreto Estadual nº 25.341 em 04 de

⁷⁰ Platon. *Ilhabela seus Enigmas*, 49.

⁷¹ Ibid., 47.

⁷² Temos este Decreto nº. 9414, de 20 de janeiro de 1977, em nosso anexo C.

junho de 1986⁷³. Com área de 27.025 Hectares, abrange cerca de 85% do município, onde os limites são definidos por cotas altimétricas que variam de 200m e 100m, e a divisa com as áreas de responsabilidade da marinha. As demais Ilhas, Ilhotas e Lajes que compõem o Arquipélago estão integralmente abarcadas pelo Parque perfazendo um total de 12 ilhas, duas ilhotas e duas lajes. O Parque é uma unidade de conservação de proteção integral de uso indireto dos recursos naturais, conforme a Lei Federal 9985/2000 – que criou o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) e é administrado pela Fundação Florestal – SP – órgão ligado à Secretaria Estadual de Meio Ambiente. Reconhecido pela UNESCO como um núcleo da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica.⁷⁴

O Parque Estadual de Ilhabela é uma das Unidades de Conservação que integram o Projeto de Preservação da Mata Atlântica, PPMA. Membros da própria comunidade são preparados para atuarem como monitores e guias para a circulação pelas dezenas de trilhas que cortam a área de preservação. O Parque Estadual de Ilhabela está localizado na estrada que vai para a Praia de Castelhanos. É uma estrada de 22 quilômetros de oeste para leste, em péssima condição de conservação, constantemente corroída pela floresta tropical e cortada por inúmeras minas de água que brotam das montanhas.

Uma das características marcantes de Ilhabela é a abundância de nascentes e rios que cortam a ilha, principalmente, dentro da área que compreende o Parque Estadual.

Neste Parque ainda encontramos belas cachoeiras com trilhas bem antigas, usadas pelos caiçaras. Podemos confirmar com um trecho da entrevista 4, página 10 da senhora M. L., de 73 anos em nosso anexo C.

M. L.: Não. Eu lembro desse caminho que tinha por aqui. Uma trilha por aqui. Chamava a trilha do Estevão, sabe? Antes de ter essa trilha por aqui.

S. M.: Essa.

M. L.: Tinha uma trilha do Estevão. É, daqui ia direto no Perequê, sabe? E muitas vezes eu fui.

S. M.: Ah! A senhora fez essa trilha?

M. L.: Fiz. Eu ia com o meu avô. Eu era, tinha uns onze anos nessa época. De dez para onze anos. Eu ia com meu avô. Meu avô chamava Pedro Ramos de Oliveira. Ia eu, ia outro meu irmão, que é depois de mim, né? Ele era grandão. Nós ia por aqui e chegava no Perequê. Naquele tempo não tinha balsa, atravessava de canoa.

S. M.: Ah!....

M. L.: Eu alcancei ainda que não tinha balsa naquela época.

S. M.: Sei. Da Ilhabela para São Sebastião ia de canoa?

⁷³ Temos este Decreto nº. 25341, de 4 de junho de 1986, em nosso anexo C.

⁷⁴ “Parque Estadual de Ilhabela”, disponível em <http://www2.uol.com.br/jbaixada/1001859.htm>, (acessado em 28 de janeiro de 2009).

M. L.: Do Perequê para São Sebastião. Da Ilhabela, também. Depois, que veio essas balsas prá cá, né? Prá fazer essa travessia. Mas, antigamente, não tinha. Atravessava de canoa. Por que não tinha como, né?

S. M.: É.

M. L.: Pessoal, atravessava de canoa.

S. M.: E essa trilha era a trilha que eles chamam do negro Estevão, né?

M. L.: Isso, isso. E é longe, viu?

S. M.: Longe?

M. L.: Longe. Tem muita subida. A gente saía daqui de manhã, no mínimo o quê? Umas sete e pouco da manhã, né? [...] Tem muita cachoeira. Tem a cachoeira da canela, que fala. Tem a cachoeira do Tombo. Tem outra que lá que chamam a toca da Goteira, sabe? Uma toca assim que fica pingando direto.

A fauna silvestre, característica de um ambiente insular contém algumas espécies raras como: caxinguelê, arapongas, tucanos, tié-sangue e jaguatiricas.

A Mata Atlântica e seus ecossistemas associados, como a restinga e o mangue, abrigam mamíferos como o macaco-prego e, também, entre outras aves encontramos tucano, maritaca, tié-sangue, macuco, gavião-pega-macaco, apuim-das-costas-amarelas, jacu e jacutinga que compõem a avifauna do Parque. Algumas espécies só existem nesse ecossistema, como o cururuá, um rato peludo.

O Parque Estadual de Ilhabela (PEI) compreende:

O limite do PEI é estabelecido pela cota altimétrica 200 (metros de altitude). Toda a área acima desta cota de altitude, portanto, pertence ao PEI. Entre a ponta das Canas e a praia da Figueira (na Baía dos Castelhanos), o limite do PEI se encontra na cota 100, o mesmo acontecendo no trecho da Ilha de São Sebastião que fica entre a ponta da Sela e a praia da Indaiatuba (na Enseada das Enchovas). Entre as praias da Indaiatuba e da Figueira (abrangendo toda a Península do Boi) o limite do PEI se estende até o nível do mar. [...] Dentro das dezenas de espécimes da flora (muitas delas exóticas), podemos destacar o jequitibá, o jatobá, o guapuruvu, o cedro, o louro-pardo, a bicuiba, a figueira, a canela-moscada, o pau-d'alho, o pau d'arco, os ipês branco, amarelo e roxo.[...] O PEI abriga oito comunidades tradicionais caiçaras de Ilhabela⁷⁵



Figura 13: Parque Estadual de Ilha Bela em julho de 2008

⁷⁵ “Parque Estadual de Ilhabela,” disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Parque_Estadual_de_Ilhabela, (acessado em 29 de novembro de 2008).

3.3.7 ILHABELA CAPITAL DA VELA



Figura 14: Yatch Club de Ilhabela

Fonte: <http://www.yci.com.br> em março de 2009

Ilhabela, Capital da Vela, obteve este título em consequência dos ventos fortes que sopram do canal de São Sebastião e do mar tranquilo. Estes dados deram à Ilhabela, condições ideais para velejar e para a prática dos esportes náuticos.

A competição náutica, isto é, as chamadas regatas, acontecem em Ilhabela durante o mês de julho e reúnem a cada ano muitos velejadores que disputam as premiações de um grande evento náutico da América Latina, organizado pelo Yacht Clube de Ilhabela.

3.3.8 NAUFRÁGIOS NA ILHABELA

O município de Ilhabela é chamado por muitos de Triângulo das Bermudas do Brasil em uma alusão aos diversos naufrágios registrados ao seu redor.

Dezenas de naufrágios pontilham as costeiras de Ilhabela. A explicação para tantos naufrágios, segundo antigos marinheiros e caixas, é a de que as embarcações tinham seus instrumentos de navegação alterados por inexplicável e misterioso campo magnético; o que fazia as embarcações desviarem muitas milhas de suas rotas e colidirem em cheio com as rochas e lajes da costeira.⁷⁶

Na Praia do Veloso, que fica a cerca de 15,5 km do Centro, no sentido sul, encontram-se os restos dos navios Tritão e Dorth, que naufragaram em 1884.

Entre as embarcações afundadas, visitadas por mergulhadores, destacam-se os cruzeiros brasileiros Aymoré (1920), Therezina (1919) e Atílio (1905), além do britânico Whator (1909).

⁷⁶ “Sua História,” disponível em <http://www.portalvale.com.br/cidades/ilhabela/historiadeilhabela.php>, (acessado em 29 de dezembro de 2008).

Nesta dissertação não cabe nos aprofundar nos naufrágios acontecidos em Ilhabela. Tomamos a decisão de escrever algumas informações sobre os dois naufrágios dos quais muito ouvimos falar durante nossa pesquisa.

O naufrágio do transatlântico Príncipe das Astúrias, na Ponta da Pirabura, no extremo sul de Ilhabela, em 6 de março de 1916, uma terça-feira de carnaval. Este navio que tinha 150 metros de comprimento e pertencia a Marinha Mercante Espanhola foi envolvido por um denso nevoeiro ao mesmo tempo em que o mar tornava-se grosso, isto é, agitado. O acidente foi de madrugada e deixou muitas vítimas fatais.

O Príncipe das Astúrias fazia a rota Madri-Buenos Aires, tinha uma valiosa carga de cobre, estanho, chumbo e, possivelmente, uma grande quantidade de libras esterlinas destinadas a uma agência bancária de Buenos Aires, além dos passageiros.

Outro naufrágio de grandes proporções foi, também, de um navio espanhol, o cargueiro Concar, em 29 de outubro de 1959, na sua viagem inaugural na rota Málaga – Assunção, quando se chocou contra pedras da Ponta da Piraçununga, no lado leste da ilha. O navio seguia em velocidade normal e com mar calmo, aparentemente por erro de pilotagem, desviou da rota e bateu nas pedras.

A sua carga continha azeite, azeitonas, alho e massa de tomate entre outras mercadorias. Contam os caiçaras fatos que ocorreram com as pessoas que pegaram parte desta carga que veio dar nas praias ou ficou boiando no mar.

Sobre estes fatos na nossa entrevista 13, página 10, com o senhor G. S., boneteiro, com 92 anos, ouvimos que:

G. S.: Quando bateu o Astúria? Quando bateu o Astúria sabe.

S. M.: O senhor lembra que ano que afundou o Astúria?

G. S.: Eu não sei o ano, deve estar com cinquenta, sessenta ano.

S. M.: Que afundou?

G.S.: É que afundou ou mais, deve ter uns setenta ou oitenta ano, porque eu era moleque, sabe.

S. M.: Hum!

G. S.: Ele pegava saía aquele trigo, saco de trigo, saía do porão que arreventou aqueles saco de trigo, barrica de massa de tomate porque esse navio saiu de Santos e a carga era de lá da Espanha, então, saía pelo mar assim, boiando, né. O pessoal ia de canoa pegava aquele saco de trigo, aquela barrica de massa de tomate, traziam, quem tinha sua casa de barro, cortavam o sape para fazer o pincel para pintarem a casa, punha no cocho a farinha com água para passar como tinta e misturava a massa de tomate e faziam um barrado assim. Não sabiam que não era tinta.

S. M.: Durou pouco?

G. S.: Ninguém conhecia estas coisas. Depois, apareceu um homem lá de Ilhabela chamado João Gaia, ele descobriu que aquilo não era tinta, era

trigo e massa de tomate. Daí, eles se arrependeram do que fizeram, de noite o cachorro ia no barrado da massa de tomate comia inteiro.

S. M.: (Risos)

G. S.: Amanhecia tudo embaixo. A chuva chovia, caía a pintura da parede toda.

O nosso entrevistado troca o nome do navio, a carga em que havia massa de tomate, era do navio Concar e não do navio Príncipe das Astúrias. Verificamos que quando perguntamos em que ano afundou o Asturia, o senhor G. S. respondeu perto do ano do naufrágio do Concar.

Pasquim é o nome que os caiçaras deram aos versos que cantavam e que se referiam a acontecimentos locais, de interesse comunitário, que predominou até a década de sessenta século XX, tratava dos fatos cotidianos como bailes, casamentos, enterros, reclamações, eleições e naufrágios, de forma humorada e satírica.

A pesquisadora Márcia Merlo escreve:

O que se nota é que a prática de “tirar pasquins”, como diziam, está se perdendo entre gerações, e os mais velhos, que ainda recordam de cabeça, estão morrendo, e com eles mais esta expressão da cultura popular caiçara.⁷⁷

Atendendo à nossa solicitação o entrevistado H. S., boneteiro, redigiu um pasquim sobre o naufrágio do navio Concar. Nós transcrevemos e não fizemos correções gramaticais:

I

28 de Outubro há 2 horas da manhã
Veio um Navio da Espanha
Pelo nome de Concar
Trazendo mercadorias
E muito óleo há pegar.

II

Há Notícia quem nos trouxe
Foi o Sr. João Loló
O mar estava muito bravo
Nós subemos por maior
No convés da baleeira
Parecia um Espanhol

III

Aguinaldo convidou
Mais João Loló não quis
Para ir lá no navio
Pegar Uísque e Corbonel
Se o Deninho nos prender
Damos um soco no nariz.

⁷⁷ Merlo. *Memória de Ilhabela*, 66

IV

Raimundo de Margarida
 Pra falar é um papagaio
 Vou levar o meu azeite
 Aqui dentro do Balaio
 Se há polícia me prender
 Da cadeia nunca saio

V

Falemos ao Seu Gauchão
 Benedito e seu Oliveira
 Vamos lá no navio
 Bem longe da costeira
 Vamos ver se nos pegamos
 Menos o pau da Bandeira.

VI

Falemos em seu Peová
 E seu irmão Manoel Branco
 Vamos lá no navio
 Enquanto o mar estar manso
 Vamos ver se nos pegamos
 A cadeira de Balanço

VII

Falemos em Jurandir
 Tem apelido de Bubuça
 Ele diz macaco a coelho
 Não ponho a mão em combúca
 Vou levar essas azeitona
 Para comer com assucar

VIII

Ajuntou-se três encrencreiro
 Saíram para viajar
 Na canôa de Jacinto
 Saíram há trabalhar
 O seu Paulino respondia
 Que três homem pra brigar

IX

O seu Santinho falava
 Coitado tinha razão
 Tanto azeite que pegaram
 Mais não deram o seu quinhão
 Deram o quinhão de Jaime
 Por andar na embarcação

X

Encontrei com Antonio George
 Andando de Quatro pé
 Com uma lata de azeite
 Embrulhada num papel
 Para levar para seu pai
 Para tomar com café

XI

No Bonete Antonio Honório
 O que foi que aconteceu
 Tanta fartura de azeite
 Não sabia o que fazer
 Abriu logo duas latas
 Mais não era pra beber
 Era pra passar na perna
 Para o mosquito não morder

XII

Raimundo saiu de casa
Sem fazer sua oração
Chegando lá no navio
Desseu logo para o porão
Foi trepar na prateleira
Queimou o pé no fogão

XIII

Raimundo saí de casa
Sem tomar o seu café
Chegando lá no navio
Disse eu sou de boa fé
Gritando para Paricido
Cunhado queimei meu pé

XV

Falamos em Antonio Eugenia
Elê é o nosso inspetor
Ele sofria do fígado
Depois do navio passou
De tanto beber azeite
Até buxexa ele criou

XVI

Viesse Benedito da ponta
Soaviando num canudo
Viesse comprar azeite
Pra levar com lata e tudo
Não ponha nada na ponta
Que se quebra e perde tudo

XVII

Dizem que a santa esta aqui
Há Santa aqui não esta não
Há Santa está em outra praia
Lá no altar de Romão
Onde fazem suas presce
Todas hás tarde com o serão.

Podemos certificar através das manifestações popular que os naufrágios nos mares de Ilhabela tiveram uma grande influência na vida dos ilhabelenses.

3.3.9 PIRATAS EM ILHABELA

Ilhabela, os índios a chamavam Ciribaí, isto é lugar tranquilo. Os portugueses vieram coloniza-la, e os ingleses e holandeses a transformaram em refúgio de piratas.

Com a morte do rei D. Sebastião, que não deixou herdeiros, o trono português passou para o domínio espanhol; isso assanhou os inimigos da Espanha, que começaram a freqüentar a costa brasileira com tanto empenho quanto os franceses vinham fazendo havia anos. Com eles vieram também piratas mais interessados na riqueza fácil e rápida⁷⁸.

⁷⁸ Araújo e Sheik, *Santos uma História*, 34.

Durante os séculos XVI e XVII, a ilha transformou-se num território livre de piratas ingleses, holandeses e corsários franceses.

Lemos em Cícero Buarque o comentário sobre o corsário e suas atividades no litoral:

Muitos foram os personagens que marcaram a trágica passagem de piratas por nosso litoral, mas o que deixou marcas mais profundas foi Thomas Cavendish, que tinha sua atividade altamente reconhecida pela Côrte Britânica. Após cada assalto, retornavam à ilha, para comemorar e arquitetar novos planos. Ainda hoje, podem ser encontradas suas marcas, nos seus descendentes, os caiçaras de olhos azuis.⁷⁹

Assim, por exemplo Thomas Cavendish, aristocrata inglês e corsário, transformou a ilha de São Sebastião em refúgio para seus atos de pirataria contra embarcações e vilas da costa brasileira.

Este pirata, em 26 de agosto de 1591, reuniu cinco navios na Inglaterra e partiu com objetivo de circunavegar a Terra. Cavendish e sua frota passaram quatro meses utilizando a Ilha de São Sebastião como base, preparando a invasão a Santos. Na frota de Cavendish veio o pirata Anthony Knivet que também escreveu sobre esta viagem até o Estreito de Magalhães e o corsário Francis Drake.

É interessante observar o que Paulo Edson escreveu na apresentação do seu livro:

A real aparência de um corsário inglês do Século XVI, como Thomas Cavendish, Francis Drake ou Richard Hawkins, aproximava-se a de um indivíduo pertencente à nobreza e seus atos contra as coroas ibéricas eram, acima de tudo, feitos dignos de honra nacional. Entre os vários corsários quinhentistas que cruzaram o Atlântico e lançaram suas âncoras na costa paulista, Cavendish talvez tenha sido um dos que mais espalhou medo e apreensão entre os primeiros colonizadores da Terra Brasília.⁸⁰

No Natal de 1591, o pirata inglês Cavendish atacou a Vila do Porto de Santos e, pouco depois, ateou fogo à Vila de São Vicente. Os piratas permaneceram na Vila de Santos, dominando os habitantes e a guarnição militar portuguesa até 3 de fevereiro de 1592, quando partiram rumo ao Estreito de Magalhães para tentar a circunavegação do globo. Cavendish já havia realizado tal façanha, pelo que era muito considerado na corte da rainha Elizabeth I. Só que, desta vez, não conseguiu realizar a viagem de circunavegação e faleceu quando voltava para Inglaterra.

No livro de Paulo Edson, o qual traduziu os manuscritos de Thomas Cavendish encontramos:

⁷⁹ Buark, *O Triângulo de Ilhabela*, 43.

⁸⁰ Edson, *O Corsário de Ilhabela*, 11.

Comuniquei-lhes como voltaríamos à ilha de São Sebastião, lá meteríamos água e faríamos todos outros serviços necessários. Lá tomaríamos uma decisão resoluta do resto de nossos procedimentos⁸¹.

Neste trecho escrito por Thomas Cavendish temos confirmação de que este corsário tinha a Ilha de São Sebastião como base para suas atividades ilícitas.

Ao longo do século XVI, os portugueses estabeleceram pontos de defesa em todo o litoral brasileiro e, também, na ilha de São Sebastião. No costão, próximo à Praia da Feiticeira e na área onde posteriormente seria erguida a Vila, foram encontrados canhões portugueses com datas de 1531, 1536 e 1540. O final do século XVI foi uma época de piratas ingleses e holandeses visitando a região.

Ilhabela era procurada pelos piratas pela quantidade de baías que possui e pela sua localização. Alguns destes piratas, que vieram na frota de Thomas Cavendish ou de outras frotas, fizeram opção de ficarem morando na Ilha de São Sebastião. Ficaram comercializando pérolas ou vivendo simplesmente de pesca e construíram suas casas sobre terra firme.

⁸¹ Ibid., 89.

CAPÍTULO IV – PRAIA DO BONETE

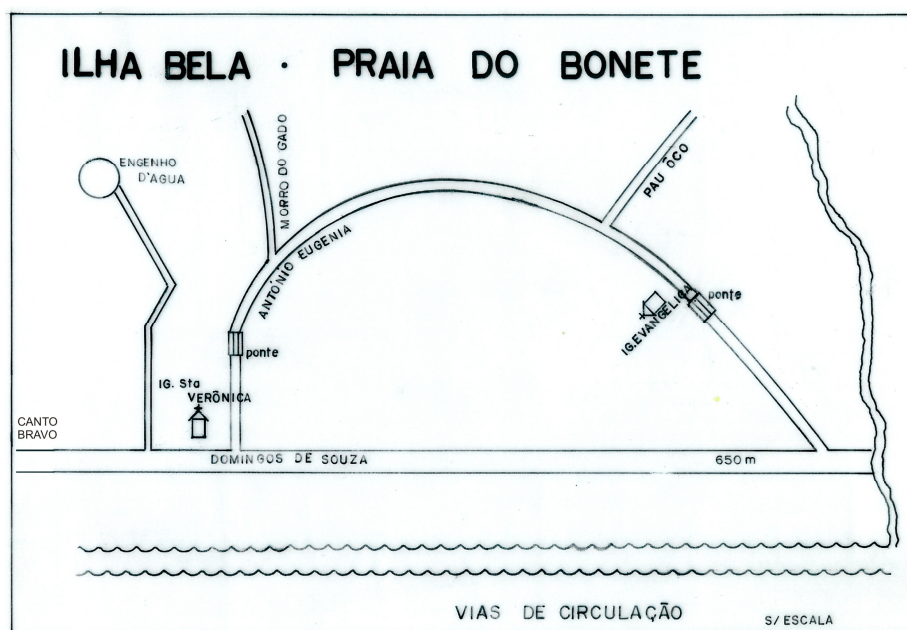


Figura 15: Mapa do Bonete

Fonte: Ilustração realizada por Ana Cristina Stiebler Vilela Leite

Os estudos etnomatemáticos, que percorrem os caminhos da história e da filosofia da matemática, requerem do pesquisador um estudo etnográfico do grupo ou da comunidade pesquisada, com a finalidade de compreender melhor o contexto-sócio cultural.

Em Ilhabela existem dois lados que se relacionam; o lado voltado para o canal e o outro, voltado para o mar aberto. Neste último vivem várias comunidades de caiçaras com seus costumes e suas culturas, que oficialmente são comunidades tradicionais caiçaras. Entre estas comunidades tradicionais encontramos a comunidade boneteira, objeto desta nossa dissertação.

Os acessos para esta praia são por uma trilha ou pelo mar e tem de extensão 650 metros. Entre a mata e o mar vive a comunidade boneteira, isolada do resto da Ilhabela, conservam hábitos e costumes próprios vivem basicamente da pesca, transporte de pessoas nas canoas, um pouco do artesanato, turismo e atualmente existem alguns moradores que trabalham também como caseiros das casas dos turistas.



Figura 16: Vista da Praia do Bonete chegada pela Trilha, foto cedida por Wilson Santana dos Santos de maio de 2008.

Com o final da escravidão e da agricultura estas regiões litorâneas entraram em declínio, os caiçaras foram perdendo o seu espaço, passaram a dedicar-se mais a pesca, com estas transformações começaram a surgir conflitos e problemas sociais. Encontramos a seguinte explicação:

A partir da metade do século XX, o turismo e a urbanização começaram a ser orientados para suas áreas, intensificando-se na década de 1970. Vários conflitos culturais surgiram com a retirada da posse secular das terras caiçaras. Como consequência, seu modo de vida foi modificado e o caiçara jogado das praias para áreas interiores.⁸²

Observamos que a população boneteira também está vivendo esta situação de estarem modificando o seu modo de vida, isto é, estarem perdendo seu espaço para urbanização e para os turistas, mudando para a encosta dos morros.

Encontramos no cenário do Bonete ainda, não sabemos por quanto tempo, permanecerá assim, canoas coloridas estacionadas em cima de uma areia fofa, mar azul em meio a montanhas cheias de coqueiros, a orla da praia é ladeada de muitas árvores chapéus-de-sol, um rio transparente, o Nema, de um lado e, do outro, altas ondas. Casas em estilo simples dos caiçaras. Os moradores, amáveis e receptivos.

⁸² Vieitas, Prestes e Dale. *Floresta*, 52.

O linguajar é único, com palavras e termos que não são encontrados em outros lugares, com acentuado sotaque caiçara, na verdade uma herança do português arcaico, onde vigora a acentuação diferente das palavras e a troca do **b** pelo **v** e vice-versa.

É muito procurada pelos surfistas devido a suas boas ondas para este esporte, tem uma cachoeira e um rio que deságuam no mar, que junto ao verde da Mata Atlântica cria uma paisagem pitoresca.

4.1 LOCALIZAÇÃO

A Praia do Bonete, conhecida assim pelos Ilhabelenses e turistas, mas oficialmente chama-se Bairro do Bonete. Localizada no sul de Ilhabela, a 37 quilômetros do centro do Município e a 31 quilômetros da balsa.

4.2 ACESSOS

Na entrevista 2, página 5, o senhor H. S., 52 anos, narra a dificuldade de acesso na década de cinquenta para chegar e sair da Praia do Bonete.

H. S.: Não, é que, antigamente, o acesso aqui do Bonete para vila era muito difícil, certo, era muito difícil, tinha o **Caminho do Estevão e o Caminho da Costa**, que hoje em dia é estrada⁸³.

S. M.: O da trilha?

H. S.: É. Naquele tempo era o Caminho da Costa e o cartório de registro era na Cambaquara, já ouviu falar?

S. M.: Não.

H. S.: Cambaquara, agora, é o São Pedro.

S. M.: Da Ilha?

H. S.: Bairro São Pedro, aqui.

Não é possível a chegada de automóvel até a Praia do Bonete; os acessos são por lanchas, canoas boneteiras e uma trilha, a mesma que o entrevistado informou que antes se chamava Caminho da Costa.

4.2.1 TRILHA PARA PRAIA DO BONETE

⁸³ O negrito foi realizado pela pesquisadora.

A trilha de acesso à Praia do Bonete é dentro do Parque Estadual de Ilhabela, passa pelas cachoeiras da Laje, do Areado e da Figueirinha. A trilha começa na Ponta da Sepituba, que fica 16 quilômetros da saída da balsa em direção sul de Ilhabela, onde há um estacionamento. Da Ponta da Sepituba, início da trilha até a Praia do Bonete são 13 quilômetros. O peso da mochila influencia na velocidade e na dificuldade das subidas.

É uma trilha com subidas bastante íngremes e vista do mar encantadoras, muito útil o uso de um cajado. O tempo que leva na trilha vai depender muito de quanto é o peso que está carregando e quanto vai demorar nas paradas para descansar. Em média leva de 4 a 5 horas.

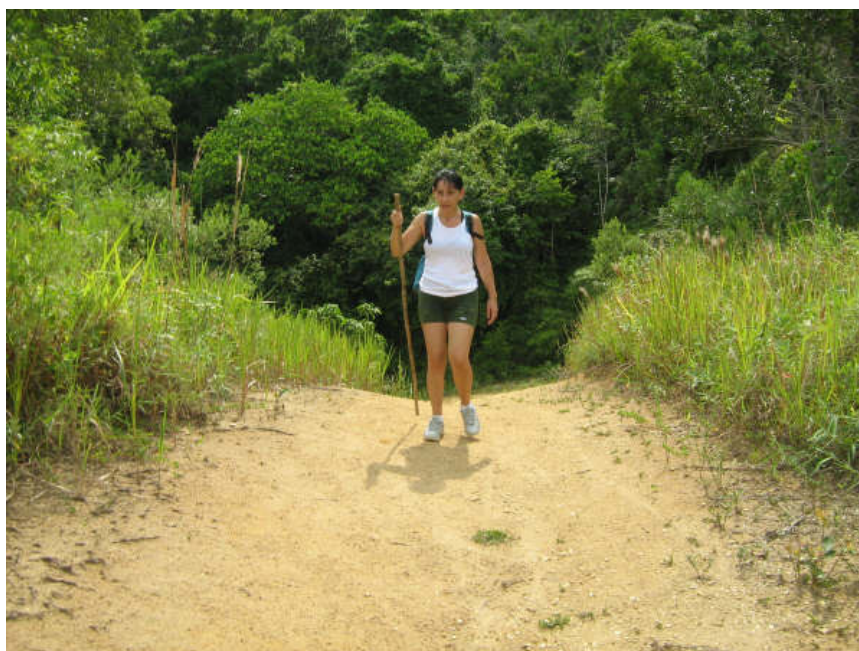


Figura 17: Trilha para Praia do Bonete, foto cedida por Laureti Pissolati em março de 2008

Normalmente, só com uma mochila leve e sem parar, depois de uma hora e meia de caminhada chega à primeira cachoeira, a da Laje, não estando muito cheia é fácil de ultrapassar, a queda é em forma de tobogã. Se descermos a cachoeira até o mar, na maré baixa, podem ser vistos os destroços de um naufrágio.

Depois de uma hora e trinta minutos aproximadamente encontra-se a Cachoeira do Areado, já a pequena Cachoeira da Figueirinha encontra-se próximo ao final da trilha. Quando chegamos no mirante que é a primeira vista da Praia do

Bonete ainda tem mais meia hora de caminhada, é possível também avistar a baía das Enchovas e Indaiúba.

4.2.2 LANCHAS OU CANOAS BONETEIRAS



Figura 18: Canoas Boneteiras em janeiro de 2008

Outro modo de acesso é através das canoas boneteiras, pode apreciar o verde da Mata Atlântica e as mansões que circundam a costa do arquipélago, passando pela Ponta da Sepituba observar-se o Buraco do Cação, uma caverna dentro do costão.

As canoas saem do Tebar Clube em São Sebastião, no nosso caso que estávamos na Ilhabela, avisámos o canoeiro um dia antes, para passar na Praia Grande de Ilhabela para nos pegar.

É sempre bom ligar antes para combinar e saber se o mar vai permitir a viagem, muitas vezes está o tempo bom e as condições do mar tranquilas na frente da Ilhabela mas a chegada no Bonete está com ondulações de sul fica impossível encostar uma canoa ou barco na praia e mais difícil ainda para desembarcar pessoas e bagagens.

Os canoeiros são boneteiros, moram no Bonete, apesar de ter um ou outro que mudou para São Sebastião, mas continuam trabalhando com a canoa no transporte para o Bonete e/ou na pesca.

De canoa leva uma hora e trinta minutos a partir da Praia Grande e uma hora e quarenta e cinco minutos de São Sebastião, isto é se o mar e o vento

estiverem tranquilos. Temos que estar trajados de acordo para podermos entrar e sair da canoa na beira da praia, isto é com água até o meio da perna.

Saímos da Praia Grande rumo ao sul da Ilha em direção a Praia do Bonete, fomos seguindo a costeira, pela esquerda, admirando a Mata Atlântica, isto é o Parque Estadual de Ilhabela e construções de casas com seus jardins maravilhosos e pela direita ao longe as praias de São Sebastião até onde se torna mar aberto.

Quando viramos a última ponta e deslumbramos a primeira vista da Praia do Bonete é encantadora, em toda sua orla tem árvores chapéis-de-sol, os nativos dizem que estas foram plantadas ainda pelos piratas, temos um trecho da entrevista 13 do senhor G. S., 92 anos na página 12.

S. M.: Da parte do senhor Hélio, como chamava o pirata?

G. S.: Loló.

S. M.: Era dinamarquês?

G. S.: Essas planta aí (chapéu-de-sol) foi plantado pelo pirata Loló, as planta vieram lá do fim do mundo, de Portugal.

S. M.: E está até hoje.

G. S.: Esta planta fica velha cai aquela casca e nasce a nova.

Continuando em direção a praia, verificamos que por de trás das árvores tem as casas, nesta praia mora a comunidade boneteira tradicional caiçara, residem duzentas e setenta pessoas.⁸⁴

No canto direito da praia encontramos o rio Nema que desagua no mar, este rio é a barra das canoas dos boneteiros, isto é por onde eles retiram e guardam as canoas.



Figura 19: Rio Nema em janeiro de 2008

⁸⁴ Anexo B

Hoje já existem algumas casas de turistas e poucas pousadas. Tem uma pousada mais sofisticada que oitenta por cento de seus hóspedes são estrangeiros e as outras três pousadas são mais simples. Tem também dois campings.

Na entrevista 2, do senhor H. S., página 2, 59 anos, temos a declaração oral sobre um dos campings.

H. S.: Tanto que o rapaz pôs o nome no camping dele de camping da Vargem, entendeu? Onde mora? Moro lá, na Vargem, não morava...
S. M.: Na Praia.

A ausência de luz elétrica e a inexistência de automóveis garantem a tranquilidade do local. A vila abriga uma escola municipal, um posto de saúde e uma quadra poli-esportiva. A visita quinzenal do médico e do dentista é aguardada pela comunidade, sempre dependendo das condições do mar.

O comércio na Praia do Bonete, durante o ano todo tem um ou dois bares abertos na praia e dentro da vila tem um restaurante de nome Mc Bonet's, tem uma pequena venda com produtos de primeira necessidade para o local, como por exemplo velas, fósforos, macarrão, protetor solar e repelente.

No verão aumenta o número de bares na praia, que passam por uma dificuldade de extrema necessidade, precisam trazer o gelo de São Sebastião, por falta da eletricidade e o gerador hidráulico não dá conta. Já ficamos várias vezes, dias, tomando refrigerantes e cervejas quentes, o mar não permitindo a saída ou chegada de canoas.

Chegando de canoa no Bonete, conforme vamos caminhando em direção as árvores chapéus-de-sol, vamos tendo também uma visão maior das casas e do lado direito da praia tem uma árvore com uma placa:



Figura 20: Placa na árvore, foto cedida por Marta M. Vassimon em março de 2008

Nesta árvore é o ponto de encontro dos moradores para conversarem e avistarem o movimento de chegada ou saída pelo mar. Observamos que gostam de ficar neste ponto pela manhã e pelo final da tarde, no horário das lanchas ou canoas saírem e chegarerm.

Caminhando em direção as casas entramos na Rua Antonio Eugenia que segue contornando a vila por dentro, fazendo uma curva até a igreja católica.



Figura 21: Placa de nome de rua em Janeiro de 2008

Depois continuando bem a direita da igreja católica é a Rua Domingos de Souza que também é a rua da praia.



Figura 22: Fotos placas de rua em janeiro de 2008

Nesta rua encontramos o senhor Paixão, não deixou gravar entrevista, casado com a dona Rosália, revelou: “este é o melhor lugar pra se morar. Estou aqui há 82 anos. Fui pescador, depois passei a tomar conta das terras do Ademar de Barros, hoje vendidas. Namorei aqui mesmo, casei e tive quatro filhos. Hoje estou aposentado”.

O senhor Paixão iniciou a declamar alguns versos típicos dos caiçaras boneteiros:



Figura 23: Casal Paixão e Rosália, foto cedida por Marta M. Vassimon em janeiro de 2008

Ilhabela vale um mil
E o perequê um mil e cem
E o Bonete vale tudo pela
Beleza que tem.

Adeus praia do Bonete
Que as pontas já vou deixando
Não sei quem deixo para trás
Que meus olhos estão chorando.

Cachoeira do Bonete
Corre por bica de prata
Dentro do Bonete mora
Um coração que me mata.

O Papel para ti escrever
Tirei da palma da mão
E a tinta tirei dos olhos
E a pena tirei do coração

Sofri tanto por uma bela namorada
 Que me deixou abandonado neste mundo
 Como é tão triste sofre a cima dela
 Desiludido neste globo tão profundo
 Vai chorar, vai chorar, vai chorar.
 Meu remorso vai lhe prescindir
 Meu retrato revelas um sonho.

O senhor Paixão encerrou os seus versos com este:

Bonete lindo e querido
 Eu que te vi bem de perto
 Posso contar aos paulistas
 Que tu és um céu aberto
 Ó que recanto mais lindo
 Não há no mundo inteiro
 O meu Bonete querido
 Grande torrão brasileiro

A sua esposa, senhora Rosália recitou os seguintes versos:

Me contai porque estás triste
 Com a mão chegada ao rosto
 E me contai vossos males
 Que quero sofrer convosco

Coração amagoado entristecido e doente
 Que serve contar meus males
 Para quem comigo não sente

Me mandasse um copo de água
 com ramalhete no pé.
 Se tem outros amores
 Mandai dizer quem é

Outro amor eu não tenho
 Meu amor é só você
 Quem ama tão rica prenda
 Que amor mais pode ter

Com pena pequei na pena
 Com pena para te escrever
 Com pena larguei da pena
 De pena de não te ver

Tem dente miúdo como
 Caroço de arroz
 Como não será tão bom
 Um abraço entre nós dois

Sou altinho que nem cana
 Sou fininho que nem retrós
 Não se faz carinho ao outro
 Que o meu coração se dói

Estes teus olhos menina
 São duas contas redondas
 Duas pedras preciosas
 Onde o mar combate as ondas.

Esta casa está bem feita
 Por dentro por fora não
 Por dentro cravos e rosas
 Por fora manjerição

A folha da bananeira
 Pinga ouro pinga prata
 De longe você é lindo
 De perto você me mata

Estando de frente para a Praia do Bonete temos como vizinha, a direita, praias Enchovas, que levamos uma hora de caminhada e Indaiauba com duas horas de caminhada. Saindo de uma trilha no meio da vila, passa pela ponte da Cachoeira do Poço Fundo em direção ao Pau-Oco, percorre cerca de dois quilômetros até encontrar Enchovas. Mais um quilômetro, chega-se à Indaiauba.

Na nossa entrevista 2, página 2 com o senhor H.S., 59 anos boneteiro, foi Presidente da Associação do Bairro do Bonete, hoje é representante da Prefeitura no bairro. Explica como o bairro é dividido geograficamente:

S. M.: E aí, tem nome ou não?

H. S.: É a mesma avenida, Domingos de Souza, que vai bater lá, termina lá na casa da Valéria.

S. M.: O caminho acaba na igreja católica?

H. S.: É outra rua que passa, que contorna aqui para trás do bairro.

S. M.: Aí, aqui, é uma encruzilhada que continua com o nome da avenida.

H. S.: Exato, antes, antigamente, quem morava desse córrego que tem aí, que a gente chamava de rio, quem morava do rio para cá, chamava-se Praia, mora na praia, e quem morava do rio para cima, que era barro então, mora na Vargem, e Vargem ficou no pedacinho onde tem o Mc Bonet's.

S. M.: Onde eu estou?

H. S.: Isso, ali, aquilo ali a gente chama Vargem já veio dos antigo, entendeu?

S. M.: Será que é por que tinha plantação ali?

H. S.: Tanto que o rapaz pôs o nome no camping dele de camping da Vargem, entendeu? Onde mora? Moro lá, na Vargem, não morava...

S. M.: Na Praia.

H. S.: É. [...] O Bonete é dividido Vargem, Praia, agora tem o Pau Oco, que não existia Pau Oco, era tudo plantação, era lavoura do pessoal. Morro do Gado era plantação de um senhor aí, que não sei de onde era, ele trouxe o gado aí, pôs não sei quantas cabeças de gado aí, não era muito e pegou tudo, então por causa disto ficou o nome Morro do Gado. Certo? E uma parte aqui, saindo daqui, mais ou menos aqui, não tem uma vielazinha, uma vielazinha aqui ó. (Silêncio) Mora tudo minha família, um, dois, três, quatro, cinco, um, dois, três, quatro, cinco. Está gravando aí?

S. M.: Hum, hum. São cinco famílias, aí? Aí tem nome, não?

H. S.: Engenho.

S. M.: Ah! Engenho.

H. S.: Era onde era o antigo engenho de cachaça do Bonete, era da minha mãe, também.

S. M.: Ah! Hoje ninguém mais faz cachaça?

H. S.: Não, então aqui é tudo minha família, tudo meus primo, meus tio é que moram lá.

S. M.: Onde era fazenda?

H. S.: Isso, entendeu? Esse pedacinho aqui que é o engenho, passa pelo Morro do Gado, aí dá uma quebrada assim, um barranco que faz uns seis metros a oito metros de altura e depois a planície embaixo, né. E aí que ficou povoado, aí, ficou, foram, lotearam, foram vendendo, aí, os turistas compraram casa, foram fazendo, também os caçara venderam terreno dele aqui na frente da praia, eles tinham terreno no morro do gado e fizeram casa lá, então estão misturado, morro do Gado e Pau Oco. Entendeu?



Figura 24: Restaurante Mc Bonet's, foto cedida por Marta M. Vassimon em março de 2008

O senhor H.S., 59 anos, entrevista 2, página 1, explica como que as casas antigamente eram construídas na Praia do Bonete.



Figura 25: Casa de Pau-a-Pique em janeiro de 2008

H. S.: Não, antigamente, as casas daqui do Bonete, nos anos cinquenta, quarenta, né, eu nasci no ano cinquenta, era tudo de pau-a-pique, era de barro, então, por causa disso, que faziam a porta na lateral, não de frente por causa do vento, né, e era tudo mais frágil do que hoje em dia, hoje em dia, tudo de alvenaria, de bloco, cimento, então, agora, não, agora tudo foi modificado, e as casas de frente da praia, lógico, são tudo de frente para a praia, né.

S. M.: E esta do caminho aqui, eu chamo do caminho, aí, cada um faz do seu jeito?

H. S.: Aí fazem tudo de frente para o caminho, né, a não ser uma casa nos fundo que não, tem alguma nos fundo que...

S. M. : Que é meio de lado.

H. S. : Que é de meio de lado, e deixo ver...

[...]

S. M.: Então, e aqui chegamos na igreja, aqui na rua, nesta rua que eu digo que é o caminho até a igreja católica, e da igreja católica até o final aqui do Canto Bravo, esse pedaço aqui chama Canto Bravo, não é?

H. S.: É Canto Bravo.



Figura 26: Rua Interior da Praia do Bonete em janeiro de 2008

4.3 ORIGENS DOS BONETEIROS

Caiçara é o povo descendente do encontro dos portugueses e dos índios e que desde sua origem optaram por viver fora dos centros urbanos, juntos ao mar, tirando dele os recursos necessários à sobrevivência.

O típico físico dos moradores do Bonete, grande parte, são loiros e de olhos claros, portanto fica claro a ascendência dos países nórdicos, no físico do boneteiro.



Figura 27: Crianças Boneteiras em janeiro de 2008

Na entrevista 2, página 5, com o senhor H. S., 59 anos, narra a época que iniciou a aumentar a população da Praia do Bonete:

S. M.: Então, mais ou menos no século XX, mais ou menos em mil novecentos e dez, para cá, que começou a povoar mais o Bonete?

H. S.: Mil novecentos e vinte, meu sogro é de mil novecentos e vinte e seis, mil novecentos e trinta, trinta e cinco né, mais ou menos a povoação começou a aumentar nos anos trinta.

4.3.1 RAÍZES EUROPEÍAS

A presença de piratas europeus no Bonete, é assinalada em narrações e entrevistas com os boneteiros, realizadas pela pesquisadora, na entrevista 13, página 2, o entrevistado o senhor G. S., 92 anos, apoiando-se na tradição oral, fala de uma história contada pela avó, com a qual ele morava;

G. S.: Esse Bonete, porque este Bonete foi os piratas que descobriram, os piratas sabe?

S. M.: Sei.

G. S.: Sebastião de Souza, era capitão pirata, Rodrigues que era polonês e o Loló, Loló que era dinamarquês.

S. M.: Ah!

G. S.: O Loló era dinamarquês, bisavô do Hélio, e o Sebastião de Souza era meu bisavô, bisavô do Paixão. O Rodrigues é esta raça de Rodrigues que tem por aí sabe, tudo por ele, bisavô dele. E, assim, ficou, eles fizeram aqui, quando entraram aqui, eles entraram o mar muito manso, naquele tempo passado, minha avó me contava tudo, porque eu me criei com minha avó, sabe. Minha mãe morreu, eu era moleque, minha mãe morreu, meu pai morreu, minha avó pegou e me criou, me criou. Fiquei com ela. Então, ela contava estas coisas toda, sabe, me contava, ela era muito velha, ela morreu com cento e quinze ano. No tempo que os piratas entraram aqui, eles entraram, entraram numa fragatazinha, fragata é um veleirozinho pequeno, né.

[...] o Bonete era um matão, capoeira, não tinha nome. Eles subiram aí, foram procurar lugar para abarracar e para ficar e pegaram a santinha dele botaram lá, [...] na placa era escrito, na placa era escrito Praia de Santa Verônica, que era o nome da Santa, como é, então, o nome era Praia de Santa Verônica. [...].

Continuando com a entrevista o senhor G. S., explica que é bisneto do pirata Sebastião de Souza, português e que foram três piratas que ficaram no Bonete:

S. M.: Esse que morreu como é que chama? Esse pirata que morreu, qual era o nome dele?

G. S.: Sebastião de Souza, era meu bisavô.

S. M.: Bisavô do senhor? Português?

G. S.: Era meu bisavô, sabe.

S. M.: Tem até hoje o túmulo lá?

G. S.: Como é?

S. M.: Tem o túmulo dele até hoje?

G. S.: Ham.

S. M.: Tem até hoje?

G. S.: Não tem. Quebraram, tinha, fizeram uma cruz de ferro, um cruzeiro de ferro, tinha a campa dele, há muitos anos, depois acabou-se aquilo tudo, ficou estes novato aí tudo. Quebraram aquela cruz, ainda tem pedaço por lá, dentro do cemitério ainda tem pedaço lá, né, do ferro da cruz. Depois, enterraram qualquer pessoa lá, não fazem túmulo, não fazem esse negócio, como é? Enterraram pronto, acabou-se, está pisado, pronto,

acabou-se. Está enterrado. Só tem o campo santo. Só pedra, só pedra, lá no Morro do Gado.

S. M.: Quantos piratas ficaram aqui, quantos piratas ficaram morando aqui?

G. S.: Três, mas trouxeram a família deles, eles procriaram, ficaram por aqui e povoaram isto tudo aqui.

Nós praticamente em todas as entrevistas perguntamos sobre o que já tinham ouvido falar sobre os piratas no Bonete. Interessante que só um entrevistado, o mais idoso da comunidade que assume a presença como moradores no Bonete, dos três piratas Rodrigues, polonês; Loló, dinamarquês e Sebastião de Souza, português. E pelo que narram as famílias que vivem até hoje no Bonete, todos são descendentes de uns destes três piratas europeus.

A pesquisadora Merlo escreve: “Um velho caçara trata de ‘pirata’ o colonizador europeu e a própria família boneteira. Segundo ele, o Bonete foi ocupado, cultivado e povoado pelo pirata Souza, e daí vem a descendência de toda sua família”.⁸⁵

Outro narrador da pesquisadora observa: “Ao que parece, o Bonete inicia-se com as famílias Souza e Rodrigues que, segundo seus antigos moradores, são descendentes de piratas europeus”.⁸⁶

Os narradores da pesquisadora Merlo e os nossos com diferença entre as pesquisas de oito anos e narradores diferentes, tendo um só comum. Dizem os mesmos nomes dos piratas europeus e narrações sobre este assunto são bastante semelhantes.

4.3.2 RAÍZES AFRICANAS

Entrevistando o senhor E.J., entrevista 6, página 7, 58 anos, obtivemos:

S. M.: Os primeiros moradores do Bonete o senhor ouviu falar alguma coisa de índio?

E. J.: Não.

S. M.: Só dos negros.

E. J.: É, os negros, né

Com outro narrador, da entrevista 13, página 5, 92 anos, deparamos com:

S. M.: E os escravos? E o escravo, o negro?

⁸⁵Merlo, Memória de Ilhabela, 92.

⁸⁶Ibid.

G. S.: Os negros.

S. M.: Já tinha?

G. S.: Os negros chegavam aqui, eles se escondiam aí, não apareciam.

Continuando a entrevista com o mesmo narrador, página 8:

S. M.: E do negro, do escravo quem ficou?

G. S.: Tem algum que já morreu.

S. M.: Nome, o senhor lembra?

G. S.: Hem!!!!

S. M.: Nome de algum?

G. S.: Algum, um era Honório.

S. M.: Não tem importância.

G. S.: O Ademar é bisneto do escravo, a senhora conhece o Ademar?

S. M.: Conheço.

G. S.: Então, ele é bisneto de escravo, Ademar, a Neusa.

S. M.: Conheço também.

G. S.: São bisneta de escravo. Assim, vamo ficando vivendo na nossa praia.

Conversando ou mesmo nas entrevistas com vários boneteiros sempre aparece o mito do escravo Estevão, os nativos mostram no morro do lado esquerdo da praia do Bonete, uma Toca que chamam de Toca do Estevão. Esta Toca do Estevão acreditamos que é um mito, pois no centro da Ilhabela também falam da Toca do Estevão, só que a toca é no Morro Baepi ali mesmo no centro⁸⁷. A pesquisadora Márcia Merlo também comenta que em Ubatuba, também contam estórias do negro Estevão e sua toca.



Figura 28: Toca do Negro Estevão em janeiro de 2008

⁸⁷ Merlo, *Entre o Mar e a Mata*, 135.

O nosso narrador senhor B. C., entrevista 3 página 6, 83 anos, também fala do negro Estevão.

B. C.: Tinha os escravos também.

S. M.: Os escravos?

B. C.: Aqui tem um caminho, do Estevão, que chamam, sai no Perequê, viajei muito neste caminho, foi o escravo que abriu o caminho.

S. M.: Foi o escravo Estevão?

B. C.: É.

S. M.: Do Bonete até o Perequê?

B. C.: Até o Perequê, aqui também tinha da Ponta da Sela até Borrifo.

Merlo transcreve o comentário de um boneteiro sobre a influência dos negros em sua ascendência: “A família Santos inicia-se do casamento do falecido congo Antonio Honório dos Santos com D^a. Benedita, uma das parteiras da comunidade. O sr. Antonio era do bairro do Perequê, na região do Canal, e a conheceu em uma das festas de Santa Verônica, passando a representar a face negra na comunidade do Bonete”.⁸⁸

Na nossa entrevista 4, página 3, com a senhora M. L., ela declara ter encontrado utensílios de cozinha dos negros.

S. M.: É, mas a senhora já ouviu contar, assim, se era índio, se era escravo, se era?

M. L.: Eu ouvia contar que era escravo. Ouvia contar, minha avó contar, que era escravo, sabe? E moravam aqui. Uma vez, eu fazendo roça. Já faz muito tempo, né? Fui fazer roça lá longe. Punha roçado naquela época. Roçava prá plantar. A gente achava pedaço de panela. Sabe aquelas panelona de barro que usava naquele tempo usavam, né?

S. M.: É.

M. L.: A gente achava. Debaixo de uma pedra grande assim, aquela panela de barro quebrada. Tinha uma que tava só quebrada assim um pedaço, sabe? Tinha um pedacinho assim do lado, assim. Tava quase inteira a panela. Pedaço de prato, também, quebrado, né? E ficava lá. Eu trabalhei lá, no sertão.

[...]

S. M.: E essa trilha era a trilha que eles chamam do negro Estevão, né?

M. L.: Isso, isso. E é longe, viu?

S. M.: Longe?

M. L.: Longe. Tem muita subida. [...]. Eu fui muitas vezes nessa caminhada, com meu avô e meu irmão.

S. M.: Ah!

M. L.: Meu avô e meu irmão.

S. M.: E ele, e o avô contava, falava que era a trilha do negro Estevão?

M. L.: É, do negro Estevão.

S. M.: Ah!

M. L.: Mas meu avô conheceu, mas eu não cheguei a conhecer esse homem. Não conheci, sabe?

S. M.: É, mais moça.

⁸⁸ Merlo, *Memória de Ilhabela*, 92

M. L.: Bem antigo, então, mas meu avô conheceu. E minha avó também que morava aqui perto, conheceu.

Observamos que os boneteiros tem sempre uma estória do negro Estevão, conversando com uma senhora de 87 anos, contou-nos que quando era recém casada foi apanhar fruta no pé e encontrou o negro Estevão, que os dois saíram correndo, cada um para o seu lado e que ele era sempre visto pelos pomares, mas não chegava perto de ninguém.

4.3.3 RAÍZES INDÍGENAS

Na entrevista 13, página 5, o senhor G. S., 92 anos:

S. M.: Nesta época tinha o índio que ajudava, o senhor falou?

G. S.: É o índio que fizeram.

[...]

S. M.: Quem ajudava mais era o índio?

G. S.: É o índio.

Depois na página 8, comenta que os boneteiros aprenderam a fazer canoa com os índios:

S. M.: Então o início da canoa aqui, era o índio que ensinava?

G. S.: Hum!!

S. M.: O início de começar a construção de canoa aqui era o índio que ensinava?

G. S.: Era o índio que fazia, o índio fez, aí, depois, aqueles mais velhos antigo ele via o índio a fazer tiraram aquele montiero e pegaram a fazer mal feita, bem feita, pegaram a fazer e aprenderam a fazer.

S. M.: Então, foi o índio que trouxe a canoa?

G. S.: Foi. Eu ainda conheci um índio, naquele tempo, eu era moço, que se chamava, tinha um sinal assim no pescoço, o apelido dele era Inácio Banana. Depois, ele casou-se, teve filho.

S. M.: Aqui não ficou ninguém descendente do índio?

G. S.: Os Inácios.

S. M.: Inácios?

G. S.: Os Inácios são descendentes dos índios.

O nosso narrador da entrevista 4, página 6, de 82 anos, afirma que nunca ouviu falar dos índios.

S. M.: O senhor já ouviu falar que antigamente teve índio por aqui?

B. C.: Índio? Índio, não.

Pode-se observar assim que no Bonete houve a presença indígena em um determinado período, mas não foi possível confirmar que deixaram descendência no Bonete, a maior influência deixada é a atividade da construção da canoa boneteira. Na ascendência da população boneteira fica testemunhado nesta pesquisa as ascendências européias e africanas. Os indígenas viveram uma época no Bonete, deixando muitas influências na cestaria e construção de canoas mas não confirmamos que deixaram descendentes na comunidade boneteira.

Os boneteiros se vêem como descendentes de caiçaras, não gostam de se verem de descendentes de piratas, que tem uma conotação negativa.

4.4 ORIGEM DO NOME BONETE

Durante nossa pesquisa obtemos várias respostas para a origem do nome Bonete e outras pessoas nunca ouviram falar nada sobre este assunto.

Durante nossa entrevista 13, página 2, senhor G. S., 92 anos:

S. M.: Por que chama Bonete?

G. S.: Bonete por que chama Bonete?

S. M.: É.

G. S.: Esse Bonete, porque este Bonete foi os piratas que descobriram, os piratas sabe?

[...]

. Quando foram descobrindo a Ilha, aí. [...] o Bonete era um matão, capoeira, não tinha nome. Eles subiram aí, foram procurar lugar para abarracar e para ficar e pegaram a santinha dele botaram lá, [...] na placa era escrito, na placa era escrito Praia de Santa Verônica, que era o nome da Santa, como é, então, o nome era Praia de Santa Verônica. [...] voltava na praia e saíam a estudar. E, aí, eles olhavam para o morro tudo, davam nome do morro, como tem morro de saquinho, tudo indicado por eles, Morro de Saquinho, Morro de Vargem Grande, Morro de Ubatubano, Morro do Icongo, morro dá, esse morro, aqui, Morro da Barra, Morro das Enchova, Morro do Rafaé, eles deram nome deste morro tudo [...]. Pegavam a estudar, um perguntava para outro que nome que é que nós vamos por aqui, o nome é chamava-se Praia de Santa Verônica, daí um falava, o nome assim, assim. Ele o capitão pegou tirou o chapéu dele e botou em cima do mapa e perguntou, porque ele era muito sabido, sabe, e perguntou, que nome é esse chapéu? Daí um falou assim é boné. Que morro é aquele lá? Que é este morro aí? Eles não sabiam dá o nome. Ele disse olha boné, bonete, daí acharam muito bom, pegaram o nome e escreveram Bonete e Bonete ficou. Esse rio, aí, deram o nome de rio Nema e rio Nema é, por aí. Todo mundo conhece onde é o Nema. Eles aqui estudaram descobriram lugares, ficaram aí, acharam lugar muito bonito. Eles fizeram uma fábrica, trouxeram índios de lá, fizeram uma fábrica, um engenho de cachaça, uma fábrica de moer cana, de fabricar cachaça, manjolo de arroz, fizeram plantação de cana, jaqueira, bananeira, abacateiro, laranjeira ainda tem muito por aí.

Quanto à origem do nome Bonete, lê-se a transcrição da autora de uma entrevista com um nativo de 76 anos, que contou “que os antigos colocaram o nome de Bonete por ter em uma das pontas da praia uma rocha no formato de boné”.⁸⁹

Pelas nossas pesquisas da origem do nome do Bonete, encontramos um artigo de Nivaldo Simões:

[...] no Bonete, até mesmo para a origem no nome da praia há controvérsias. Uns dizem que vem do sobrenome de uma família francesa que morou lá, a trocentos anos. Outros dizem que é uma alusão à bonete, nome que os marujos dão a uma vela que se coloca na parte baixa da vela grande ou o traquete [...]. Há ainda os que argumentam que, ao notarem certa árvore que exalava um cheiro forte e perfumado, os primeiros moradores deram pra chamar o local de Sabonete, e daí para bonete bastou uma escorregadazinha...⁹⁰

Conversamos com uma turista que E qüenta o Bonete há vinte anos, perguntamos se sabia porque chamava Bonete, ela disse que ouviu uma vez que chegou alguma pessoa aqui e cheirou uma flor, que era muito , mas muito perfumada, que fez associação com sabonete e aí virou Bonete.

Entrevistamos, um rapaz, mas não foi possível fazer a gravação por falta de eletricidade para carregar as pilhas. Luba, mora no Bonete há onze anos, casado com boneteira e toma conta da Marina.

Contou-nos que o mar do Bonete é o mais bravo de toda região e sempre ouviu que o nome Bonete, é porque o pirata Justino, holandês, gostou muito do chapéu de um dos três piratas que chegaram depois; do grupo do pirata Cavendish, o chapéu de modelo bonete, que resolveram por o nome do chapéu na praia.

Portanto ouvimos várias versões sobre a origem do nome Bonete e ficamos pensando qual delas é a verdadeira ou nenhuma delas ou todas. Todas são muito bonitas.

Para vários boneteiros que entrevistamos e perguntamos sobre a origem do nome obtemos as seguintes respostas:

Na entrevista 1, página 10, com o senhor R.S., 44 anos:

⁸⁹ Ibid., 103.

⁹⁰ Simões, “Santa Verônica, Padroeira,” disponível em http://www.jornalcanalaberto.com.br/index.php?pagina=materias&cod_editoria=6&cod_materia=6497, (acessado em 20 de agosto de 2008).

S. M.: Agora, mudando um pouco, vocês sabem por que aqui chama Bonete?

R. S.: Ah! Agora porque que aqui chama Bonete não sei.

S. M.: Nunca ouviu estórias?

R. S.: Deve ser assim de um tipo já dos tempos antigos, E, tempos antigo, tem Bonete, tem as Enchovas, Indanhauba, Porto da Toca onde a gente mora, cada lugarzinho aqui tem o seu nome, da Sepituba para cá tem vários nome, quer dizer que cada lugarzinho tem seu nome.

O nosso narrador E. J., 58 anos, entrevista 6, página 6 narrou:

S. M.: O senhor sabe por que chama Bonete, já viu dizer alguma coisa?

E. J.: Não sei, não sei mesmo.

S. M.: Nunca ouviu fala nada?

E. J.: O meu avô morava lá na outra praia da Enchovas, eu morei quase trinta ano na Enchovas, então namorei aqui, casei, fiz minha casinha, mudei para cá, já faz trinta ano que eu moro aqui.

S. M.: O senhor nunca ouviu falar nada?

E. J.: Não.

Outro nativo entrevistado, o senhor B. C., 83 anos, página 5, da entrevista

3:

S. M.: E o senhor, aqui, no Bonete, o senhor já ouviu falar porque deste nome, o senhor sabe de alguma coisa, de onde venho este nome, nunca ouviu falar nada?

B. C.: Bonete?

S. M.: De onde venho este nome? Nunca ouviu falar nada?

B. C.: Não, porque todo lugar tem nome, E.

S. M.: Todo lugar tem nome, E.

B. C.: Pelo menos para cá, praia do Pinto, Armação, e vai indo, E?

S. M.: É.

B. C.: Sombrio, Castelhana.

S. M.: Isso.

B. C.: Indanhauba, Enchovas, Bonete.

S. M.: Isso.

B. C.: Toca.

S. M.: Vai indo.

B. C.: Borrifos, Veloso, Curral, Praia Grande, vai indo! Já deram o nome daqui do Bonete.

Na entrevista 9, página 6, o senhor P.J., 62 anos:

S. M.: O senhor, que é mais antigo, sabe por que chama Bonete?

P. J.: Não, não sei.

S. M.: Não ouviu nenhuma estória.

P. J.: Nenhuma estória.

Outro companheiro que estava no grupo da entrevista respondeu:

A. F.: Bonete é nome indígena, agora o significado de Bonete, é meio difícil, a gente ninguém sabe.

[...]

P. J.: Antigamente, tinha aqui caiçara, não era pirata.

Este comentário mostra que este boneteiro, com 62 anos, não se vê como caiçara, diz que antigamente havia no Bonete caiçara. E hoje, então não são mais caiçaras, são boneteiros.

4.5 ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO BONETE

Entrevista 2, página 8, senhor H. S., boneteiro, 59 anos.

H. S.: É. Aí, pensei bem, pensei bem, aí comecei a trabalhar de pedreiro, fui me ajeitando, era no mar, uma vida era muito sacrificada, porque a gente que era responsável por embarcação, tinha barco de eu trabalhar, comandar dezoito homens, era grande, tinha quase trinta metros de comprimento o barco. [...] Aí saí, faz sete anos que sou funcionário público. Em noventa e oito, fundei a associação aqui, porque era muita bagunça, muita barraca na praia, muito mau cheiro.

S. M.: Tinha muita confusão.

H. S.: É. O advogado da associação, falei com ele, comprou um terreno aí, fez aquele camping, tiramos a barraca.

S. M.: Nossa, foi uma coisa ótima.

H. S.: Foi. Uma briga, uma briga quando chegavam, ficava em pé com eles, muitos para não pagar o camping.

S. M.: Queria fazer camping selvagem?

H. S.: É. Eu era rígido, eu chamava o pessoal, vamo lá comigo, ia lá no Poço Fundo, na beira da cachoeira, lá, aí o povo falava, senhor Helio, olha tem uma barraca lá na beira da cachoeira com uma pessoa. Vamos lá, chamava três, quatro aí, e também tinha umas quatro mulher também que gostava de falar, de roncar a garganta, iam comigo. Chegava lá fazia aquele escândalo, não, não, não, não e não.

S. M.: Até sair.

H. S.: Aí, acostumaram.

S. M.: Agora, já chega e vai direitinho, E?

H. S.: Já telefonam, já marcam com antecedência, muitas pessoas ligam em casa aí, tem as pousadinha também, a pousada Canto Bravo é mais, é a que tem.

S. M.: É mais estrangeiro.

H. S.: Mais estrangeiro E, e por causa disso, o Bonete agora melhorou, porque a gente montou a associação, E, organizou muito mais as coisa, o Bonete era, antigamente, era muito sujo, muito lixo.

S. M.: Hoje é limpíssimo.

H. S.: Na praia, não dava para gente andar com a sujeira. Hoje em dia fazem a fogueira. Eu sempre estou em cima, olha por favor a praia está limpa, enterrem o carvão. Tem isso, sabe, os dedos da gente não são iguais.

Este boneteiro narrador foi um dos fundadores e Presidente da Associação de Moradores do Bonete, em 1998. De lá para cá, muitas melhorias foram conseguidas junto ao poder público e os visitantes são orientados para ficarem bem, usufruindo a natureza mas não podem realizar agressões ambientais ou a comunidade.

4.6 ELETRICIDADE

A luz é de gerador hidráulico, comprado pela prefeitura de Ilhabela em 2001, tem um rapaz boneteiro, responsável.

Como já tem sete anos o gerador é insuficiente para as necessidades da comunidade, quase todas as casas têm geladeira, televisão e tanquinho de lavar roupa.

Na entrevista 5, página 2, W.O., 28 anos narra:

W. O.: Mais usa, dá sobrecarga, hora de pico.

S. M.: Por que acontece isto?

W. O.: Olha! Antes não tinha nenhuma geladeira no Bonete, entendeu? Agora tem mais de cem geladeira no Bonete. O que acontece, quando na hora de pico, começa ligar tudo.

S. M.: Televisão, novela.

W. O.: Televisão, novela, ventilador, aí a amperagem começa subir, amperagem começa subir, vai subindo, vai subindo, vai abrindo a turbina

E, vai aumentar a velocidade, chega uma hora que ela não abre mais, tem o limite dela para ali, continua ligando, continua ligando, a amperagem sobe, o que acontece, a voltagem vai começar a cair, e vai começar dá a sobrecarga, muita coisa ligada, entendeu, é isto é o que está acontecendo. Agora, se todo mundo, o pessoal colaborasse e desligasse a geladeira das seis horas até nove horas, não acontecia isso.

O narrador também explica que quando fica pouca água na represa também tem sobrecarga:

W. O.: É mais difícil queimar. Aí, o que acontece também, o nível da água tem que E sobrando, da represa. Você ainda não foi na represa, E?

S. M.: Na cachoeira, só.

W. O.: Onde adapta a água lá, para mandar para turbina, não foi?

S. M.: Não.

W. O.: Lá tem que estar sobrando, para ficar beleza funcionando.

S. M.: Na seca que nós tivemos aí, em outubro, novembro e dezembro, vocês tiveram problema com luz?

W. O.: Ah! Tipo da seca tem que jantar com vela, durante a noite, de dia ele fica normal, porque o pessoal não está usando quase, chega a noite começa, vai lá embaixo, entendeu.

Continuamos com a entrevista, foi explicando outras situações que fica sem a luz:

S. M.: É, eu cheguei dia dez. Não sei, deu impressão que depois da meia-noite, ficou sem. Aconteceu alguma coisa, porque ventou muito. Não tem este problema?

W. O.: Ah! Tem, dá muito problema aqui de árvore cair na rede elétrica, na rede que sobe, porque é assim, vai lá em cima, volta, vai até o final da estrada, a rede, entendeu? Aí, quando venta dá muita queda de árvore, dá curto, aí o gerador desarma, desarma, entendeu, aí, de noite, fica ruim de arrumar.

S. M.: Ah! Aí é só no outro dia.

W. O.: Aí, quando dá enxurrada também, lá na represa tem uma grade que não deixa passar tronco de pau que a água traz, desce muita sujeira e praça de folha aí não desce água para turbina lá, de noite, também, a gente não vai sair lá com cachoeira cheia.

S. M.: Não.

W. O.: Sempre tem isto também?

S. M.: Por que de dia até que satisfaz as necessidades, E.

W. O.: Chega à noite começa dar este problema.

S. M.: A população aumentando, vai ficando mais.

W. O.: Tem uma também, que a comunidade está aumentando, E? Os filhos do morador daqui estão casando, estão construindo, precisa ligar a luz para eles.

S. M.: É.

W. O.: E só não vai cair agora, se a prefeitura, não tomar uma providência, a associação, principalmente a associação, E, tem que tomar uma providência, em melhorar, trazer um outro gerador, ou colocar um de reserva para ajudar este.

Portanto é muito importante todos que moram e os que vão visitar terem uma boa lanterna, para poder sair a noite, todas as ruas são de areia.

4.7 ALIMENTAÇÃO

Entrevista 4, senhora M.L., 63 anos, página 12

S. M.: E a senhora de peixe, o que a senhora faz de alimentação, mais vezes? O que está acostumada a comer?

M. L.: O que eu gosto mais é peixe.

S. M.: Peixe.

M. L.: Mas a gente faz sempre frango. Manda buscar frango, carne, E.

S. M.: E o peixe a senhora faz de que forma? Ensopado? Frito?

M. L.: Ensopado, frito.

S. M.: Assado, não?

M. L.: Assado, também.

S. M.: Também.

M. L.: Gosto muito de peixe ensopado.

S. M.: E o que acompanha o peixe ensopado, que a senhora gosta?

M. L.: Tomate, cheiro verde.

S. M.: Faz alguma coisa para comer junto com peixe?

M. L.: Faz um pirãozinho, E.

S. M.: Um pirãozinho.

M. L.: Fica gostoso. Faz arroz para comer, também com peixe, faz feijão porque feijão não falta, E. Gosto muito de feijão, feijão é principal.

S. M.: Então a senhora todo dia tem arroz com feijão?

M. L.: É, arroz, feijão, todo dia. Agora mesmo, no almoço eu fiz, feijão fresquinho.

Uma bela refeição de peixe fresco da manhã, arroz, feijão, farofa de mandioca e salada nativa. O café é adoçado com caldo de cana e as mulheres nativas fazem bolos que são vendidos na vila.

O senhor H. S. caçara nascido no Bonete, ensina a fazer o tradicional prato da culinária caçara, o azul marinho. “Limpa o peixe, põe na panela pra cozinhar, acrescenta coentro e cheiro verde e por último a banana nanica verde amassada. Esta é a receita tradicional. Hoje, o peixe é cozinhado separado da banana-picada e não amassada. Com o caldo do peixe fazem o pirão”, explica.

4.8 COMUNICAÇÃO

O contato dos boneteiros com o mundo é feito por meio de rádio, televisão movidos a gerador e de dois telefones públicos via satélite.



Figura 29: Telefone Público em janeiro de 2008

4.9 BORRACHUDO

Uma característica bem forte na comunidade é a presença dos borrachudos, no verão na parte da manhã até por volta de onze horas e depois a tarde, entre 17 horas e 19 horas atacam muito. São incômodos, não se aguenta ficar, se não passar o repelente, as senhoras moradoras usam meias, mesmo no verão para não serem mordidas pelos mosquitos. No inverno aparece menos mas mesmo assim na parte da manhã atacam. Usamos uma embalagem de repelente por cinco dias.



Figura 30: Donora de Meias em julho de 2008

4.9.1 REMÉDIOS NATURAL USADOS PELOS BONETEIROS.

Entrevista 4, senhora M. L., boneteira, páginas 6 e 7, para desinteria

M. L.: É, um chá, assim, quando uma pessoa está com uma desinteria também, n? Um chá caseiro.

S. M.: Que chá?

M. L.: Broto de goiaba.

S. M.: Broto de goiaba?

M. L.: Broto de goiaba, de romã também.

S. M.: Eu tenho um pé de romã em casa.

M. L.: Também faço assim. Cozinho broto de goiaba, a folha da jabuticaba, sabe, e tem aquele mato que a gente chama de pari a palha, sabe qual que é? Um matinho que dá por aí no quintal por aí. A gente cozinha a pari a palha, cozinha, como é? O broto da goiaba e a folha da jabuticaba. Cozinha, n, tudo junto, depois a gente ns, e põe numa coisa e deixa em cima do fogão, sempre toma, sempre toma, que é bom para desinteria, é o que faço, chá caseiro quando tou com desinteria.

Para dor de cabeça, entrevista M. L. página 8, ensina que:

M. L.: Dor de cabeça. Dor de cabeça, a gente pega dipirona, toma e a gente pega batata, batatinha.

S. M.: Batata que é boa de fritar?

M. L.: E a gente corta, aquela rodelinha fininha, amarra aqui na cabeça, aqui, muito bom para dor de cabeça, pega uma fralda aqui, assim, e amarra, várias tiras de batata e põe, assim, na testa, aqui, assim, e amarra. É bom. Meu filho Natanael, outro dia, à tarde, aí mãe, estou com uma dor de cabeça que não nsangü. Meu filho vamo pôe uma batata na cabeça que é bom para tirar a dor da cabeça, então n, peguei, cortei com a faca a batata, peguei uma fralda e amarrei na testa dele. Foi bom, para dor de cabeça, a gente faz isso.

Para Gripe, páginas 8 e 9 da mesma entrevista encontramos:

M. L.: Gripe a gente sempre tem um remedinho que a gente compra lá, n?

S. M.: Ah! Compra na farmácia. Tem alguma coisa que a senhora faz por aqui, um chazinho, alguma coisa?

M. L.: Tem um chazinho também que a gente faz aqui, também. Agora não lembro qualquer que é aquele chá. Tinha um mato que a gente chama poanha, sabe, ela dá uma raiz grossa, igual ao meu dedo, assim, quase assim, igual ao meu dedo, na terra e a raiz dela é branquinha, sabe, a gente tira aquele mato, arranca, lava, amassa e cozinha, e faz o chá também, que esse era o remédio antigo também.

S. M.: Para gripe?

M. L.: Para gripe, cozinha, ns, para tomar, é bom para gripe.

4.9.2 COMO É CUIDADO DE MORDIDA DE BICHO NA PRAIA DO BONETE

Entrevista 4, páginas 7 e 8, senhora M.L., explica o que faz com as mordidas de marimondo, cobra e aranha.

M. L.: Mordida de bicho aqui a gente acostuma por alho, n?

S. M.: Alho? Direto na mordida?

M. L.: É, na mordida.

S. M.: E se for de cobra?

M. L.: Marimondo. Ah! Cobra a gente põe, atende aqui os primeiros socorros e manda, n?

S. M.: É.

M. L.: Por que aqui a gente não tem injeção, n?

S. M.: É, tem vacina.

M. L.: A gente tem que levar prá lá. Ser medicado lá. Sabe o que a gente faz? Nós acostuma, sabe o que a gente faz? A gente pega um ovo, cozinha o ovo descasca o ovo e parte e põe em cima da mordida.

S. M.: Ovo cru?

M. L.: Ovo cozido.

S. M.: Cozido.

M. L.: Cozinha o ovo com casca, descasca e parte o ovo e pega metade do ovo e põe em cima da mordida.

S. M.: Da cobra?

M. L.: Da cobra. Põe na mordida da cobra e amarra com uma faixa. O ovo fica da cor disso aqui.

S. M.: Ah!

M. L.: Fica preto, preto, preto.

S. M.: Puxa o veneno.

M. L.: Puxa o veneno. O ovo puxa tudo o veneno. Fica da cor da sua blusa.

S. M.: Que bacana!

M. L.: É, ele ajuda a puxar. Também põe o alho, também, sabe? Soca o alho e põe, soca o alho no álcool e põe em cima da mordida e amarra, n, enfaixa assim. Não muito apertado, que fique assim apertado. É bom para ajudar para puxar o veneno.

S. M.: Isso para outras mordidas também.

M. L.: É, que nem aranha, também, n, quando pica. Picada de aranha, eu fazia com tudo. Quando marimbondo, quando tem mordida de marimbondo, abelha, n, também faz isso aí, põe o alho em cima da mordida, pega o alho amassa e põe, molha no álcool, ensopa no álcool põe em cima da mordida e amarra, porque dói, viu? Marimbondo também dói.

M. L.: Mora longe da cidade, n?

S. M.: É.

M. L.: Chá caseiro, remédio assim.

4.10 SANTA VERÔNICA PADROEIRA DA PRAIA DO BONETE

A passagem bíblica narra, Verônica, separando-se do grupo de mulheres, bloqueia o cortejo para limpar o rosto ensangüentado de Jesus. Ao saber que Maria era mãe de Jesus, dirigiu-lhe a palavra, abraçou-a e mostrou o lenço que levava nas mãos: “Olhe!”. E ali estava: o rosto de Jesus desenhado no pano.

Santa Verônica Giuliani nasceu em 9 de julho 1660, em Mercatello, na Itália. Desde pequena mostrou-se apaixonada pela cruz de Nosso Senhor e aos dezessete anos manifestou o desejo de abraçar a vida religiosa, entrando para o convento das irmãs Clarissas. Durante mais de 30 anos viveu em reclusão e morreu em 1727, em uma sexta-feira santa.

Verônica é a mulher de Jerusalém que enxugou a face de Jesus com um véu branco no seu caminho para o Calvário. De acordo com a tradição o pano ficou com a impressão da imagem da face de Jesus. Verônica levou o véu para fora da Terra Santa e teria usado para curar o Imperador Tibérius de uma doença. O véu foi transferido para a Basílica de São Pedro em 1297 pelo Papa Bonifácio VIII.

A relíquia é ainda preservada na Basílica de São Pedro e a memória do ato de caridade de Santa Verônica é comemorado nas Estações da Via Sacra. O seu símbolo é o véu com a face de Cristo e a Coroa de Espinhos.

Uma das versões que fala sobre a Verônica, diz que ela foi a Roma com a relíquia preciosa. Em outra história ela é conhecida como a esposa de Zacchaeus.

Outras versões fazem-lhe a mesma pessoa que Martha, a irmã de Lazarus, a filha da mulher de Canaan. Em outra versão ela é uma princesa de Edessa, ou a esposa de um oficial Romano desconhecido. A versão mais acreditada da origem de Verônica é encontrada em uma adição em latim do texto apócrifo do quarto século, conhecido como Atos de Pilatos ou Evangelho de Nicodemos nele Verônica é identificada como a mulher que teve uma hemorragia e foi curada.

Pesquisadores acreditam que seu nome tem como o significado uma ligação ao próprio véu milagroso, onde VERA que vem do latim significa VERDADE, e *eikon* que vem do grego, significa IMAGEM. Portanto Verônica significa a imagem verdadeira.



Figura 31 – Imagem de Santa Verônica no interior da Igreja do Bonete em janeiro de 2008

O Santuário que acolhe a relíquia, confiada aos Freis Menores Capuchinhos, encontra-se em um pequeno povoado dos Abruzos, nos montes Apeninos, a uns duzentos quilômetros de Roma. O Santo Rosto é um véu de dezessete centímetros por vinte e quatro centímetros.

O professor Donato Vittori, da Universidade de Bari, fez um exame do véu em 1997 com raios ultravioletas, descobrindo que as fibras não têm nenhum tipo de pigmentação. Ao se observar a relíquia com o microscópio, descobre-se que não está pintada e que não está tecida com fibras de cor.

Também, foram realizadas através de sofisticadas técnicas fotográficas digitais, pôde-se constatar que a imagem é idêntica em ambos os lados do véu, como se fosse um slide. A iconógrafa Blandina Pascalis Shloemer demonstrou que a imagem do Santo Sudário de Turim se sobrepõe perfeitamente ao Santo Rosto de Manoppello.

E. Heinrich Pfeiffer, professor de iconologia e história da arte cristã na Universidade Pontifícia Gregoriana de Roma, estudou este véu durante treze anos e assegura que se trata do véu da Verônica .

ORAÇÃO A SANTA VERÔNICA

Despertai vosso poder, ó nosso Deus, e vinde logo nos trazer a salvação!
Convertei-nos, ó Senhor Deus do universo, e sobre nós iluminai a vossa face!

Se voltardes para nós, seremos salvos!

Santa Verônica, depois que contemplastes a face do divino Mestre, em vossa toalha, vossos olhos viram a salvação. Revelai, diante dos olhos de nossa alma, a luz da face de Jesus, e a salvação chegará até nós!

Amém.



Figura 32: Igreja de Santa Verônica em janeiro de 2008

Atualmente existem cinco famílias católicas morando no Bonete, mas na data da comemoração de Santa Verônica no dia 9 de julho, toda a comunidade participa dos festejos. Os boneteiros que moram fora, nesta data se fazem presente na comunidade para visitar as famílias e participar dos festejos.

Temos na entrevista 7, o senhor H.S., de 59 anos, que narrou:

H. S.: A festa, esta santa quando veio para cá, segundo meus avós, a festa era feita em casa de família, davam a reza na casa de família, agora não sei que casa era, como era o nome da pessoa que tinha aqui. Desde quando começou essa celebração, aí, da festa, ela sempre começa no dia primeiro de julho e termina dia nove, são nove dias de novena. Antigamente, antigamente, bem há vinte anos atrás ou mais não era mudada a festa, podia cair segunda, terça, quarta o último dia era comemorado, certo, agora não, agora, se o último dia da festa que a gente sempre faz dia nove, dia dez, se cair numa segunda ou terça feira, estes dois último dia ou a gente retarda ela final de semana para pegar sábado e domingo, ou amplia ela para o outro final de semana, certo.

S. M.: Mas a novena é sempre de um a nove?

H. S.: De um a nove.

Senhor H. S. também contou-nos que hoje a festa já é diferente, se o mar não permitir a chegada dos convidados de fora da Praia do Bonete, adiam a festa para o próximo fim de semana. Falando das pessoas que frequentavam a festa, encontramos em determinado trecho:

H. S.: [...] antigamente, só vinha gente de família, né, as famílias que vinham para cá, não era pessoal, os festeiros, eles faziam, não tinha assim grandes eventos, assim, que nem conjunto que hoje em dia a gente contrata pela casa da cultura da prefeitura de Ilhabela. [...]O pessoal daqui tocava sua viola, entendeu. O violão, tinha o pandeiro e o tambor, então era antigo, né antiguidade. Hoje em dia não tem mais nada disso, não tem mais nada, o caçara mesmo que cantavam né. Aquelas música antiga e começava nove horas da noite porque não tinha leilão muito pouquinho e acabava era cinco hora, seis horas da manhã e os patrocinadores da festa daquele tempo eles não tinham, quer dizer, eram os próprios festeiros daqui, então eles não tinham dinheiro para arcar, para comprar muita coisa, então eles compravam, faziam o café, compravam torradas, entendeu, na padaria, torrada, biscoito e depois das duas horas davam o café para o pessoal, mas era tudo familiar. Vinham a pé pelo caminho do Estevão, caminho da Costa era tudo caçara.

O nosso narrador quando questionado sobre a procissão passa a seguinte informação:

H. S.: Não, a procissão acabou.

S. M.: Acabou? Que pena.

H. S.: Antigamente, tinha procissão, antigamente, tinha procissão, agora não tem mais, eu ainda lembro que a gente fazia a procissão à noite. Eu há uns dois ou três anos atrás, eu pensei em fazer o evento aí da procissão, acender uns, fazia umas lanterna a querosene, entendeu, pegava lá na

porta da igreja, passava na rua da praia, ia na praia e saía na igreja, ficava bonito.

Continuando a entrevista fala dos festeiros e suas responsabilidades para organização do evento:

H. S.: Ah! sim. Aí todas as festeiras, cada uma compra, as festeiras que compra, manda fazer as toalhas, compra as flores, enfim tudo, a gente enfeita a igreja e faz a fogueira na frente da igreja, aí a missa começa mais ou menos umas nove horas e termina lá pelas dez e meia.

S. M.: Da manhã.

H. S.: Dá noite, aqui faz tudo à noite, não faz de dia. Aí, faz um leilão na porta da igreja, questão de uma meia hora, quarenta minuto e depois para. Hoje, hoje nós estamos fazendo a festa na quadra de esporte, entendeu, a gente arruma as barracas dentro da quadra, separa.

Quando perguntamos sobre o andor para a imagem de Santa Verônica, responde:

H. S.: Nada. Antes tinha, agora, não, agora, não, cada ano que passa modifica. Isso é em todo lugar é assim, é muito difícil e outra um dá um palpite, outro dá outro, escolhe o que é mais fácil, não agrada a maioria, não é. Então acho que devia fazer como antigamente, saía a procissão antes da reza, saía a procissão dava volta pela praia e saía lá na igreja.

Com esta entrevista vamos constatando que com a passagem do tempo as festas religiosas tipicamente caiçaras estão recebendo influências de outras culturas fora da comunidade, deixando perder a sua própria.

CAPÍTULO V – O SABER E O FAZER NO COTIDIANO BONETEIRO: HISTÓRIA, AS ARTES E AS TÉCNICAS

5.1 A HISTÓRIA DA NAVEGAÇÃO

Quando o homem sedentarizou procurou locais próximos para a atividade da agricultura. Porém, esta atividade produziu um excedente de mercadoria que precisava ser escoado. Surgiu então o comércio por terra e pelos rios.

Dessas civilizações destaca-se a Mesopotâmia, com os rios Tigre e Eufrates; a Índia, com o rio Ganges; a China, com os rios Amarelo e Azul, e o Egito, com o Nilo, onde eram usados os navios de papiro.

Somente os fenícios por volta de três mil anos antes de Cristo, enfrentaram completamente o Mar Mediterrâneo. Por, mar exportavam cedro, azeite e vinhos e importavam ferro, estanho, ouro, prata, lã e marfim.

Os fenícios fundaram colônias no Mediterrâneo com o objetivo de controlar melhor o comércio. Foram de fundamental importância para a navegação comercial, influenciando todos os povos da antiguidade com sua cultura.

Mais tarde os gregos favorecidos pela geografia local e usando as técnicas dos fenícios ficaram famosos pelo comércio no Mediterrâneo. Com o passar dos tempos foram superados pelos romanos, que dominaram esse mar por séculos, sendo até chamavam de *Maré Nostrum* (nosso mar).

Em 1415 os portugueses venciam os mouros e tomavam a cidade de Ceuta no norte da África. Em 1492 a Espanha, através do navegador genovês Cristóvão Colombo chegava na ilha de São Salvador nas Antilhas.

Dois marcos importantes que inauguram a expansão ultramarina, liderada por Portugal e Espanha, que foram as duas grandes nações européias entre os séculos XV e XVI, na passagem para Idade Moderna.

Além desses fatores, o apoio do estado português aos estudos náuticos a cargo do infante D. Henrique, que transformou a cidade de Sagres em um grande centro de estudos náuticos por volta de 1418.

Destaca-se ainda a posição geográfica privilegiada de Portugal, situado na rota e na escala mar Mediterrâneo-Atlântico, que atinge o mar do Norte e valiosos centros comerciais dessa região.

No final da Idade Média, os portugueses aderiram à arte da navegação comercial, realizando o comércio de produtos inusitados entre vários lugares e fazendo a integração entre diferentes culturas, até serem superados pela Inglaterra nos séculos XVIII e XIX.

5.1.1 HISTÓRIA DA EMBARCAÇÃO

Arqueólogos descobriram, em meio a antigas ruínas com idade estimada de 8.000 anos, as sobras de uma canoa esculpida.

As canoas já eram partes essenciais na vida das civilizações do Oceano Pacífico. As primeiras embarcações, que colonizaram as Filipinas e Ilhas da Indonésia e, posteriormente a Melanésia e a Austrália, eram jangadas de bambu com velas de junco. O mar aberto exigia que os cascos dos barcos fossem maiores e resistentes e para isso era necessário que fossem cavados de um único tronco.

As árvores na Polinésia eram selecionadas por sacerdotes, em função do seu espírito, e abençoadas antes do seu corte. O primeiro entalhe era realizado com uma enxó, em um cerimonial sagrado.

Na bacia central da Polinésia, a canoa, geralmente era uma casca feita de uma peça de madeira e com pontas nas extremidades. Eram pequenas e utilizadas para curtas distâncias ou para a pesca.

Ao longo da história as canoas foram usadas como transporte. Na América do Norte, as primeiras canoas eram usadas pelos povos indígenas do Caribe para viajar entre as ilhas.

Os maoris, da Nova Zelândia, são mestres na construção das canoas de tronco. Ao longo da costa ocidental da África os pescadores ainda usam grandes canoas de troncos para pescar, permanecendo longos dias em alto mar.

No decorrer da história, a canoa evoluiu daquelas feitas de troncos até as canoas modernas, feitas de alumínio e fibra de vidro. Já perto da canoa moderna, a canoa de casca de bétula, era usada pelos nativos Americanos, exploradores, missionários e caçadores. Como ela agüentava cargas enormes e servia para todos os tipos de condições, como águas mansas, lagos abertos, rios velozes e águas costeiras.

Assim que os exploradores europeus chegaram à América do Norte, eles acharam as canoas bem práticas e começaram a utilizá-las.

Em vez de troncos com o miolo retirado, essas canoas eram estruturadas e construídas com vários tipos de madeira que eram unidos com cola feita de árvores. Os franceses usaram as canoas para estabelecer o comércio de peles e explorar ainda mais a região que hoje chamamos de Canadá e a região principal dos Estados Unidos.

ALGUNS TIPOS DE EMBARCAÇÕES

CARAVELAS

Este tipo de embarcação foi muito utilizada no fim do século XV e início do XVI, de origem moura, foi melhorada pelos portugueses para viagens mais longas, sendo utilizada nos descobrimentos das rotas marítimas da África e Índia e para exploração do litoral brasileiro, embarcação de porte médio. Tinham três mastros e velas retangulares ou triangulares. O casario da tripulação ficava na popa, motivo pelo qual esta era mais alta que a proa. Apesar de serem embarcações leves e ágeis foram logo substituídas pelas naus, maiores e de velame redondo.

NAUS

Após o período dos descobrimentos, surgiu a necessidade de embarcações maiores para o transporte de cargas como o pau-brasil, açúcar, metais preciosos e escravos. Possuíam quatro mastros e velas redondas, arredondado também era seu casco, tanto acima como abaixo da linha da água. Havia casario para mantimentos e cargas na popa e para a tripulação na proa.

SUMACAS

A partir de meados do século XVII toda a riqueza produzida no país e exportadas para Portugal eram levadas aos principais portos. Surgia daí a necessidade de embarcações menores para levar as mercadorias dos centros produtores para esses portos. Para atender a demanda deste tipo de barco são montados vários estaleiros no nordeste brasileiro, embarcações de origem holandesa, com dois mastros e velas retangulares ou triangulares, utilizadas para

transporte de carga e passageiros entre portos nacionais. Durante o ciclo do ouro e do café, eram as sumacas que embarcavam esses produtos para serem levados ao porto do Rio de Janeiro, onde eram então exportadas. Substituídas pelos barcos a vapores em meados do século XIX.

BARCOS A VAPORES

Inventado nos Estados Unidos em 1807, chegaram ao Brasil aproximadamente cinquenta anos depois. Enquanto as sumacas navegavam no máximo à dezesseis quilômetros por hora os barcos a vapores faziam cinquenta e sete quilômetros por hora.

BALEEIRAS

Com a diminuição do pescado, veio a necessidade do caíçara ir cada vez mais longe em busca do peixe. Embarcações tipicamente brasileiras, as baleeiras foram projetadas para atividade pesqueira. O formato do seu casco permite enfrentar mar aberto e, no pequeno casario central há beliches e um fogão para que os pescadores possam dormir e cozinhar. O porão para guardar peixe fica na proa.

ESCUNAS

Com capacidade para até cem passageiros, as escunas são de origem portuguesa e feitas na Bahia ou Maranhão. Uma dúvida que ocorre é qual a diferença entre escuna e saveiro. Existem vários tipos de escuna e um deles é o saveiro, distinguindo-se dos demais pelo formato do casco, quantidade e posição dos mastros e, principalmente, pela origem histórica. O saveiro é brasileiro. É uma adaptação do saveleiro, uma embarcação que os portugueses utilizam desde o século XV para a pesca do savel - espécie de bacalhau encontrado no Mar do Norte.

O saveleiro foi escolhido pelos pescadores por suas qualidades de segurança e facilidade de manobra, aliadas à boa capacidade de carga. Trazido para Bahia no início do século XIX, o saveleiro passou a ser contruído em diversos estaleiros da região, para ser utilizado na pesca e no transporte de cargas ou

passageiros. Os baianos logo trataram de motorizá-lo e de encurtar seu nome para saveiro⁹¹.

PIROGAS OU UBÁ

Utilizada no continente americano muito antes da chegada de Colombo, contruída com um único tronco de árvore. A tradicional técnica indígena consiste em escavar o tronco geralmente utilizando fogo até seu interior comportar uma ou mais pessoas. Este tipo de canoa usada pelos índios habitantes das margens do Amazonas e nos estados do Rio de Janeiro para baixo também são utilizados.⁹²

CANOA DE VOGA

Associada á produção de aguardente, chegaram até os nossos dias, célebres no Rio de Janeiro para o sul, quanto as jangadas ou barcaças no Nordeste, associada às produções dos engenhos. Canoas que atingiram grandes proporções nas costas de Santa Catarina e São Paulo. Feitas de um só tronco escavado a machado, enxó e mesmo a fogo. Herança indígena e são também conhecidas como canoas bordadas, sendo diferentes por serem dotadas de popa a proa, de um bordo sobressalente que lhes aumenta a capacidade, pela forma de seus remos e pelo fato de estes de encaixarem em cavidades especiais, existente nos bordos para este fim.

CANOAS

Aqui no Brasil no século XVIII os Bandeirantes usavam as canoas, em suas busca do ouro e pedras preciosas, por serem fáceis de transportar em carros de boi.

Canoa caiçara é de origem indígena e feita de um único tronco, pouco se modificou com o passar dos séculos. Dependendo do tipo de árvore utilizada varia o tamanho, a durabilidade, o peso e a estabilidade da embarcação. A proa da canoa fica do lado da raiz, por ser mais larga. Do lado mais chato do tronco é feita a boca

⁹¹ "Cultura," disponível em <http://www.paraty.tur.br/culturasetradicoes/oscaicaras.php>, (acesso em 27 de janeiro de 2009).

⁹² "Com quantos paus faz uma canoa?," disponível em <http://www.portaldascuriosidades.com/forum/index.php?topic=25702.0>, (acesso em 5 de fevereiro de 2009).

da canoa. A pintura, feita com tinta óleo, possui cores alegres. A canoa é utilizada para a pesca, transporte, lazer e esporte.

As canoas feitas de um só pau fazem parte da cultura caiçara. Há pouco tempo atrás, elas representavam o principal tipo de embarcação utilizado tanto na pesca artesanal quanto no transporte de pessoas e mercadorias de comunidades isoladas. A cultura do uso e do feitiço das canoas é ameaçada pela crescente utilização de barcos a motor, pela pouca disponibilidade de madeira e pela escassez de construtores. A beleza das canoas, demonstram a importância que os proprietários conferem às suas embarcações, sejam eles profissionais da pesca de subsistência ou apenas amantes dessa cultura, que vive em harmonia com a natureza⁹³.



Figura 33: Canoa caiçara

⁹³ “Com quantas memórias se faz uma canoa?,” disponível em http://www.revistamuseu.com.br/noticias/not.asp?id=15638&MES=/2/2008&max_por=10&max_ing=5, (acesso em 28 de dezembro de 2008).

Bronislaw K. Malinowski afirma que:

A canoa é elemento da cultura material e, como tal, pode ser descrita, fotografada e até mesmo fisicamente transportada para um museu. [...] A realidade etnográfica da canoa não poderia ser transmitida ao estudioso simplesmente colocando-se diante dele um exemplar perfeito da embarcação. [...] A canoa é feita para determinado uso e com uma finalidade específica; constitui um meio para atingir determinado fim, e nós, que estudamos a vida nativa, não podemos inverter essa relação, fazer do objeto em si um fetiche.⁹⁴

Antonio A. Câmara escreve que:

“a origem da palavra canoa é americana, dos caraíba [...] os dicionários e vocabulários não são claros a respeito de sua origem, a exceção do de Littré que a supõe americana por ser citada por Colombo, e os primeiros viajantes da América, e de Webster, que a denuncia de canoas dos caraíbas”.⁹⁵

Quanto a origem do termo canoa, alguns dizem que a palavra tem sua origem nos índios Arawak. Originalmente soletrada como canoa, a palavra foi anglicizada como canoe. Outra teoria propõe que o termo seja derivado da palavra kenu ou kanu, que significa escavado.

O pesquisador Câmara escreve que:

As canoas representaram um papel muito saliente na defesa da cidade de São Sebastião, no século XVI, da invasão dos franceses confederados com os tamoios, nos muitos combates, que se deram entre os portugueses e eles, auxiliados uns e outros por índios. [...] As canoas do Rio de Janeiro para o sul, muito se parecem, e a maneira de construí-las muito se assemelha. As províncias de São Paulo e de Santa Catarina são as que possuem maiores.⁹⁶

É importante ressaltar que os índios brasileiros sempre utilizaram canoa em sua rotineira vida selvagem. A canoa, portanto, é usada no Brasil desde muito antes do seu descobrimento. Os indígenas já a conheciam e ela continua, ainda, a ser utilizada na pesca, passeios e transporte fluvial.

⁹⁴ Malinowski, *Os argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos motivos nos arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia*, 87.

⁹⁵ Câmara, *Ensaio Construções Navaes Indígenas Brasil*, 33.

⁹⁶ Ibid., 88.

5.2 SOCIEDADE MATEMÁTICAMENTE ORGANIZADA

A realidade nos mostra aquilo que resistimos em ver, que não nos desperta interesse porque não mantemos atenção no que se encontra distante do que chamamos de cotidiano moderno.

Embora as leituras tenham nos informado acerca dos equívocos que cometemos quando aceitamos, sem críticas, os padrões sociais e, mesmo tendo consciência da estrutura social baseada nas matemáticas, quando ouvia as afirmações do professor Ubiratan D'Ambrosio de que a matemática é a base para qualquer organização social, ainda assim isso não fazia sentido.

Estávamos inseridos em uma comunidade relativamente isolada que, embora se relacione comercialmente com o meio urbano, mantém um modo de vida autônomo e, até certo ponto independente dos avanços científicos e tecnológicos. Resiste a uma inserção no mundo dos usos e abusos provocados pelo modelo social consumista.

As relações de comércio entre boneteiros são baseadas para satisfazer as necessidades imediatas de determinados produtos, ou até mesmo para o fortalecimento da comunidade e sua sobrevivência através da união, já que leva os indivíduos a se ajudarem mutuamente. Com o produto e os favores trocados, cada um impõe sua presença na vida do outro, cultivando a amizade, a identificação e a cumplicidade na obrigação moral da cooperação. Daí existe uma relação de reciprocidade que também influencia no sentido de estabelecer a necessidade da troca, de dar e receber não só mercadorias, mas também os favores e as gentilezas.

Inúmeras vezes assistimos quando na chegada de uma canoa e o mar estava mais bravo, os moradores da família ou não daquele canoeiro irem até a beira da praia, na barra para ajudar retirar pessoas e mercadorias e puxar a canoa para areia.

Exemplificando, na entrevista 9, página 5 encontramos:

S. M.: Ontem, eu estava lá na praia, o senhor Primitivo chegou, que estavam chegando os filhos dele de São Sebastião com as canoas e o mar estava ruim. Então, eu percebi que aqui, quando está chegando canoa, a família desce para ajudar para puxar, para pôr, porque tem aquela onda certa, não tem?

I. T.: Eu sempre falo, que chegar no Bonete com o mar um pouco ruim é melhor porque vai todo mundo ajudar, com o mar manso não vai ninguém, não é bem assim, tio?

P. J.: É.

I. T.: É verdade.

L.T.: Com mar bom a canoa aponta ninguém se move.

S. M.: Ontem, à tarde, estava ruim, estavam todos lá. Outra tarde, aí, vi você, Israel, com turista e teve que levar.

Como a compreensão dessas atitudes ainda não era clara para nós, a princípio tínhamos dúvidas quanto ao que seria matemático naquele modo de vida simples, sem horário, vagaroso, sem a agitação das cidades e completamente dependente das condições climáticas.

Momentaneamente, ao entrar em contato com aquele cotidiano tão diferente e desacelerado, nós identificamos como simples e vagaroso, no entanto percebemos que esta concepção é construída a partir da comparação involuntária com o modo de vida ao qual pertencemos, que se caracteriza pelo desenvolvimento tecnológico, pela expansão capitalista e cultural por meio da globalização.

Onde estavam as suas matemáticas? Era o nosso eurocentrismo falando alto sobre nós. Como podíamos pensar que só as pessoas das cidades sabiam matemáticas? Por que tinha essa noção de matemática única?

A pesquisadora Denise Vilela afirma que:

Fomos conduzidos, na própria escola em que estudamos, a supervalorizar a Matemática e a considerá-la única, precisa, superior e fundamental para qualquer outra atividade. Entender a Matemática como construção social é uma tarefa difícil, tanto por essa concepção que foi sendo difundida na escola, como por suas próprias características, o que também deve ter contribuído para facilitar tal concepção e sua difusão.⁹⁷

Neste artigo a autora segue dizendo que a matemática não possui uma natureza especial, diferente das outras coisas e das pessoas desse mundo, que lhe confira poder de neutralidade, independência e superioridade.

Talvez essas concepções ainda estivessem latentes, impedindo-nos de ver de modo claro como se dariam outras formas de matemática que não aquela tida com válida durante toda a vida.

Esquecemos que antes da escola pensamos matematicamente por meio de uma forma específica de classificação de objetos, de pessoas e de acontecimentos, de acordo com conceitos comuns para nós e para as pessoas que nos cercam. Sendo assim, inicialmente não lançamos mão dos artifícios e técnicas criados e

⁹⁷ Vilela, "Elementos da Teoria da Etnomatemática," 41

difundidos para o mundo por intermédio do espaço escolar. Aos poucos, aquela realidade objetiva foi se desvelando aos meus olhos, clarificando relações, vivências de mundo que comandam o modo de ser, de viver e de se organizar socialmente. O pensamento lógico, dentro de uma lógica particular, comanda as ações e as relações interpessoais, cria teias de significação e faz emergir uma organização social pautada na reciprocidade, solidariedade e cooperação, em um espírito de responsabilidade social.

Esta responsabilidade social pode ser facilmente observada no dia-a-dia da comunidade, especificamente no que concerne à obtenção do alimento vindo da pesca. Naquele contexto todos são responsáveis uns pelos outros. Quando uma família passa por dificuldades, sempre há alguém que se dispõe a ajudá-la, e esta ajuda implica uma retribuição, delineando o processo da reciprocidade em que as formas de intercâmbio acontecem e a principal expectativa é a da correspondência e do retorno.



Figura 34: Pescadores Boneteiros em julho de 2008

Amizade e cumplicidade formam a estrutura social circundante, além da responsabilidade social já mencionada. Quando alguém tem uma boa pesca, é normal que saia distribuindo pedaços com os vizinhos, principalmente com as pessoas de seu próprio núcleo familiar.

Essa distribuição da pesca provoca grande alegria e os comentários tomam todo o dia, come-se o peixe contando como agiu para consegui-lo. A amizade e a cumplicidade se manifestam também em caso de doença. No transporte do doente para a cidade, verificando as condições do mar e da canoa.

Essas relações estabelecidas entre seus membros constituem uma das instâncias férteis de produção de conhecimentos, o que pode ser visto como a dinâmica cultural cotidiana que impulsiona, de maneira natural, a produção e a organização dos conhecimentos, que são registrados na memória dos adultos e difundidos por meio do viver cotidiano. Esse processo D'Ambrosio identifica como sendo a maneira pela qual o ser humano tenta responder às suas indagações a respeito da vida, do universo e do cosmo, que o leva a levantar hipóteses e a fazer conjecturas, as quais, na maioria das vezes, impulsionam o aperfeiçoamento dos conhecimentos e a consequente produção de novos conhecimentos. Ele afirma que:

Todo indivíduo vivo desenvolve conhecimento e tem um comportamento que reflete esse conhecimento, que por sua vez vai se modificando em função dos resultados do comportamento. Para cada indivíduo, seu comportamento e seu conhecimento estão em permanente transformação, e se relacionam numa relação que poderíamos dizer de verdadeira simbiose, em total interdependência.⁹⁸

Essa assertiva de D'Ambrosio encontra eco na definição do que Teresa Vergani que entende ser o processo de construção de conhecimento um ato de interpretação, ou seja, é a interioridade subjetiva que assume, interpreta e constitui o objeto conhecido. Nesse processo, segundo ela, ocorre a constituição do conhecimento matemático:

[...] ao fixar sua atenção numa determinada construção mental, a matemática cria, produz ou realiza o seu próprio objeto de conhecimento. O "real" e o "virtual" são simultaneamente abrangidos pela imaginação criativa [...].⁹⁹

Percebemos que ali se colocava um mundo bastante complexo nas suas miudezas diárias, cujo pano de fundo que o sustenta são princípios difundidos pelas idéias acima mencionadas. Desse modo, emergiam como diferenças marcantes se

⁹⁸ D'Ambrosio, *Etnomatemática: Elo entre as Tradições*, 18.

⁹⁹ Vergani, *Matemática & Linguagens*, 117

comparadas com o que sustenta a sociedade moderna caracterizado pelo processo que Vergani descreve:

O homem diluído na massa perde sua autonomia simbólica. O consciente coletivo só conserva a “casca” do símbolo, não a sua “seiva”; condiciona o comportamento individual usando não os arquétipos, mas as suas cascas vazias¹⁰⁰

Com a chegada da escola na comunidade, as novas gerações já sabem ler e escrever. No entanto, no maior nível escolar é a quarta série do ensino fundamental. A partir de 2008 iniciou-se a quinta série, hoje sexto ano. Dentro da comunidade boneteira, a força maior ainda é a da comunicação oral dos mais velhos aos mais jovens, além, é claro, dos usos e costumes cotidianos, fontes ricas de perpetuação cultural.

A ênfase é dada à instituição familiar como base dessa organização e como reguladora de condutas, criadora de símbolos e formadora de valores. Esse processo nos leva a entender o que Paulo Freire queria dizer quando mencionava a necessidade de se falar a própria palavra alicerçada no meio sociocultural concreto:

E é como seres transformadores e criadores que os homens em suas permanentes relações com a realidade produzem, não somente os bens materiais, as coisas sensíveis, os objetos, mas também as instituições sociais, suas idéias, suas concepções. Através de sua permanente ação transformadora da realidade objetiva, os homens, simultaneamente, criam a história e se fazem seres histórico-sociais.¹⁰¹

Dessas permanentes relações com a realidade é que emerge a linguagem verbal, na qual as situações socioculturais significativas dos diferentes modos de lidar com o pensamento e a prática racional entram em processo de matematização.

Além, disso, essa dinâmica de continuidade histórica determina, de modo independente, como dividir o espaço e o tempo entre os elementos básicos necessários à manutenção daquelas vidas familiares: a cordialidade com os seus, o trabalho, o lazer, a religião e o cotidiano como um todo.

Como diz Ubiratan D'Ambrosio, a necessidade que o homem tem de dominar o espaço e o tempo certamente impulsionou muitas elaborações matemáticas que estão no cerne das sociedades, organizando segundo os ciclos da chuva, as fases da lua, as estações do ano, lugares apropriados ao plantio, determinando quando e

¹⁰⁰ Ibid., 60

¹⁰¹ Freire, *Pedagogia do Oprimido*, 92

onde plantar, caçar, pescar e desenvolvendo o canto e a dança representações matemáticas de espaço e tempo

A casa conta a história do povo, revela seu desenvolvimento ao longo dos tempos. Foi-se modificando com a necessidade que se mostrava a cada momento histórico e também para atender ao movimento de mudança cultural da comunidade, cada vez mais em contato com a cidade.

O fogão a gás já chegou a algumas residências, mas muitas vezes ele só é utilizado em casos de extrema necessidade, por exemplo, quando a madeira está molhada nos dias de chuva, configurando uma das inserções dos bens de consumo na cultura local que contribui para melhorar a vida, trazendo conforto na hora de vencer as dificuldades de sobrevivência ante os fenômenos naturais e tornando as pessoas menos dependentes das condições do tempo.

Saindo por qualquer uma das portas, da cozinha ou da sala, nos deparamos com amplos espaços de terreiro varrido. Olhando da porta da casa, podemos avistar sinais de outras casas construídas no quintal, que são dos filhos que vão se casando e ficando ali ao redor das casas dos pais.

A distribuição das casas ao longo do contorno da praia pela faixa interna favorece as relações pessoais e com a natureza. O espaço existente entre uma casa e outra pode ser utilizado por qualquer uma das famílias, o que favorece a aproximação entre elas e cria uma relação de reciprocidade.

Além disso, garante sempre a proximidade entre os elementos da mesma família, de modo que sejam facilitados os contatos entre os núcleos familiares que se formam e se ampliam geração após geração. Isso pode ser percebido de imediato, observando-se as disposições das casas e a divisão do espaço disponível entre as famílias, cuja finalidade é esta convivência e a igualdade de direito nesta comunidade já se encontra com o benefício da água encanada.

Esses núcleos familiares vão se formando em conformidade com o crescimento dos filhos até atingirem a idade de se casar. Quando atingem tal idade, os homens normalmente constroem suas casas muito próximas da de seus pais e trazem a moça para morar ali, formando, assim, outra família que mais tarde originará outra casa, de modo que cada território vai se tornando um núcleo de determinada família.

Com muita criatividade, os habitantes do Bonete dividem o tempo entre suas necessidades cotidianas, dando igual importância a todas as suas instâncias; por

isso, o trabalho na pesca, ou no transporte de pessoas ou até mesmo de alguns que também são caseiros vão até às cinco da tarde, e o restante do tempo é utilizado em outras atividades ou lazer, pois o trabalho para garantir reservas não constitui foco de máxima importância. Diferentemente dos indivíduos das organizações urbanas, eles não têm a necessidade do acúmulo de capital, trabalham apenas o suficiente para prover a si e aos seus; condições necessárias ao desenvolvimento dentro de uma visão de mundo particular, ou seja, nascer, crescer, começar a pescar e constituir família.

Esse sistema cultural local ainda é a estrutura dentro da qual os habitantes do Bonete categorizam os novos objetos e modos de agir que lhes foram apresentados durante as últimas gerações. Logo, há uma transformação adaptada ao esquema cultural existente.

Para os boneteiros homem e natureza se completam, um é extensão do outro, logo os elementos naturais são manuseados para um viver de qualidade melhor.

5.3 SÍMBOLOS QUE PERTENCEM A COMUNIDADE ÉTNICA BONETEIRA

Pensar em comunidades étnicas quase sempre nos remete às forças de manifestação cultural que se confundem e se completam com comportamentos e condutas comuns aos indivíduos de determinadas comunidades. No entanto, identificar e reconhecer uma etnia supõe perpassar as fronteiras que se colocam entre ela e a cultura, suas fronteiras e suas coincidências.

No campo do que se entende por cultura diferenciada, encontramos muitos fatores da vida cotidiana e da criatividade humana que impulsionam atos coletivos que serão repetidos e aperfeiçoados, às vezes até totalmente modificados para se adequar a contextos atuais das necessidades de sobrevivência e de transcendência da comunidade. Esses fatores transcendem os limites da necessidade de sobrevivência e impulsionam uma filosofia de vida corrente que leva ao campo do divino, místico e religioso, fortemente influenciado pelos momentos históricos, sociais e econômicos que circundam o grupo.

Além disso, são condicionantes materiais da etnicidade os fatores ecológicos e demográficos e refletem na maneira de se vestir, na linguagem e nos costumes,

uma lógica informal da vida real. Cria-se uma certa confusão, uma vez que as manifestações culturais se colocam em uma situação dialética com a construção de uma etnicidade, tornando-se quase impossível, em uma abordagem de cultura, distinguir traços de comportamentos que definam determinado grupo como étnico.

O que faz certa comunidade cultural ser étnica ou não? Para além das manifestações culturais que delineiam atitudes e comportamentos, tradições e costumes, o modo como determinado grupo se vê no contexto global e a forma como esse contexto vê esse grupo fazem dele uma comunidade étnica se é visto como diferente dos demais, ou se ele mesmo se acha diferente. A visão que o grupo tem de si mesmo, como diferenciado, impulsiona comportamentos e condutas que geram uma significação que atuará de forma direta na dinâmica cultural, levando a novas manifestações culturais, e, estas, por sua vez, reforçando a identidade étnica-cultural do grupo em questão.

Edgard Morin explica a formação da identidade segundo a importância dos mitos para trazer a recordação; por meio do culto impõe a presença do antepassado e alimenta a identidade coletiva. Esses processos se manifestam nos símbolos que o fazer e o ser cotidiano imprimem em formas de atividades de sobrevivências, nos ritos e nas festas. Assim, ele afirma que:

[...] a identidade social vai ser aumentada, reforçada pela confrontação com as outras sociedades que, embora tenham uma organização com base semelhante, se diferenciam pela linguagem, pelo mito genealógico e cósmico, pelos espíritos, pelos deuses, pelos símbolos, pelos emblemas, pelos enfeites, pelo reto, pela magia, quer dizer, pelos caracteres noológicos. É, deste modo, que a esfera noológica da cultura define a identidade de cada indivíduo como a de cada sociedade, não só pela sua própria feição, mas por oposição à cultura estrangeira.¹⁰²

Assim, podemos perceber o que diferencia essa comunidade dos demais: a linguagem utilizada, com seu sotaque boniteiro; a característica física por serem caixas claras e alguns com os olhos claros; as senhoras usam calça comprida por debaixo das saias e meias, em qualquer estação do ano devido a quantidade de borrachudos. A vida cotidiana é submetida às condições do clima, conseqüentemente, às condições do mar. Hoje a subsistência vem do mar e de ser caseiro em alguma casa de turista, os mais velhos vivem de aposentadoria de um salário mínimo. A comunidade tem suas atividades diárias centralizadas no mar e na pesca.

¹⁰² Morin, Sociologia: A Sociologia do Microsocial ao Macroplanetário, 115

Ns reuniões de amigos, nas conversas descontraídas, que funcionam como agentes firmadores do caráter, estimulando a conduta independente das crianças e perpetuando a sua identidade étnica; no cotidiano, no trabalho, quando são reforçadas as identidades cultural e social desse povo.

O patrimônio simbólico herdado desses costumes vem delineando novas relações entre si e com o meio, o que é anunciado nas suas múltiplas formas de estar no mundo e organizar-se nele.

Dessa forma, o vento, a chuva, o relâmpago e a lua são elementos místicos com forte poder regulador sobre a comunidade.

Sustentada por uma organização que se baseia na família que tece as teias de significação, que impulsiona o reconhecimento de atitudes, que gera constante movimento na cultura, mas que, ao mesmo tempo e cada vez mais, reforça sua identidade e os enquadra dentro do grupo.

Logo, se a etnicidade só existe quando existem parâmetros de comparação que determinam o ser diferente, a comunidade constitui um grupo étnico, embora sua identidade cultural esteja em constante transformação. Identificada nos últimos anos pelo contato com a cultura da cidade, o que, com o tempo, pode levar a uma mistura e provavelmente ao surgimento e ao aperfeiçoamento de novos quadros de referência e de identificação. Tal identidade étnica tende a se fortalecer à medida que fortalece o sentimento de pertencimento a uma unidade grupal que luta por interesses comuns.

As distinções étnicas não dependem de uma ausência de mobilidade, contato ou informação, mas implicam processos sociais de exclusão e incorporação pelos quais são conservadas categorias discretas, embora ocorram trocas de participação e afiliação no curso das histórias individuais. Assim, as distinções étnicas não dependem de uma ausência de interação e aceitação social; ao contrário, geralmente são o fundamento mesmo sobre o qual estão construídos os sistemas sociais que as contêm.

A dinâmica cultural local, na comunidade do Bonete, se intensificou com a implantação da escola, a presença de turistas surfistas e a canoa motor facilitando as viagens para o continente. Esses fatos estreitaram os contatos dos habitantes do Bonete com as pessoas da cidade e o intercâmbio de ideias é intenso, provocando uma movimentação no modo de viver da sociedade local. Hoje, muitos hábitos antigos e tradições já se perderam.

Fica claro que a cidade já faz parte da vida do Bonete, tendo como consequências sua inserção no contexto da sociedade moderna. Na maioria das vezes, a sociedade urbana vê aquela comunidade segundo uma visão embebida de eucentrismo ou de uma compaixão paternalista.

Os valores socioculturais, presentes no convívio do povo boneteiro, evidenciam o seu desenvolvimento ao longo da história; nesses momentos é que se entregam ao aprendizado e ao ensino das técnicas, aguçando a criatividade, desenvolvendo as artes e a consequente fixação de símbolos antigos, produzindo novos símbolos culturais como resultado da adaptação de crenças antigas a novos paradigmas de existência e transcendência. De acordo com D'Ambrosio

O homem executa seu ciclo vital de comportamento/conhecimento não apenas pela motivação animal de sobrevivência, mas subordina esse ciclo à transcendência, através da consciência do *saver/fazer*, isto é, faz porque está sabendo e sabe por estar fazendo.¹⁰³

Estes saberes e fazeres estão constituídos nos contextos circunstanciais das atividades e as suas representações cognitivas dependem de recursos simbólicos disponíveis na cultura.

Olhando como quem finge não ver e ensinando como quem finge não perceber a presença da criança, o modo de ser e de saber e fazer vai sendo transmitido: aguçando a criatividade, promovendo a internalização dos signos e a elaboração e construção de novos conhecimentos, adaptando-os às antigas crenças e a novas estruturas e contextos, provocando o movimento e a dinâmica cultural.

Assim no mundo do Bonete, o ser boneteiro, o seu patrimônio simbólico determina ações coletivas com o fim de melhorar a existência de todos, com um imenso sentimento de cooperação e responsabilidade social. As trocas de favores obedecem a um conhecimento e valoração desenvolvidos no seio da comunidade. Logo, o trabalho realizado em grupo tem conotação de ritual, de coesão, de radicalização e de pertencimento. Podemos encontrar eco na fala de Geertz quando ele se refere ao mundo cotidiano que se desenvolve em cada contexto:

O mundo cotidiano, no qual se movem os membros de qualquer comunidade, seu campo de ação social considerado garantido, é habitado não por homens quaisquer, sem rosto, sem qualidades, mas por homens personalizados, classes concretas de pessoas determinadas,

¹⁰³ D'Ambrosio, *Etnomatemática: Elo entre as Tradições*, 18.

positivamente caracterizadas e adequadamente rotuladas. O sistema de símbolos que definem essas classes não é dado pela natureza das coisas – eles são construídos historicamente, mantidos socialmente e aplicados individualmente.¹⁰⁴

A situação de significação envolvida neste cotidiano o torna natural, descontraído e envolvente. Todos assumem suas respectivas funções no trabalho que ali vai sendo desenvolvido, o que reforça a estrutura coesa da família. É no desenrolar da vida cotidiana que se constroem os conceitos de espaço, tempo e dimensões; neste caso bastante diferenciados dos que vigoram nas sociedades urbanas.

Nesse desenrolar do cotidiano, repleto de saberes culturais determinado pelo modo de ser dos indivíduos, emerge o saber e fazer matemático, que busca lidar com o ambiente de forma que atenda às necessidades de sobrevivências e de transcendência da comunidade, pois o cotidiano está impregnado de saberes e fazeres próprios da cultura. Essas formas de desenvolvimento estão presentes nas atividades.

Em virtude da grande quantidade de atividades que possibilitam a captação dos conhecimentos matemáticos produzidos nesse cotidiano, realizamos um recorte desse contexto para exemplificar a matemática boneteira.

5.4 A ETNOMATEMÁTICA E A CONSTRUÇÃO DA CANOA BONETEIRA

5.4.1 CONSTRUÇÃO DA CANOA BONETEIRA

A necessidade de o homem deslocar-se através do transporte fluvial, para enfrentar diversos desafios colocados pela natureza e pela vida, levou-o a criar mecanismos que viessem satisfazer essas necessidades. Construiu a canoa de um tronco só que acabou sendo na ocasião um grande avanço para a humanidade.

A cultura de uma sociedade é definidora de sua relação com a natureza e a utilização dos recursos naturais está vinculada aos valores culturais e sociais que cada sociedade estabelece para si.

¹⁰⁴ Geertz, A Interpretação das Culturas. 228-229.

Com a criação dos parques estaduais, na década de 1970, e com a sanção da lei de proteção à Mata Atlântica no final de 2006, nas últimas décadas tem sido extremamente difícil obter uma árvore para a construção desse tipo de embarcação.

A atividade tradicional do caiçara, a construção de canoas, insere-se na problemática ambiental na medida em que a madeira para sua construção encontra-se, atualmente, exclusivamente em área de preservação permanente.

Isso tem feito com que, a cada dia que passa, existam cada vez menos mestres-canoeiros e, com isso, a construção da canoa corre o risco real de, em tempo muito curto, deixar de acontecer, o que seria uma perda significativa não só em termos regionais como para o patrimônio naval nacional.

A canoa é o meio de transporte que, além de principal instrumento da pesca artesanal, faz parte da vida dos pescadores. É também a mais importante produção material da cultura caiçara em Ilhabela, definidora de relações de solidariedade e reciprocidade e da própria identidade cultural do grupo. Representa uma autonomia da comunidade e status para os pescadores.

A canoa usada na pesca na Ilha é conhecida como canoa bordada e borda alta ou borda falsa, e confeccionada de um pau só.



Figura 35: A bocada da canoa boneteira em julho de 2008

Atualmente, a grande dificuldade para confecção da canoa de um tronco só é a proibição do cortar árvores; uma das soluções está sendo a utilização de madeira apreendida. Apesar de ser pouca, é uma das possibilidades dos caiçaras das

comunidades tradicionais terem suas chances de obterem sua canoa, que para eles é o meio de locomoção e de sobrevivência.

De origem indígena e extremamente arraigada na cultura caiçara do litoral norte, a canoa é construída com um único tronco de árvore. Quanto maior a árvore, maior pode ser a canoa.

Quando árvores propícias para a confecção das canoas são derrubadas por interferência da natureza. Os técnicos da Prefeitura e Casa da Agricultura estudam o motivo da queda e podem destinar aos artesãos, após autorização de órgãos como o DEPRN (Departamento Estadual de Proteção de Recursos Naturais) e Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais (Ibama).

Os pescadores têm algumas dificuldades para se manter na atividade pesqueira por falta de embarcações. O aproveitamento de árvores derrubadas pelo vento e das que estão em áreas urbanas são autorizados por oferecerem risco, além de ser uma forma de compartilhar a necessidade dos pescadores com a legislação ambiental, mas não é suficiente para o ofício deles.

CONSTRUÇÃO DA CANOA BONETERIA

Através de nossas entrevistas com os mestres boneteiros sobre a construção de canoa, vamos construir os momentos desta atividade.

PRIMEIRO MOMENTO: ESCOLHA DA MADEIRA.

Este trecho da entrevista 11, página 2, com o senhor D. S. e seu filho C. S., explica como aprendeu a fazer canoa boneteira e algumas diferenças da canoa boneteira para outras canoas:

S. M.: É. O senhor Daniel, como o senhor aprendeu fazer canoa?

D. S.: Aprendi com a minha curiosidade, eu pegava o machado, ia pela mata, cortava madeira e, assim, fui aprendendo, até que me tornei um canoeiro, né.

S. M.: Uma coisa que eu queria saber, esta canoa feita aqui, no Bonete, tem diferença das canoas feitas nos outros lugares da Ilhabela?

D. S.: Tem diferença, a diferença é que nós aqui, no Bonete, nós escolhemos a madeira melhor, a madeira de lei, que a turma chama, né?

S. M.: Quais são as madeiras melhores?

D. S.: Cedro, cobí, cobirana, urucurana estas são as madeiras superiores, que dura mais, depois que faz a canoa, dura até trinta ano, trinta, quarenta.

S. M.: Nossa e quantos quilos pesa? Em geral quantos metros é a canoa?

D. S.: Em geral dá vinte toneladas menina, até mais.

S. M.: Quais são as diferenças da canoa construída no Bonete com outras construídas fora? O senhor já falou que a madeira é melhor.

D. S.: Tem outras diferenças.

S. M.: Quais são?

D. S.: É que a canoa daqui nós acostumamos fazer, assim, dez metros, nove metros todo comprimento e fora daqui não fazem a canoa conforme nós fazemos, aqui aproveita a madeira, eles fazem mais curta é sete metro, oito, no máximo é oito, e nós, aqui, o máximo é quase dez, nove e oitenta, por aí, nove e meio. Então, nós aproveitamos a árvore e tudo isto, o comprimento da canoa também é superior, porque nós aqui, para levar carga, vamos supor, assim passageiro.



Figura 36: Comprimento Canoa Boneteira em julho de 2008

Continuando na mesma entrevista, página 2, o filho C. S. detalha as diferenças encontradas nas canoas boneteiras.

S. M.: E tem outras diferenças também? Pode falar, né?

C. S.: É o feito da canoa, o feito do boneteiro é muito diferente de outro lugar, não se encontra canoa bonita igual à do Bonete, você vai em outra

praia, aí, vai ver canoa, mas não tão bonita igual a daqui todo mundo fala isto.

S. M.: Feitio que você fala, que parte que é?

C. S.: É acabamento. Mais bonito, mais bem acabado, mais bem tirada a canoa, entendeu, são muito mais diferente. Nas praia na Ilha, em qualquer lugar, Ubatuba faz canoa, em Santos, lá pro Itanhaém, Peruíbe, Santa Catarina faz canoa, mas a do Bonete é diferente.

D. S.: A nossa é mais bem feita, mais bem acabada e, depois, a gente se tornou também um bordador de canoa.

S. M.: O que é ser um bordador de canoa?

D. S.: É o seguinte: a gente tem que tirar primeiro as duas bossada de proa, depende de uma árvore grossa, ajeitosa, até mesmo jeito da bocada. Com tudo isso, a gente ganha na árvore, ganha, ganha no trabalho que está fazendo, porque é todas as bocada que a gente tira não dá, agora, se a gente quiser tirar a roda de proa que é a bossada de proa e quiser aproveitar a árvore,[...]

S. M.: Esta parte da bossada qual é da canoa?

D. S.: É a proa aqui.

C. S.: É a parte que fica jogada em cima.

S. M.: Ah! Certo.

C. S.: É outra madeira não é a mesma madeira, não faz parte do corpo da canoa.

S. M.: Ham!!! Ham!!!!

C. S.: Depois que faz a canoa aí tira a bossada que faz, sem ela a canoa fica fraca no mar.

D. S.: Nós chamamos de batelão.

S. M.: Ah! Batelão.

C. S.: Sem a bossada, fica batelão.

S. M.: Sem a bossada, fica batelão.

C.S.: Você bordou ela fica uma canoa bordada e faz muita diferença na onda, ali pode pegar vento, ali, que ela tira a onda, n, ela corta bem a onda.

S. M.: Certo!

Na entrevista 6, página 1, com o senhor E. J., ele nos informa que:

S. M.: Ah! É boneteiro. O senhor estava me falando que seu avô já fazia canoa.

E. J.: Meu avô era um dos melhores canoieiros daqui da região do Bonete. Praia da Enchovas, praia do Bonete, melhor canoeiro e fazia remo também.

S. M.: Remo também? E o senhor aprendeu fazer a canoa de que forma?

E. J.: Aprendi com meu irmão e morava já perto da Enchovas, então eu precisava de uma canoa, ele que fazia, porque eu não sabia. Ele, fazendo a primeira e segunda, eu já consegui aprender.

S. M.: Então, observando o trabalho do irmão, o senhor foi aprendendo.

E. J.: Ele me levava junto com ele para trabalhar para eu poder aprender. Foi assim que eu aprendi, sabe.

S. M.: Qual que é o primeiro passo para saber fazer uma canoa?

E. J.: Ir na mata, escolher uma madeira boa.

S. M.: O que é madeira boa?

E. J.: Madeira boa, é madeira de lei, que não dê muito bicho, estas coisas assim, tem que ser madeira boa, urucurama, cedro, jatobá, inclusive a canoa que tenho, grande, é jatobá, o nome da madeira, madeira boa porque não é qualquer madeira, esta madeira, figueira a gente não faz, porque é madeira de pouca durabilidade, n, tem que derrubar a árvore, escolhe a árvore boa, ver se não está torta, a gente primeiramente derruba

árvore, faz o estivado, certo, a tora é o comprimento da canoa, n, coloca ela no estivado direitinho, para poder trabalhar com toda segurança, n.
S. M.: O estivado que o senhor fala, é, assim, no chão.
E. J.: É para deixar a tora em cima de três estiva que a gente fala, para ela não ficar no chão, porque senão dá muito bicho.

A entrevista 8, página 1, com F. S., narra também como fazer a procura da árvore:

F. S.: A procura da árvore, primeiro tem que procurar a árvore, para fazer uma canoa grande tem que procurar uma árvore e saber o tamanho que dá, n, a gente olha ela e vê o tamanho.
S. M.: Como que é você vê este tamanho, qual é o tamanho que dá?
F. S.: O tamanho, umas três pessoas de mão dada, em volta dela.
S. M.: É este que é o tamanho bom.
F. S.: Aí, ou duas pessoas que tenha os braços bem grande, também que dá para abraçar ela, aí a gente vê e faz.

Notamos que neste momento os mestres canoeiros estão usando o raciocínio matemático que adquiriram através da observação de outros fazerem, ou mesmo já com algumas percepções desenvolvidas por eles próprios. Quando informa que pode ser também pessoas com o braço bem grande e de mãos dadas, está nos passando a medida do diâmetro do tronco da árvore. Quando estão escolhendo a madeira, o tamanho do tronco, estão usando o pensamento matemático de classificação, portanto na escolha da madeira encontramos várias características do pensamento matemático.

CÁLCULO PARA CHEGAR NA LARGURA DA CANOA

Continuando com a escolha da árvore, na entrevista 11, página 4, com D. S. e C. S.

S. M.: Quando o senhor vai escolher a árvore, o senhor escolhe a madeira e, depois, o que mais precisa olhar na árvore?
D. S.: Se ela é jeitosa, n, do jeito que favoreça fazer uma canoa.
S. M.: E a grossura do tronco?
D. S.: Pela grossura, a gente calcula o tamanho que pode dar uma canoa.
S. M.: E como o senhor faz este cálculo?
D. S.: A gente faz o cálculo, assim, de cabeça, entende.
S. M.: É, assim, você olha ali o tronco.
C. S.: Olha ali, dá uma analisada se aquele tronco, ela serve, ou não, para uma canoa, se está perfeita, se tem muitas falha ou não, aí.

Nesta explicação que faz a relação com a medida do tronco da árvore com a futura largura da boca da canoa, é puro pensamento matemático de cálculo e estimativa.

Na entrevista 8 página 5, F.S., narra:

S. M.: Que mais que falta? Aí. Você me falou naquele outro dia daquela medida do geme.

F. S.: Geme, palmo e meio geme. Palmo, geme e meio.

S. M.: Palmo, geme e meio. Está certo o que eu estou fazendo?

F. S.: Não. Meio é isso aqui.

S. M.: Ah! Então é assim.

F. S.: Geme

S. M.: Aberto, n? Este é geme?

F. S.: É Este é geme, este é meio, palmo, do dedinho ao dedão é o palmo, para fazer o meio é só dobrar aqui.

S. M.: Estes dois e estes dois.

F. S.: Isto aí, quando ela está na mata que a gente mede, n, por dentro dela aqui assim ou mede com uma madeirinha ou antes de cavar, antes de cavar a gente vê quanto vai dar.

S. M.: Este geme só mede nesta parte da canoa, na boca?

F. S.: É quando a madeira está em pé antes de cair, antes dela cair que a gente vai derrubar, a gente tira a medida de cipó que a gente chama, pega um cipó grande e dá um contorno dela, ponta a ponta. Uma braça de cipó deu o contorno, dobra ponta a ponta, dobra três vezes, dobrou a ponta, amassou aqui, dobrou mais uma vez, amassa aqui, vai saber a medida completa de canto a canto da canoa, aí, vai lá, mede o palmo. Uma, dois palmo e um geme, três palmos melhor ainda, três palmos e dois games, melhor ainda.

S. M.: O geme é uma submedida do palmo?

F. S.: É uma submedida do palmo.

S. M.: Está certo. (No fundo passa umas pessoas e falam com o Feijão).

F. S.: O meio é equivalente a um geme, meio, meio palmo de geme, o geme, o geme.

S. M.: O geme é mais ou menos meio palmo, é isso?

F. S.: É. O geme é equivalente quase um palmo, o meio chega a equivalente a um geme.

Este entrevistado usa as medidas geme e meio geme como submedidas do palmo. Geme é comprimento do nosso polegar até a ponta do indicador abertos. Meio geme é do indicador até o dedo do meio, abertos também.

Usam um sistema de medidas, com braças, palmo, dedo; verificamos que usam o sistema de medidas baseado nas partes do corpo humano.

Mesma entrevista página 6:

F. S.: Quando a canoa também, quando fez o derrubado dela, a gente mede este lavrado aqui.

[...]

F. S.: A gente mede isto aqui, olha. Quanto tem de lavrado?

S. M.: Quanto tem aqui? Mais ou menos?

F. S.: Se der um palmo é mesma coisa, um geme ou meio, meio não pode, meio é muito baixa a canoa, vai ter que, para não perder, tem que trazer para pôr uma madeira, uma sobreborda pequena, você olha e pega uma madeirinha, mede e corta. O pessoal fala assim quanto deu tua canoa de lavrado? Ah! Deu dois palmo de lavrado, n bom, deu um palmo e um geme, n bom, se der um palmo.

S. M.: É pouco.

F. S.: É pouco ainda, mas fica bom por causa da sobreborda que põe, mas é uma canoa baixa para sair pra água

Na entrevista 11, iniciando na página 7, encontramos:

S. M.: Você mede alguma coisa ou só olha, dá um abraço, o quê?

C. S.: Quando é uma canoa grande para motor, a gente tira um pedaço de cipó na mata, n, um cipó fino para não roubar muito espaço, cipó grosso ele é muito grosso é difícil de esticar, um cipó fininho, estica bem ele, tipo umas duas braças e meia, daria aí três metro de contorno e põe em volta da madeira e tira a medida, se ali der três, dobra em quatro, corta certinho em volta. Aí dobra em quatro, duas parte vai fora e duas fica, n, pai? É duas? Ou é meio a meio? É meio a meio, metade, metade do cipó?

D. S.: Dobra em quatro e tira uma.

C. S.: Isso.

D. S.: Tira uma.

C. S.: Tira uma.

S. M.: Dobra em quatro.

D. S.: Dobra em quatro e uma é para gente.

S. M.: Sei.

D. S.: Esta parte que aproveita, a gente já faz a base, bom, deu três palmos, um palmo dá vinte centímetros, então dá sessenta [...].

S. M.: Se o senhor tirou uma parte que deu sessenta centímetros, mais ou menos, vai render, vai ter um rendimento de quanto?

D. S.: De uns três dedos, seis centímetro.

S. M.: De seis centímetros.

C. S.: Vou fazer uma análise para senhora, mais ou menos, como seria na mata eu estivesse na mata agora, eu ia ver uma madeira. Aí, tipo assim, isso aqui seria um pedaço de cipó.

S. M.: Isso.

C. S.: Lá é difícil, a gente não leva, n, eu ia colocar na madeira juntar uma ponta na outra, bem certinho.

S. M.: Isso na circunferência, em volta da árvore?

C. S.: Em volta da árvore.

S. M.: Certo.

C. S.: Entendeu?

S. M.: Passa o cipó em volta da árvore.

C. S.: Isso. Depois, ia cortar certinho, ia pegar, juntar uma ponta na outra, esticar assim.

S. M.: Ficou em dois. Aí vai fazer mais uma em quatro.

C. S.: Mais uma, aí ia ficar em quatro partes.

D. S.: Aproveita uma dessas.

S. M.: Aí os sessenta centímetros que o senhor falou é um desses?

D. S.: Isso.

[...]

C. S.: Dividi.

S. M.: Você pega uma parte.

D. S.: Agora, a gente divide em três, tem um rendimento de trezentos.

C. S.: Uma canoa remo tipo, esta madeira será que dá uma canoa a remo? Mede um, dois palmo e quatro dedo, daria uma canoa boa para mim pescar com a canoa a remo.

S. M.: Como você sabe que uma canoa de dois palmos e quatro dedos dá uma canoa boa? É a experiência?

C. S.: É experiência, é a canoa boa para pesca, n, do remo, no remado, para pescar a remo, para jogar uma rede, para motor, não, para motor já seria de três palmo, três palmo e quatro dedos, três palmo e pouco.

S. M.: Ah!

C. S.: Aí seria uma árvore bem maior, aí já precisa de uma árvore de tipo duas braçadas da minha mais dois palmo, duas braçadas e meia.

D. S.: Se der três palmo, assim, um pedaço deste se der três palmo, já dá uma canoa para motor.

C. S.: Uma canoa pequena.

D. S.: Porque na mente da gente, na gente trabalhar assim, na prática ela tem um rendimento de três dedos, então, estes três dedos, quando fosse usar a canoa, aí deu somente três palmos que nós medimos, e deu três palmos e três dedos acrescentou três dedos.

[...]

S. M.: Os três dedos seriam na boca?

C. S.: Os três palmos e três dedos seria na boca.

S. M.: Ah! Entendi.

C. S.: daquelas quatro você só mede põe o contorno, daí dobra em quatro, tira aquela medida lá, que mostrei para a senhora, aquela medida só vai uma parte, daquela vai servir para tirar medida da boca. Se tirar uma medida de três palmo e três dedo, aí serve para uma canoa a motor boa, bom tamanho para uma canoa a motor, entendeu?

S. M.: Perfeitamente, eu entendi.

C. S.: A pessoa, quando não tem experiência, é novato e vai na mata, acha que uma canoa de três palmos é uma boa canoa, mas a madeira não é perfeita tem falha, chega em casa, não é aquilo que imaginava, n.

Ficamos pensando que em algum tempo um mestre canoeiro ou quiçá um indígena trabalhou com seu raciocínio matemático genuíno e usando instrumentos de medida retirados da natureza chegou em uma fórmula relacionando o tamanho do tronco com a largura da canoa e este conhecimento obtido é usado atualmente devido a oralidade de geração à geração. Isto é uma das característica da matemática boneteira, portanto é uma das etnomatemáticas.

A INFLUÊNCIA DA LUA NA DERRUBADA DA ÁRVORE

Na entrevista 11, página 7, encontramos o esclarecimento sobre a influência da fase da lua no momento de cortar a árvore.

S. M.: A lua que vocês falam que tem influência na hora de cortar a madeira?

D. S.: Tem muita influência.

S. M.: É na minguante, n?

D. S.: A lua tem três ou quatro monção?

C. S.: Quatro.

D. S.: É lua nova está crescendo, é quarto.

S. M.: É quarto minguante.

D. S.: É três, viu ngel e é lua cheia, três monção, esta três monção da vinte um dias, é sete dias uma monção de lua.

S. M.: Como o senhor chama monção?

D. S.: Monção.

S. M.: Ah!

D. S.: Monção é quando vamos supor.

S. M.: São as fases da lua?

D. S.: [...]. Então, a gente só pode cortar árvore quando ela faz quarto minguante porque a madeira tem uma água, ela é assim como nós, nós temos o nosso sangue, n, e a madeira tem a água, se a água secar ela morre.

C. S.: Chama-se seiva, n, é a seiva da madeira.

D. S.: Seiva da madeira.

C. S.: Aqui chama a água da madeira vocês conhecem como a seiva, n. Então se estiver com muita seiva, dependendo da lua, porque a lua, quando está crescente, a madeira fica com muita seiva se cortar ela lasca.

S. M.: É.

D. S.: Por isso que tem escolher na lua minguante, antes de fazer lua porque o dia da lua, se for cortar madeira, lasca inteira.

S. M.: Quantos dias antes?

D. S.: Dois dias antes.

S. M.: Dois dias antes, tem que ser na monção, na monção da minguante?

D. S.: A lua nova foi hoje, então, depois de amanhã, você pode pegar o machado e ir para o mato cortar a madeira.

S. M.: Ah! Entendi. Isto é importante.

D. S.: É que nem lua cheia, a lua cheia no quarto de lua, está fazendo lua está crescendo você não pode cortar a madeira porque ainda resta um pouco de água na madeira e pode partir a canoa inteira.

C. S.: E parte mesmo, dona Sílvia.

S. M.: Tem que ser antes da minguante.

D. S.: Tem que ser antes, viu. Ou depois da lua, tem que ser depois da lua.

C. S.: Tem pessoa que perde a canoa inteira. Meu irmão, a gente cortou um ngelim, daria uma canoa boa o ngelim, aí, meu irmão [...]. Meu irmão derrubou um ngelim, a lua estava grande ele arrasou, começou cavoucar, começou aparecer uma racha, canoa boa, uma madeira boa, aí ele veio embora e falou, minha canoa lascou. É ruim. Ele falou, não, lascou mesmo, a gente foi lá, lascou, abriu pelo fundo, perdeu a madeira toda não pode fazer mais, quanto mais cavava mais ela abria.

S. M.: E que lua que era?

C. S.: Foi depois da cheia, acho que.

S. M.: Bacana.

C. S.: Entre a cheia e a minguante.

D. S.: Não pode, dia de lua tem que respeitar, é três dia antes ou três dia depois.

S. M.: Ah! Pode ser três dias depois?

D. S.: Pode ser, só não pode ser no dia de lua.

S. M.: Por exemplo, não pode ser no dia da minguante. Tem que ser três dias...

D. S.: Nem minguante, nem crescente e nem cheia, não pode ser, nestas luas, nestes dias, não pode cortar madeira, se cortar, ela parte.

S. M.: Certo. Se for três dias antes da minguante, dois dias, o senhor falou, que é o ideal ou dois dias depois?

D. S.: Dois dias antes ou dois dias depois.

S. M.: Só da minguante?

D. S.: Não de todas as luas.

S. M.: Ah! Pode ser de todas, pode ser crescente.

D. S.: Sabe qual é a lua mais perigosa. A lua mais perigosa que tem para cortar a madeira, se não souber, é a crescente, a nova, ou melhor, crescente, não, lua nova e é a lua cheia. Aí não tem jeito.



Figura 37: Madeira lascada cortada na lua “errada” em julho de 2008

Continuando na entrevista 8, página 1, o narrador informa seu conhecimento sobre o corte da madeira

F. S.: Aí, ou duas pessoas que tenha os braços bem grande, também que dá para abraçar ela, aí a gente vê e faz. Para derrubar tem que esperar a lua minguar, por causa da força da lua, né, se derrubar com a lua crescendo ou cheia, ela parte aí a gente perde a árvore, tem que só na minguante, aí faz a derrubada dela para fazer a canoa, este é o primeiro processo para fazer a canoa a motor, né. Depois deixa passar, ela lá no chão vai lá tora o galho, tira o galho aí ela já está só o tronco. [...]. Aqui ninguém desperdiça, sabe, só desperdiça madeira quando lasca na derrubada, né, tem muitos canoeiros que espera a lua minguar, mas tem que deixar passar três dias da minguante para depois derrubar, o cara, tipo amanhã, vai ser a minguante, o cara já vai derrubar, a força da lua defende muito a madeira, a lua, água, o mar por causa da mudança de maré por causa da lua, a terra, quando a terra gira isso prejudica toda a derrubada para fazer uma canoa.

[...]

S. M.: Para madeira ficar boa, tem que ter calma, tem que esperar a natureza para poder fazer.

F. S.: Quando lasca, perde a madeira inteira sabe é como uma moto serra na madeira.

S. M.: Não dá para usar mais aquela para canoa.

F. S.: Não dá, é uma árvore morta, né, estava viva, vai derrubar vai deixar ela morta não vai aproveitar. Tem que ter muita cabeça quando for fazer, pensar que lua é, lua boa, três dias depois da minguante.

S. M.: É o dia certo para cortar.

F. S.: A minguante é antes da nova, é nova que chama, lua nova.

SEGUNDO MOMENTO DESBOJA / ARRASA / CAVOUCA O TRONCO AINDA NO MATO

As atividades de desbojar, arrasar e cavoucar são realizadas na mata para poder o tronco ficar mais leve para ser levado à casa do mestre canoeiro para seguir com a confecção.

Na entrevista 8, encontramos na página 1.

F. S.: [...] Aí vai para o processo, que é para fazer o toldo dela, que a gente chama de arrasar, faz o toldo que é o processo que a gente chama de arrasar e, depois, a gente desboja, que é o lavrado do lado, começa cavoucar.

S. M.: Este desboja tem uma hora que você tem que parar, você tem que saber?

F. S.: Não, o desbojar dela é rápido, né, em um dia você faz, tem o lavrado do lado da canoa do lado da borda que chama, começa cavoucar.

S. M.: Me empresta a canoinha que você tem; quero mostrar uma coisa para você para ver se eu entendi o que é o desboja. O desboja é quando você faz esta parte, não?

F. S.: Não, o desbojo é esse aqui, a borda dele.

S. M.: Há ! A borda, tá.

F. S.: A parede dela. Aí, começa o processo de cavoucar, isso aqui.

S. M.: Tudo no mato ainda?

F. S.: Tudo no mato, depois que você cavouca ela, aí você tem que virar ela, virar assim. Aí faz outro, arraso que a gente chama, né, só que é um arraso reto, daqui você olha, a gente usa linha com pó de carvão molhado na água, uma régua e o prumo, aí você risca daqui aqui. Primeiro a gente tira uma meta aqui, né.

S. M.: Este risco que vocês usam carvão, a linha, é aqui nesta parte?

F. S.: É.

S. M.: É a canoa virada, então, com boca para o chão.

F. S.: Depois de cavado, é o processo, depois de cavado aí tem que fazer o corpo dela, tem que fazer o corpo dela, aí você bateu a linha aqui, assim, você começa tirar isso aqui, é o corpo, aí começa bater aqui assim que chama dergado esta parte aqui.

S. M.: Como que é?

F. S.: Dergado de popa e dergado de proa. Este aqui é o dergado de proa, começou tirar aqui, você tira meio cheio, né, para, depois, tem que virar a canoa e repicar, é outra cavoucada para deixar a canoa mais fina.

S. M.: O repicado aqui já é na boca, já é na abertura?

F. S.: É, já fez o cavado dela que a gente trabalha com o machado na base da força e depois que vai repicar usa o machado e o enxó, o enxó-goiva grande, que a gente chama. Aí deixa a medida.

[...].

F. S.: Aí deixa ela bem, com uma espessura boa para descer ela para praia que vai fazer o acabamento final.

S. M.: Até você usar o enxó. O que você faz no mato?

F. S.: A gente além de fazer a tora a gente faz só o primeiro, a gente chama o primeiro corpo da canoa, o primeiro acabamento da canoa.

S. M.: Ainda com o machado?

F. S.: Com o machado, aqui,[...]

Entrevista 6, página 2, o senhor E.J., nos explica como escolher o lado para boca da canoa.

[...]. Aí, o primeiro serviço é arrasar a madeira, arrasa, escolhe o lado certo de arrasar, porque não é qualquer jeito que a gente vai arrasar a madeira para fazer a canoa.

S. M.: Como é esta escolha?

E. J.: A escolha é o lado arcado que fica para boca, não pode fazer assim, a boca aqui, tem que fazer assim, tem que, né, o lado, virar ela e escolher o lado bom certo, para arrasar. Bom, arrasa primeiro, depois, desboja de lado com a linha, pega duas linhas comprida faz uma tinta de carvão, né, leva carvão de casa faz a tinta no mato mesmo, põe água, faz a tinta, coloca o carvão, sabe, linha direitinho e já desboja a canoa, certo, e, depois, de desbojar vai cavoucar, de maneira bruta, aí, aí que é dose.

S. M.: Vai tempo?

E. J.: Oh!Oh! Oh! Vai muito tempo, cavouca com o machado inteira, depois de cavoucado, aí tem que pousar a canoa, fazer a borda de proa.

S. M.: Como o senhor sabe que está na hora de parar de cavar?

E. J.: Aí, a gente sabe, porque é a madeira bruta, tira com o machado primeiro, aí já dá o primeiro acabamento por dentro, no cavouca, que a gente fala depois né de cavoucar, a gente vai tosar a canoa, tosar a canoa é cintar com a linha novamente. Fazer a parte de proa, tomar o meio para ela não ficar pensa, tem que ser bem no nível, nivelar ela para ela não ficar torta, certo.

S. M.: Como o senhor vê esta questão do nível?

E. J.: A gente leva o nível para o mato.

S. M.: É um nível de barbante?

E. J.: É um nível de madeira, pequeno assim, que a gente compra na barraca e tem uma régua comprida assim, a gente põe em cima da borda, põe o nível para ela não ficar pensa, aí a gente tosa, faz a boca de proa, depois vira ela boca a baixo, tosou a canoa tá pronta vira boca baixo para tirar a madeira por fora, sabe, tira por fora e depois que tirou por fora, está pronta por fora, desvira novamente de boca para cima, aí vem o acabamento, que é o repique, é o último serviço no mato, vem repicando de machado, cortando de machado e já vem tirando com o enxó, certo, já vem tirando com enxó, aí ela vai dar o acabamento total do mato, certo, termina o repique, terminou no mato, está pronta no mato, agora tem que puxar esta canoa feitinha e dar o acabamento em casa e tudo que faz no mato, faz tudo novamente em casa. Tem que tosar em casa.



Figura 38: Instrumentos utilizados na construção da canoa em julho de 2008

TERCEIRO MOMENTO É O EVENTO DA PUXADA DA CANOA DA MATA

Neste momento de levar a canoa para baixo, isto é para praia, mas fisicamente é para casa do mestre canoeiro; é um evento boneteiro onde aparece a solidariedade de toda comunidade. Os homens para ajudar puxar a canoa e as mulheres para fazer o lanche.

Entrevista 8, página 3, com F.S. narra da utilização da machado na construção da canoa.

F. S.: Com o machado, aqui, também usa o machado quando ela chega aqui em casa, ainda usa o machado, mas quando depois deste processo, que a gente cavouca ela, e deixa pronta lá no mato, aí você tem que pegar o pessoal para ajudar, trinta, trinta e cinco, quarenta, homem para ajudar na corda grossa.

S. M.: Essa é a puxada que eles falam; que é o dia da puxada?

F. S.: É o dia da puxada, que é dia de sábado, só dia de sábado e dá o lanche para o pessoal, né, que a gente dá, compra uns guaraná, pão com mortadela e queijo e o pessoal ajuda a gente trazer.

S. M.: Disse que é pesado e tem um ritmo?

F. S.: Tem.

S. M.: Como que é este ritmo?

F. S.: Depende do jeito da canoa, da espessura que está a canoa, se a canoa está grossa, o ritmo é bem devagar para puxar ela.

S. M.: Não tem um som que é associado com o ritmo, um jeito que grita?

F. S.: É, sempre, a gente chama de proeiro, tem dois proeiro que fica aqui oh, o pessoal está no cabo ajudando, dois cara um de cada lado, conforme faz a força, a gente faz força para ela ir para o caminho que a gente faz, né, a trilha dela, aí, é o grito do proeiro que comanda estes quarenta, trinta e cinco homem na frente puxando, esse é o comando dele, na hora que vai ou não vai. Eles gritam ooooooooooh! Força, força.

S. M.: Eles vão orientando, são os líderes.

F. S.: São os líderes.

S. M.: Aí. Trouxe para baixo.



Figura 39: Puxada da canoa, foto cedida por Claudio Rodrigues dos Santos (Cacao) em 2007

Entrevista 6, página 3, o senho E.J. entrevistado narra que precisa de 40 homens para puxar a canoa.

E. J.: Aí precisa de muita gente para ir buscar esta canoa no mato, sabe, inclusive minha canoa precisou quarenta homem.

S. M.: É o que eles chamam de puxada.

E. J.: É puxada. Aí, dá o lanche para o pessoal que vai ajudar a gente no mato, escolhe o rio, a onde a gente vai, no rio ou cachoeira, pessoal senta tudo na beira da cachoeira, toma refrigerante, come o sanduíche, assim.

S. M.: No meio da puxada?

E. J.: No meio da puxada. Bem, no meio da puxada, para aguentar chegar aqui à tarde, se não comer não tem como, não é verdade.

S. M.: Desde cedo, vai cedinho?

E. J.: Vai cedinho, sete horas já está andando pelo mato, aí é o serviço pior porque não é fácil arrumar quarenta homem para ir buscar uma canoa no mato. Aí traz a canoa, põe em casa e faz tudo de novo em casa, sabe, só que é muito menos madeira para tirar, no mato é madeira bruta, aí tosa a canoa novamente, linha, faz novamente, a borda de proa, aí, já definitivo para terminar, para proa é preciso ir no mato novamente, derrubar uma madeira com gancho para colocar na proa novamente para alterar a proa, senão fica muito baixa, sabe. A polpa mesma coisa.

Entrevista 11, página 15, o senhor D.S. esclarece que existem duas bitolas para serem usadas na construção das canoas.

S. M.: Então, mais na mata, é a parte do machado?

D. S.: Mais na mata, é mais a parte do machado, a madeira mais grossa, né.

S. M.: É. Pesado, né?

D. S.: Mais pesado. Depois pede mais vinte pessoa, vinte homem para dar uma força, para puxar lá da mata até em casa.

C. S.: Tem duas bitola na mata. Na mata tem uma bitola, deixa uma grossura que é tipo para quando for puxar, se ela der uma pancada numa árvore em uma pedra, ela tem que ter uma grossura boa, de espessura de três dedo, daria cinco centímetro.

D. S.: Mais ou menos.

S. M.: Isto você põe onde?

C. S.: Ela vem com quatro. Assim seria um dez centímetro que ela vem de grossura da mata, de oito a dez centímetro, isso é uma bitola que tem que ficar.

S. M.: Para poder fazer a puxada?

C. S.: Para poder fazer a puxada.

O TRABALHO REALIZADO DEPOIS DA PUXADA DA CANOA – JÁ NA CASA DO MESTRE CANOEIRO

Entrevista 8, página 4

F. S.: Trouxe para baixo, deixou, deixa passar, vai na mata tira os gancho, chama proa, a canoa tem proa mas vai uma sobreproa aqui em cima e uma

popa que é sobrepopa para aumentar a canoa, para deixar ela mais alta. Aí, tira as boçada que mostrei para senhora lá na minha canoa, a boçada de popa também que é árvore do mato, a boçada de proa e de popa é árvore do mato, a gente tira e o meião que é tábuia comprada, tábuia de trinta, seis, sete metro a gente compra para deixar a canoa maior.

S. M.: Isso aqui como se tivesse sido a puxada e trouxe?

F. S.: É, isto é.

S. M.: Foi bom que você esclareceu para mim.

F. S.: Isto é. Memo jeito, chega aqui tá do memo jeito.

S. M.: Aí para fazer a terminação?

F. S.: Esta parte só que a gente usa o enxó, não usa o alegre.

S. M.: Tudo bem, na grande usa o enxó.

F. S.: Usa o enxó e o machado. Este é o processo de fazer a canoa e dá trabalho, muito trabalho.

S. M.: São vários dias de trabalho?

F. S.: São. Dá.

S. M.: Em geral, vocês fazem a canoa sozinho?

F. S.: Não. Quando tem a família grande que nem eu e o meu sogro, foi eu e ele. Mas tem gente aí que faz sozinho, o carpinteiro faz sozinho, é o dia inteiro no mato de segunda a segunda.

S. M.: Então, chegou. Chegou em casa, você vai continuar cavoucando ?

F. S.: Não deixa ela parada, a gente deixa passar um mês, depois começa mexer nela de novo, que é para pôr a proa, a popa, a boçada, embanca ela primeiro, tem que por os bancos, vê que largura você quer a canoa, embancou, bordou ela, pintou, tendo o motor já coloca o motor e põe ela para funcionar, para andar, tem o leme que a gente põe, o eixo para colocar e o leme para colocar.

S. M.: Certo, se pegar firme vai mais quanto tempo aqui embaixo, depois que chegou?

F. S.: Dependendo se o cara quer usar ela rápido, ele deixa passar uma semaninha, já vai para o mato e mexe para uso dele rápido, né. Dá uma semaninha só para descansar porque foi correria na mata toda fazendo ela. A minha demorou muito, a minha, a minha foi um ano na mata.

S. M.: Agora, está quase pronta?

F. S.: A Ebenézer está pronta.



Figura 40: Canoa Ebenézer em janeiro de 2008

Entrevista 6, página 4, encontramos:

E. J.: Aí traz a canoa, põe em casa e faz tudo de novo em casa, sabe, só que é muito menos madeira para tirar, no mato é madeira bruta, aí tosa a canoa novamente, linha, faz novamente, a borda de proa, aí, já definitivo para terminar, para proa é preciso ir no mato novamente, derrubar uma madeira com gancho para colocar na proa novamente para alterar a proa, senão fica muito baixa, sabe. A polpa mesma coisa.

S. M.: Estes instrumentos o senhor tem todos? Estes instrumentos que são usados na construção da canoa o senhor tem?

E. J.: Olha. A enxó e o machado a gente tem, a enxó-goiva já não tem mais, tem que emprestar de quem tenha para gente fazer, não tem mais para vender.

S. M.: Este que raspa.

E. J.: É a enxó-goiva, a gente não tem.



Figura 41: Enxó em janeiro de 2008

S. M.: Que é uma mãozinha.

E. J.: O machado eu consegui comprar na feira, na barraca.

S. M.: E esta régua que o senhor falou?

E. J.: A régua pega em casa mesmo, uma régua bem direitinha de madeira, uma régua direitinha de cinco centímetro.

S. M.: Régua pequena?

E. J.: Para poder posar a canoa, para ver se ela está pensa se não está. Se está pensa põe um calço do lado, ela endireita, isso aí é fácil de fazer.

S. M.: É a simetria?

E. J.: Em casa é o acabamento, tem a gente tira de enxó, tem que passar a plaina por dentro, por fora, por dentro não dá, tem que usar aquela lixadeira de mão para alisar tudo, compra vidro de lixa, o acabamento em casa é mais fácil, no mato é mais difícil.

S. M.: Em geral leva um ano fazendo uma canoa?

E. J.: Não, não no mato um mês inteiro ou trinta dias faz, a minha canoa levou um pouquinho mais que trinta dias porque a madeira era mais dura, em casa uns vinte dia fica pronta e, depois, vem a bordadura da canoa,

sabe, põe a popa, põe a proa novamente em cima da mesma canoa cola, prega tudo, sabe, agora, vem a bordadura da canoa, aquela borda, né, que vai em cima da canoa.

S. M.: É o contorno, é isto?

E. J.: É o contorno, ela fica maior.

S. M.: Ah! Tá.

E. J.: É contorno para ela ficar mais alta para poder pegar mais carga, né? Então a gente tira no mato, as duas de popa tem que tirar no mato. Agora, o meião que vai no meio da canoa, que vai em cima da canoa, a gente compra em São Sebastião, no depósito duas madeira de duas tábuas de cinco metro cada uma e depois pinta a canoa, passa um óleo, como fiz na minha, para durar mais a madeira, duas ou três mão depois pinta a canoa e a canoa está pronta de viagem.



Figura 42: Interior da Canoa boneteira em janeiro de 2008

S. M.: A do senhor tem quanto de tamanho, de comprimento?

E. J.: A minha canoa tem nove metros e meio de comprida e tem mais ou menos um metro de boca, deve ter um metro de boca.

S. M.: É grande.

E. J.: É muito grande.

Entrevista 11, página 8, informações sobre a importância da fase da lua no corte da árvore.

S. M.: No mato até onde vocês fazem, cavouca no mato?

C. S.: Tudo é o mesmo serviço que faz em casa, faz no mato, só não borda no mato porque não dá senão quebra. É o mesmo serviço que faz no mato, faz em casa. Vai cavoucar de novo, vai afinar ela, vai tosar.

D. S.: É acabamento.

C. S.: Acabamento. Aí, meu irmão derrubou um angelim, a lua estava grande ele arrasou, começou cavoucar, começou aparecer uma racha, canoa boa, uma madeira boa, aí ele veio embora e falou, minha canoa lascou. É ruim. Ele falou, não, lascou mesmo, a gente foi lá, lascou, abriu pelo fundo, perdeu a madeira toda não pode fazer mais, quanto mais cavava mais ela abria.

S. M.: Depois, aqui embaixo, você vai...

C. S.: Depois da puxada é a segunda bitola para deixar ela no acabamento final, pronta para uso. Se deixar ela fina na mata, pode dar uma pancada no descer o morro e dar uma pancada numa pedra, numa árvore parte e fica lá mesmo e aí não dá para aproveitar mais.

S. M.: Esta bitola vocês tem uma madeirinha, não, é só de cabeça?

C. S.: A gente tem de cabeça e faz. É tipo, vou fazer uma para senhora, vou mostrar.

CONFECÇÃO DO REMO

Nós fizemos a entrevista com o senhor E.J. que, atualmente, é o único que sabe fazer remo no Bonete e é referenciado em toda a região:

E. J.: Agora, o remo é mais fácil, o remo eu aprendi quase sozinho, fui uma vez no mato com meu cunhado, que, agora, ele faleceu, ele me ensinou tirar a primeira vez, na segunda vez, fui sozinho já tirei.

S. M.: O que precisa ver na madeira para tirar?

E. J.: Uma madeira fina assim, mais ou menos, esta espessura assim, a gente tem que lascar no meio, é uma lasca de dois palmo de comprimento só, comprimento do remo que a gente usa na canoa, a gente tem que lascar com o machado no meio, porque senão fica com o miolo, aí ele entorta, não pode ficar com o miolo, este lascado que a gente dá no meio é para tirar o miolo da madeira, sabe, senão ele entorta, aí a gente faz a pá no mato, dá mais ou menos o acabamento mais ou menos no mato, trás para casa, dá para trazer dois de vez. Em casa, a gente dá o acabamento.

S. M.: Uma árvore dá dois remos?

E. J.: Dá quatro remos dependendo do comprimento, de quatro metro, assim, dá quatro remo.

S. M.: É o mesmo tipo de árvore da canoa?

E. J.: Não. A madeira do remo tem que ser, a melhor madeira para remo é o guacar, a madeira boa, guacar, depois vem caxeta, bocuí do sul e bocuiba, só estas quatro madeira que é boa para remo. Eu faço bastante remo, eu vendo aqui para o pessoal memo, pessoal do Bonete.

S. M.: O senhor tem remo aí para fotografar?

E. J.: Eu tenho um ali mas está pintado da canoa, eu fiz.

S. M.: A canoa está aí também?

E. J.: A canoa está lá na praia, lá embaixo, o remo é fácil de fazer, mas a canoa dá muito trabalho.

S. M.: A canoa, né.

E. J.: Canoa dá muito trabalho.

S. M.: O que é mais difícil na canoa?

E. J.: O mais difícil na canoa é cavoucar com o machado, porque é cada pedacinho de madeira, mais de quarenta centímetros que tem que cortar com o machado, uma canoa de comprimento nove metros e meio para cavar tudo isto no machado, o tempo que não leva de madeira dura, dura mesmo.

S. M.: Tem um ponto ideal que tem que parar?

E. J.: É o cavouca, a gente trabalha um pouco, descansa, para come alguma coisa, aí vai o dia todo, no outro dia sobe novamente para o mato,

e assim vai o mês direto, é difícil. É isso por enquanto é isso que a gente faz.

O pensamento do mestre canoeiro na construção da canoa é matemático, dentro da concepção da etnomatemática, e que existem várias matemáticas.



Figura 43: Boneteiro segurando o Remo em julho de 2008

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ana Maria A. Goldfarb escreve que:

História da Ciência do século xx para cá recuperou para a ciência o seu papel de conhecimento produzido pela cultura humana, um conhecimento especial como outros conhecimentos, foi construído e inventado pelo ser humano¹⁰⁵

Terminando esta pesquisa sentimos um misto de alegria e tristeza; alegria pela realização e por termos tido a oportunidade de conviver com a comunidade boneteira e tristeza por não ter conseguido passar para o papel todos os elementos que foram pesquisados nesta comunidade tradicional, por vários motivos, sendo o maior deles a falta do tempo.

Fica ainda muita pesquisa para fazer em termos de etnomatemática na comunidade da Praia do Bonete de Ilhabela.

Como foi necessário ficarmos com um recorte só, escolhemos a construção de canoas boneteiras. Pudemos detectar o saber e o fazer matemático deste grupo de pessoas, esclarecendo e ampliando nossos olhos para etnomatemática desta população. Ficou pesquisado, mas ainda não escrito, sobre a confecção das redes de pesca e a pesca dentro da comunidade boneteira e o artesanato boneteiro que é a construção da canoa em miniatura.

Procuramos conhecer, basicamente, alguns dos métodos ou conhecimentos matemáticos utilizados, e após ter completado o processo analítico, pudemos concluir que estimativa, geometria, aritmética, razões e proporções são raciocínios mais usados pelos boneteiros que têm como grau de escolaridade, na grande parte, até a antiga segunda série, hoje terceiro ano do primeiro ciclo, e um raciocínio lógico matemático desenvolvido.

Acreditamos que a produção de conhecimento matemático não pode estar desvinculada do movimento social e da cultura de quem produz essa matemática. As comunidades tradicionais se deparam com o problema de submeterem a cultura do colonizador ou não ter com que sobreviver. Com este trabalho desejamos que a comunidade boneteira tenha sua autoestima valorizada e também colaborar para os boneteiros manterem sua cultura.

¹⁰⁵ Goldfab, *O que é história da Ciência*, 13

Os processos de construção da canoa boneteira estão incorporados no saber e fazer da comunidade e esses processos são partes do que chamamos cultura. Então, a partir deste ponto de vista, a etnomatemática diz respeito não somente às raízes culturais do conhecimento matemático, como também às relações geradas dentro de uma comunidade a qual constrói e modifica a matemática

Queremos com esta dissertação abrir caminho junto com outros trabalhos de etnomatemática para colocar a matemática não para aumentar o poder dos líderes e sim como mais uma habilidade de valorização da tecnologia da comunidade pesquisada, isto é, a matemática utilizada como um benefício, ou seja, etnomatemática.

Passando a conhecer e a valorizar outras matemáticas, a matemática do banco de escola poderá deixar de ser um filtro para a seleção de elementos úteis a estrutura do poder.

Pensamos que o grande desafio da educação boneteira é conciliar necessidade de ensinar a matemática dominante e ao mesmo tempo dar o reconhecimento para a etnomatemática das suas tradições.

Assim como a biodiversidade representa o caminho para o surgimento de novas espécies, na diversidade cultural reside o potencial criativo da humanidade.

BIBLIOGRAFIA

- Alfonso-Goldfarb, Ana. M., e Maria H. R. Beltran, orgs. *Escrevendo a História da Ciência: Tendências, Propostas e Discussões Historiográficas*. São Paulo: Livraria Editora da Física, 2004.
- André, Marli E. D. A., e Menga Lücke. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. 10ª ed. São Paulo: Pedagógica e Universitária Ltda., 1986.
- _____. "Métodos de Coleta de Dados: Observação, Entrevista e Análise documental." In *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. 10ª ed. São Paulo: Pedagógica e Universitária Ltda., 1986, 26-44.
- Araújo, Hilda P. P., e José A. P. Sheik. *Santos: Uma História de Pioneiros, Piratas, Revoltas, Epidemias, Carnaval e Futebol*. São Paulo: Realejo, 2007.
- Ascher, Márcia. *Ethnomathematics: A Multicultural View of Mathematical Ideas*. New York: Chapman & Hall, 1991.
- _____. *Mathematics Elsewhere: An Exploration of Ideas Across Cultures*. 3ª ed. Princeton: Princeton University Press, 2005.
- Barton, Bill. "Dando Sentido à Etnomatemática: Etnomatemática Fazendo Sentido." In *Etnomatemática: Papel, Valor e Significado*, org. José Pedro Machado Ribeiro, Maria do Carmo Santos Domite e Rogério Ferreira, 39-74. São Paulo: Zouk Editora, 2004.
- Bogdan, Roberto, e Sari Biklen. *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora, 1994.
- Borba, Marcelo C., e Jussara de L. Araújo, orgs. *Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.
- Buark, Cícero. *O Triângulo de Ilhabela e seus Mistérios*. São Paulo: DAG Gráfica e Editorial Ltda, 1992.

Cali, Plácido. *Sítio Arqueológico Engenho Pacuíba / Ilhabela – SP*. Ilhabela: Asseart Editora Ltda, 2003

Câmara, Antonio A. *Ensaio sobre as construções navaes indígenas do Brasil*. RJ:,1888.

Carraher, Terezinha N., David W. Carraher, e Ana L. D. Schiemann. *Na Vida Dez na Escola Zero*. 10ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 1995.

Chieus Junior, Gilberto. “*Matemática Caiçara: Etnomatemática Contribuindo na Formação Docente*.” Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação da Unicamp, 2002.

Conrado, Andréia L. “Etnomatemática: Sobre a Pluralidade nas Significações do Programa Etnomatemática.” In *Etnomatemática: Papel Valor e Significado*, org. José Pedro Machado Ribeiro; Maria do Carmo Santos Domite e Rogério Ferreira, 75-87. São Paulo: Zouk, 2004.

D'Ambrosio, Ubiratan. “A Influência da Tecnologia no Fazer Matemático ao Longo da História.” In *Anais do VII Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia*, org. José Luiz Goldfarb & Márcia H. M. Ferraz,159-61. São Paulo: Imprensa Oficial, Edusp, Unesp, 2000.

_____. *Da Realidade à Ação*. Campinas: Summus, 1986.

_____. *Educação Matemática: Da Teoria à Prática*. Campinas: Papirus, 1996.

_____. *Educação para uma Sociedade em Transição*. Campinas: Papirus, 1999.

_____. “Etnomatemática: Um Enfoque Antropológico da Matemática e do Ensino.” In *Idéias Matemáticas de Povos Culturalmente Distintos*, org. Mariana Kwall Leal Ferreira, 25-36. São Paulo: Global, 2002.

_____. “Ethnomatemática: Um Programa.” *A Educação Matemática em Revista* 1, nº 1 (1993): 5-11.

_____. *Etnomatemática. Arte ou Técnica de Explicar e Conhecer*. 5ª.ed. São Paulo: Ática, 1998.

- _____. "Tendências Historiográficas na História da Ciência." In *Escrevendo a História da Ciência: Tendências, Propostas e Discussões Historiográfica*, orgs. A. M. Alfonso-Goldfarb e M.H.R. Beltran, 165-200. São Paulo: Educ, 2004.
- _____. *Etnomatemática. Elo entre as Tradições e a Modernidade*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- _____. "O Programa Etnomatemática: História, Metodologia e Pedagogia." In *III Simpósio de Educación Matemática*, Chivilcoy, Argentina, maio de 2001.
- _____. "O Programa Etnomatemática e Questões Historiográficas e Metodológicas." Conferência proferida no VI Congresso Brasileiro de Filosofia. São Paulo, 6-10 de setembro de 1999, <http://vello.sites.uol.com.br/filosofia.htm>, acessado em 13 de dezembro 2006.
- _____. Prefácio para *Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática*, orgs. por Marcelo de Carvalho Borba e Jussara de L. Araújo. Belo Horizonte Autêntica, 2006.
- _____. "The Program Ethnomathematics and the Challenges of Globalization." *Circumscrebere* 1 (2006): 74-82, <http://revistas.pucsp.br/index.php/circumhc/article/viewFile/552/1007>.
- Diegues, Antonio C. S. *Inventário das Áreas Úmidas Brasileiras*. São Paulo: Nupaub, Universidade de São Paulo, 1989.
- _____. org. *Ilhas e Sociedades Insulares*. São Paulo: Nupaub, Universidade de São Paulo, 1997.
- _____. *Ilhas e Mares. Simbolismo Imaginário*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- _____. *O Mito Moderno da Natureza Intocada*. 5ª ed. São Paulo: Nupaub, Universidade de São Paulo, 2004.
- _____. org. *História e Memória Caiçara*. Vol. 4 da *Enciclopédia Caiçara*. São Paulo: Nupaub, Universidade de São Paulo, 2005.
- Diegues Junior, Manuel. *Etnias e Culturas do Brasil*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1963.
- Domite, Maria C. S. "Ubiratan D'Ambrosio e a Etnomatemática." In *Ubiratan D'Ambrosio*, org. Wagner Rodrigues Valente, 143-160. São Paulo: Annablume; Brasília: CNPq, 2007.

- _____. José P. M. Ribeiro e Rogério Ferreira, orgs. *Etnomatemática: Papel, Valor e Significado*. São Paulo: Zouk, 2004.
- Edson, Paulo. *O Corsário de Ilhabela*. Itu, SP: Ottoni, 2008.
- Ferreira, Mariana K. L. *Idéias Matemáticas de Povos Culturalmente Distintos*. São Paulo: Global, 2002.
- Ferreira, Eduardo S. “Os índios Waimiri-Atroari e a Etnomatemática.” In *Etnomatemática: Currículo e formação de professores*, org. G. Knijnik; F. Wanderer e C. J. Oliveira, 70-88. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2006.
- França, Ary. “A Ilha de São Sebastião: Estudo de Geografia Humana.” Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 1951.
- Freire, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. 37ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- _____. *Pedagogia do Oprimido*. 28ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- Garnica, Antonio V. M. “História Oral e Educação Matemática: Um Inventário.” *Revista Pesquisa Qualitativa* 2, nº 1 (2006): 137-60.
- _____. “Pesquisa Qualitativa e Educação (Matemática): de Regulações, Regulamentos, Tempos e Depoimentos,”. *Mimesis* 22, nº 1 (2000): 35-48.
- Geertz, Clifford. *Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- _____. *O Saber Local*. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- Gerdes, Paulus. *Cultura e o Despertar do Pensamento Geométrico*. Maputo: Instituto Superior Pedagógico, 1991.
- _____. *Etnomatemática: Cultura, Matemática, Educação*. Maputo: Instituto Superior Pedagógico, 1991.
- _____. “Sobre a Produção de Conhecimentos Matemáticos em Países da África Central e Austral.” In *Idéias Matemáticas de Povos Culturalmente Distintos*, org. Mariana Kawall Leal Ferreira, 221-247. São Paulo: Global, 2002.

Goldenberg, Mirian. *A Arte de Pesquisar*. 10ª ed. São Paulo, Rio de Janeiro: Record, 2007.

Halmenschlager, Vera L. da S. *Etnomatemática: Uma Experiência Educacional*. São Paulo: Summus, 2001.

KNIJNIK, Gelsea. "Itinerários da Etnomatemática: Questões e Desafios Sobre o Cultural, o Social e o Político na Educação Matemática." In *Etnomatemática: Currículo e Formação de Professores*, org. G. Knijnik, F. Wanderer, e C.J. Oliveira, 19-38, Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2006.

_____. Fernanda Wanderer, e Cláudio J. Oliveira, orgs. *Etnomatemática: Currículo e Formação de Professores*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2006.

Malinowski, Bronislaw K. *Os argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos motivos nos arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia*. 2ª. ed., SP: Abril Cultural, 1978.

Mendes, Iran, org. *Educação (Etno) Matemática Pesquisas e Experiências*. Natal: Flecha do Tempo, 2004.

Merlo, Márcia. *Memória de Ilhabela: Faces Ocultas, Vozes no Ar*. São Paulo: Educ, 2000.

_____. *Entre o Mar e a Mata: A Memória Afro-Brasileira. São Sebastião, Ilhabela e Ubatuba*. São Paulo: Educ, 2005.

Mussolini, Gioconda. *Ensaio de Antropologia Indígena e Caiçara*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

Piaget, Jean. *Fazer e Compreender Matemática*. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

_____, e Rolando Garcia. *Psicogênese e História das Ciências*. Lisboa: Dom Quixote, 1987.

- Platon, Michail J. *Ilhabela seus Enigmas: Histórias – Lendas – Tesouros – Naufrágios*. São Sebastião: Editora do autor, 2006.
- Polanyi, Michael. *A Lógica da Liberdade: Reflexões e Réplicas*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.
- Powell, Arthur B., e Marilyn Frankenstein, orgs. *Ethnomathematics: Challenging Eurocentrism in Mathematics Education*. New York: State University of New York, 1997.
- Ribeiro, Darcy. *O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- Rosa, Milton, e Daniel C. Orey. “Historical Roots of the Ethnomathematics Program.” *Sacramento State*. <http://www.csus.edu/indiv/o/oreyd/papers/13HistRoots.doc> (acessado em 20 de Setembro de 2008).
- Siqueira, Priscila. *Genocídio dos Caiçaras*. São Paulo: Massao Ohuo-Ismael Guarnelli, 1984.
- Tassara, Helena, e Roberto Linsker. *O Mar é uma outra Terra*. São Paulo: Terra Virgem, 2005.
- Valente, Wagner R., org. *Ubiratan D'Ambrosio: Conversas, Memórias, Vida Acadêmica, Orientandos, Educação Matemática, Etnomatemática, História da Matemática, Inventário Sumário do Arquivo Pessoal*. São Paulo: Annablume, 2007.
- Vieitas, Claudia, Maria Elice B. Prestes, e Paul J. Dale. *Florestas*. Coleção Brasil Natureza. São Paulo: Imprensa oficial, 2008.
- Vilela, Denise S. “Elementos da Teoria da Etnomatemática”. In. *Etnomatemática na Sala de Aula*, org. Eduardo S Ferreira, 21-52. Natal: UFRN, 2004. v.2 Coleção Introdução à Etnomatemática.

Vergani, Teresa. *Educação Ethnomatemática: O que é?* Natal: Flecha do Tempo, 2007.

_____. *Matemática & Linguagens*. Lisboa: Pandora, 2002.